



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA**

VALQUÍRIA POLLI

**A TERRITORIALIZAÇÃO DA AVICULTURA MODERNA NO MUNICÍPIO
DE EREBANGO, RIO GRANDE DO SUL.**

ERECHIM

2014

VALQUÍRIA POLLI

**A TERRITORIALIZAÇÃO DA AVICULTURA MODERNA NO MUNICÍPIO
DE EREBANGO, RIO GRANDE DO SUL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação,
apresentado como requisito para obtenção de grau de
licenciatura em Geografia da Universidade Federal
da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo.

**ERECHIM
2014**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Polli, Valquiria
A TERRITORIALIZAÇÃO DA AVICULTURA MODERNA NO
MUNICÍPIO DE EREBANGO, RIO GRANDE DO SUL./ Valquiria
Polli. -- 2014.
116 f.:il.

Orientador: MÁRCIO FREITAS EDUARDO.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
GEOGRAFIA , Erechim, RS , 2014.

1. MUDANÇAS NA TERRITORIALIDADE CAMPONESA. 2.
AVICULTURA MODERNA. 3. SISTEMA INTEGRADO DE PRODUÇÃO. 4.
EREBANGO. 5. CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO. I. EDUARDO,
MÁRCIO FREITAS, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VALQUIRIA POLLI
A TERRITORIALIZAÇÃO DA AVICULTURA MODERNA NO MUNICÍPIO
DE EREBANGO, RIO GRANDE DO SUL.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo-UFFS

Prof. Me. Everton de Moraes Kozenieski-UFFS

Prof. Dr. Anelise Graciele Rambo

A Jeová Deus que iluminou meu caminho durante esta caminhada;

A minha família que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, principalmente a minha irmã Vanessa onde sua presença significou segurança e a certeza de que não estou sozinha nessa caminhada;

A você Altemir, com quem amo partilhar a vida, obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de trazer-me paz na correria do dia-dia;

E o que dizer a você Alana e Giovane? Obrigada pelo incentivo, pela força, pelo ombro amigo nas horas difíceis;

Aos meus colegas, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas;

Ao professor Márcio com quem compartilhei o que era o broto daquilo que veio a ser este trabalho, e que teve paciência de conduzir-me nessa caminhada;

Aos participantes pela paciência e apoio prestados durante a pesquisa.

RESUMO

Nossa pesquisa propõe investigar como a avicultura moderna de produção de ovos férteis se territorializou no município de Erebango. Discute as unidades de produção de ovos como parte do circuito espacial de produção de ovos da Companhia JBS que através dos contratos de integração forma uma parceria entre a empresa e as famílias e se configura como uma das estratégias da empresa para obtenção de matéria-prima e uma forma de relacionar a empresa com o avicultor ao mesmo tempo em que representa um dos meios pelos quais sua territorialização se processa. A monopolização dos territórios da agricultura familiar, das propriedades se efetiva pelos novos usos do território, que se estabelece com as técnicas e tecnologias da avicultura moderna e seu caráter contratual, redefinindo os usos das propriedades, aspectos estes que acentuam a dependência dos agricultores a empresa JBS, ao capital financeiro e ao mercado, uma vez que toda sua produção é voltada a atender o mercado externo. Essa forma de produção tem feito com que esses agricultores tenham se constituído como tipicamente capitalistas, desde os pontos de vista da produção e das relações de trabalho, transformando a agricultura familiar, devido suas características de produção/integração. Desta forma a monopolização do território pelo capital está exatamente na “sujeição da renda da terra”, que é gerada pelo trabalho familiar. Este trabalho familiar está contido nos produtos que os avicultores colocam no mercado e o interesse dos capitalistas é se apropriar desse trabalho através dos produtos, ou seja, se apropriar da renda da terra. Na mesma forma com o avicultor de Erebango, esse processo de sujeição da renda da terra ocorre nos estabelecimentos que trabalham com a avicultura moderna, pois a riqueza que é produzida é apropriada pelos bancos, indústrias produtoras de equipamentos, redes de supermercados e principalmente pela JBS que se apropria das maiores fatias dessa riqueza produzida. Porém, a tendência é a concentração da produção por alguns produtores, que têm ampliado ou ampliarão a escala de produção, o que demandará mais contingentes de trabalhadores assalariados, enquanto que alguns produtores poderão desistir da atividade se não se enquadrarem no perfil exigido pela empresa, ou seja, a avicultura moderna é uma atividade excludente e concentradora.

Palavras-chave: Erebango. Mudanças na territorialidade camponesa. Avicultura moderna. Sistema integrado de produção.

RESUMEN

Nuestra investigación se propone investigar como la producción avícola moderna de huevos fértiles ha sido territorializada en el municipio de Erebango. Analiza las unidades de producción de huevos como parte del circuito de espacio de la producción de huevos de la Compañía JBS que, a través de la integración de los contratos, forman una alianza entre la empresa y las familias y se convierten en una de las estrategias de la empresa para obtener materias primas y una forma de relacionarse la empresa con el agricultor, mientras representa uno de los medios por los que su territorialización se procesa. La monopolización de los territorios de la agricultura familiar, de las propiedades ocurre por los nuevos usos del territorio, establecido con las técnicas y tecnologías de la avicultura moderna y su carácter contractual, redefiniendo los usos de las propiedades, aspectos que acentúan la dependencia de los agricultores a la Compañía JBS, al capital financiero y al mercado, ya que toda su producción está orientada a satisfacer el mercado externo. Esa forma de producción ha hecho con que esos agricultores se constituyan como típicamente capitalistas, desde los puntos de vista de las relaciones laborales y de producción, transformando la agricultura familiar, debido a sus características de producción/integración. Así, la monopolización del territorio por el capital está exactamente en la “sujeción de la renta de la tierra”, que se genera por el trabajo familiar. Este trabajo familiar se encuentra en los productos que los avicultores introducen en el mercado y el interés de los capitalistas es tomar posesión de ese trabajo a través de los productos, es decir, apropiarse de la renta de la tierra. Sin embargo, con el agricultor de Erebango, ese proceso de sujeción de la renta de la tierra se produce en los establecimientos que trabajan con la avicultura moderna, pues la riqueza que se produce es apropiada por los bancos, las industrias productoras de equipos, cadenas de supermercados y especialmente por la JBS que se apropia de la mayor porción de esa riqueza producida. Sin embargo, la tendencia es la concentración de la producción por parte de algunos productores que han ampliado o todavía ampliarán la escala de producción, lo que exigirá mayor número de empleados, mientras que algunos productores pueden renunciar a la actividad si no se ajustan al perfil requerido por la empresa, o sea, la avicultura moderna es una actividad excluyente y centralizadora.

Palabras clave: Erebango. Cambios en la territorialidad campesina. Avicultura moderna. Sistema de producción integrada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I: A TERRITORIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA CAMPONESA EM EREBANGO.....	15
CAPÍTULO II: A TERRITORIALIZAÇÃO DAS EMPRESAS DOUX-FRANGOSUL E JBS NO MUNICÍPIO DE EREBANGO	43
CAPÍTULO III: AVICULTURA INTEGRADA EM EREBANGO: TERRITORIALIZAÇÃO E MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DA AGRICULTURA FAMILIAR PELO CAPITAL	60
CAPÍTULO IV: PROJETO DE EXPANSÃO DA AVICULTURA MODERNA EM EREBANGO	67
CAPÍTULO V: REORGANIZAÇÃO DA UNIDADE DE PRODUÇÃO/MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO EXPRESSO NA PAISAGEM	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108

INTRODUÇÃO

A avicultura moderna de produção de ovos férteis no município de Erebango, localizado ao norte do estado do Rio Grande do Sul, é uma atividade que iniciou sua territorialização no município em 1999. Porém, por apresentar-se como uma prática que demanda altos recursos financeiros e contínuos investimentos encontra-se presente somente em 12 estabelecimentos agropecuários, muito embora, com uma significativa produção e produtividade.

Nosso interesse pela pesquisa justifica-se pela necessidade de entender a dinâmica avícola do município de Erebango bem como as principais mudanças ocorridas na paisagem, na propriedade e nas dinâmicas produtivas agropecuárias dos últimos anos no município. Famílias que outrora produziam uma grande diversidade de produtos de forma quase artesanal, com o passar do tempo adotaram uma atividade e uma forma de produção única pautada na tecnologia e em técnicas de produção modernas que antes não faziam parte da dinâmica dos estabelecimentos, primeiro com o monocultivo de grãos e posteriormente com a avicultura moderna.

A avicultura moderna vinculada a grandes empresas como a JBS e outras prestadoras de serviços faz com que os produtores integrados exerçam somente a produção de grãos (soja, milho, trigo) aliados à avicultura moderna, adaptando suas unidades de produção de forma à atender as exigências da empresa e do mercado internacional, fazendo com que a paisagem se altere de forma gradativa.

Outro aspecto destacado na pesquisa está relacionado ao grande investimento que os agricultores fazem quando optam por desenvolver a avicultura moderna. São altos valores (R\$ 500 mil por aviário) que agregados a grandes financiamentos fazem com que o agricultor penhore sua propriedade a instituição credora como garantia de pagamento, contraindo assim, dívidas à longo prazo.

A avicultura moderna consiste em uma atividade que requer investimentos sucessivos, pois a cada ano novas técnicas e tecnologias são apresentadas aos agricultores pela empresa que objetiva sempre aumentar a produção e a produtividade, otimizar seus lucros e minimizar suas despesas para competir com empresas de todo o mundo.

No âmbito da Geografia, essa pesquisa será instrumento importante no entendimento das mudanças espaciais que juntamente com o conceito de território usado nos auxiliam na compreensão da desterritorialização de outras formas de produzir e na territorialização da

avicultura moderna no município. Neste sentido são agregados ao espaço geográfico novos elementos que passarão a fazer parte da paisagem. A cada modificação, introdução de infraestrutura, técnica e tecnologias a paisagem se transforma.

Com a introdução da avicultura moderna as mudanças nas relações de trabalho e no espaço são inegavelmente visíveis visto que não é permitido por força contratual aos integrados nenhum tipo de atividade de origem animal como criação de porcos, vacas de leite, bezerros e aves que não façam parte do lote alojado nos aviários. Desta forma a propriedade dos integrados à avicultura moderna resume-se no cultivo de grãos (soja, milho e trigo) e aviários destinados ao alojamento dos frangos de postura.

A atividade avícola moderna e o sistema de “integração” entre o agricultor e a JBS não permite que os agricultores exerçam autonomia sobre sua propriedade, sendo o técnico da JBS os olhos da empresa dentro das propriedades observando e pontuando tudo o que é feito e modificado dentro das unidades de produção.

Assim o objetivo central dessa pesquisa é conhecer e analisar o processo de territorialização da avicultura no município de Erebangó (RS) a partir do sistema integrado de produção de ovos férteis e as transformações socioespaciais feitas nos estabelecimentos em função desta atividade. De forma a alcançar o objetivo geral, a pesquisa buscou investigar outras questões a ele relacionadas que consistem em:

- Compreender a realidade atual da questão agrária no município de Erebangó;
- Investigar as mudanças espaciais ocorridas na organização do estabelecimento após a introdução da avicultura moderna;
- Identificar o perfil socioeconômico das famílias integradas à avicultura moderna;
- Demonstrar as formas de organização produtiva dos estabelecimentos;
- Pesquisar como funcionam as relações de trabalho na avicultura moderna;
- Entender de que forma ocorre à subordinação das famílias ao agronegócio dentro do sistema de integração;
- Verificar o nível de autonomia das famílias em relação à gestão de seu estabelecimento;
- Problematizar os limites da avicultura moderna sob o signo da “alternativa” produtiva ao circuito espacial de produção de grãos.

De forma a alcançar os objetivos proposto, a metodologia adotada compreendeu em um primeiro momento a realização de entrevistas com antigos moradores descendentes de

imigrantes (italianos, alemães e poloneses) com o objetivo de conhecer as técnicas utilizadas nas propriedades e como ocorria a produção familiar de aves e ovos.

Posteriormente, ocorreu uma pesquisa bibliográfica sobre a avicultura, exercício que permitiu que obtivéssemos um conhecimento mais profundo sobre a área de estudo. Em seguida, através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE) a respeito de aspectos como: número de estabelecimentos agropecuários, culturas temporárias e permanentes, número de animais, população e produto interno bruto analisamos aspectos da realidade atual do campo em Erebango.

Também foram aplicadas entrevistas¹ com o técnico da JBS e quatro avicultores do município, que foram escolhidos por apresentarem maior facilidade de acesso à informação, pois os integrados da empresa JBS são proibidos de prestar qualquer informação a respeito de seus vínculos com a empresa, organização de seus aviários ou qualquer nota sobre as formas de produção sendo que destes quatro, um agricultor foi escolhido pelo fato de ter desistido da atividade avícola no ano de 2011. Houve também entrevistas não estruturadas com trabalhadores da avicultura, técnico da EMATER e secretário da agricultura do município.

Cabe dizer que como pesquisadora também acompanho a realidade da atividade avícola moderna, pois meu namorado possui três aviários, então algumas informações que nos permitimos esclarecer nos são privilegiadas por pertencer também a esta realidade. Em muitas oportunidades também trabalhei na coleta, classificação e limpeza dos aviários, além de auxiliar no preenchimento diário de documentos e tabelas, mantendo sempre dialogo permanente com trabalhadores assalariados daquele estabelecimento.

De modo a atender um dos objetivos da pesquisa, após a aplicação das entrevistas solicitamos aos avicultores que desenhassem mapas mentais da propriedade antes da organização da propriedade para atender a avicultura moderna e após a territorialização da avicultura. Obtivemos como produto desta solicitação dois mapas mentais de cada avicultor, com o objetivo de demonstrar as mudanças socioespaciais que ocorrem nas propriedades que se integram à avicultura moderna.

Os mapas mentais utilizados como metodologias de análise das mudanças que ocorreram nas unidades de produção são ferramentas úteis na representação dos espaços que não conhecemos. Segundo Eduardo e Lindo (2011):

¹ O roteiro das entrevistas se encontra em anexo.

Os mapas refletem os interesses de seus autores [...] até mesmo porque os mapas não podem incluir todos os aspectos físicos, detalhes ambientais, sociais ou culturais do espaço que é representado. As decisões sobre o que incluir ou excluir são feitas com base nos interesses daqueles que o fazem. (p.07)

Segundo os autores, o mapa mental é uma metodologia pautada na interação sujeito-sujeito, em que o pesquisador se propõe a conhecer determinado fenômeno estimulando o sujeito pesquisado na participação e elaboração do produto gráfico, uma nova maneira de se construir o conhecimento e conhecer a realidade. O mapa mental constitui importante ferramenta para identificar as alterações na organização do estabelecimento agropecuário que de alguma forma são impostas pela integradora, interpretar e conhecer o espaço vivido dos produtores, com a finalidade de obtermos informações qualitativas que representam o espaço vivido produzido, por esses sujeitos. O segundo mapa mental evidencia a representação de uma paisagem monopolizada pelo capital. Por não comportarem um alto nível de detalhamento em aspectos mais pontuais, o auxílio de trabalho de campo e de fotografias servem de complemento na análise de características mais profundas que o mapa mental não dá conta de exprimir.

Nossa pesquisa é de caráter essencialmente qualitativo. Conforme os trabalhos de Matos e Pêsoa (2009), a pesquisa qualitativa está atrelada a uma perspectiva compreensiva. A coleta de dados é baseada em métodos que não implicam quantificação, mas sim a interpretação dos fenômenos estudados. Para Cgizzotti (1991, apud Matos e Pêsoa, 2009), a pesquisa qualitativa contém algumas características que se centralizam no reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas. Há uma dinâmica entre pesquisador e pesquisado e todos os fenômenos são importantes e preciosos.

Segundo as autoras há alguns aspectos que identificam a pesquisa qualitativa: o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, caráter descritivo, significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida como preocupação do investigador e enfoque indutivo de análise de dados. A pesquisa qualitativa possui uma abordagem mais interpretativa, pela qual é necessário registrar informações, coletar dados, organizá-los e fazer as análises.

Para que a pesquisa pudesse ser efetivada os procedimentos mais utilizados foram: entrevistas com roteiro semi-estruturados, observações, observação participante aliada a técnicas de transcrição de entrevistas, fotografias e mapas mentais como forma de registrar e demonstrar a veracidade e legitimidade das informações coletadas. Desta forma devemos

como pesquisadores mergulhar, no contexto da pesquisa a fim de interpretar e interagir com a temática estudada.

Nossa pesquisa é de caráter qualitativo, usando-se do método Materialista Histórico Dialético. Segundo Suertegaray (2005, p.23) para o materialismo histórico e dialético tudo está em movimento em unidade e contradição e em processo de transformação. Nada dura para sempre e as condições materiais de existência é que direciona o curso da história.

O trabalho familiar e as formas de produção, as transformações econômicas e sociais são determinadas pela evolução dos meios de produção e das relações de trabalho no tempo. Tudo está ligado a natureza visto que o homem age sobre ela para produzir seus bens de consumo e a partir do momento em que o homem transforma a natureza modifica a si mesmo porque suas necessidades também mudam e estas transformações alteram a forma de produzir e de se orientar, cada mudança produtiva influencia no trabalho e na paisagem.

O materialismo histórico e dialético é um método investigativo que busca compreender a sociedade e o trabalho, pois, é por meio deste que o homem modifica os meios de produção, transforma a natureza e altera a paisagem. Segundo Pereira e Francioli (2011, p.03) a medida que o homem modifica suas necessidades materiais, sua maneira de pensar e agir, ele gera mudanças no seu ser social que irá resultar em outras mudanças na forma de organização da sociedade. São essas mudanças que darão origem a história e a sua geograficidade. São as mudanças que ocorreram após a territorialização da avicultura moderna em Erebango que nossa pesquisa tentará desvelar, uma atividade em constante dinâmica ancorada em um número muito pequeno de propriedades, porém com grande poder de transformação no modo de produzir dos avicultores integrados.

A presente pesquisa encontra-se dividida em cinco capítulos, sendo que o primeiro capítulo apresenta a formação territorial do município de Erebango e uma síntese referente a racionalidade produtiva das famílias pautadas na agricultura familiar. Em seguida, demonstra como ocorreu e vem ocorrendo a erosão da territorialidade camponesa pela agricultura moderna, primeiro com o cultivo de grãos e atualmente pela avicultura moderna que estão presente em algumas unidades de produção do município.

A territorialização das empresas Doux-Frangosul e da companhia JBS, são apresentadas no decorrer do segundo capítulo, que esclarece também como a técnica e a tecnologias estão presentes na incubação dos ovos que são produzidos no município.

Durante o terceiro capítulo o leitor será levado a compreender como a avicultura moderna, através de sua territorialização, tem monopolizado as unidades de produção usando

como estratégias os contratos de integração e a assistência técnica. A avicultura moderna apresentada como “alternativa” de renda pelo poder público municipal e pela EMATER levou muitos avicultores ao endividamento além de mostrar-se uma “alternativa” seletiva e excludente. Mostra também como a JBS vem trabalhando para que a atividade avícola se amplie no município.

No quarto capítulo apresentamos como ocorrem os contratos de integração, uma espécie de “parceria” entre a JBS e o avicultor. Através destes contratos a companhia JBS passa a gerenciar a unidade de produção em que se territorializou e os avicultores acabam por perder a autonomia que detinham sobre sua propriedade e o técnico da empresa atua como “olhos” da JBS dentro das unidades de produção. Relata também como ocorre a gestão dos avicultores dentro das unidades de produção e as relações de trabalho que ali se estabelecem.

Por fim, o capítulo cinco expõe como a dinâmica de reorganização do território se processa para atender as exigências da avicultura moderna de postura, e como essas mudanças podem ser expressas na paisagem. Retrata de forma ilustrada a organização das unidades de produção dos quatro avicultores que fizeram parte desta pesquisa, e quais os fatores que levaram um destes avicultores a se tornar um ex-integrado.

CAPÍTULO I

A TERRITORIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA CAMPONESA EM EREBANGO

Erebango é um pequeno município situado ao norte do estado do Rio Grande do Sul, com uma população de 2.980 habitantes de acordo com o Censo Demográfico de 2010 e faz parte dos trinta municípios que pertencem à microrregião de Erechim, de acordo com o IBGE. O nome Erebangue é de origem indígena Tupi-guarani e significa “Campo Grande”, devido à extensa mata de araucária que existia em todo aquele território, e cercava uma grande clareira de campo chamada pelos índios de “Erebanguê”.

A economia do município de Erebangue de alguma forma sempre esteve ligada a agricultura e a extração de recursos naturais. De acordo com Zancanaro e Hoppen (1983), a área que hoje pertence ao município atraiu desde o princípio os olhares atentos da primeira companhia férrea instalada em Erebangue, que era encarregada de ligar o município de Passo Fundo à Marcelino Ramos, ampliando a rede de ferrovias do Rio Grande do Sul por volta de 1902. Neste período, era uma área habitada por povos indígenas, coberta por mata de araucária e grande abundância de erva-mate, água e lenha, esta acabou servindo de combustível para alimentar as locomotivas.

A grande quantidade de pinheiros de troncos grossos atraiu os engenheiros e trabalhadores da ferrovia que vislumbravam a instalação de uma serraria a vapor para atender a demanda por lenha da Estação Férrea e a crescente procura por madeira para construção de moradias, móveis e instrumentos de trabalho da época. Mais tarde, após o término da construção da ferrovia, em 1910, uma serraria a vapor foi inaugurada, acentuando ainda mais a exploração e o comércio da madeira de araucária, cedro, angico e canela que eram transportadas pela via férrea.

Segundo Zancanaro e Hoppen (1983), com a instalação da ferrovia e posteriormente da serraria, famílias de origem alemã começaram a se instalar nas proximidades da estrada de ferro, oferecendo ao grande número de trabalhadores da ferrovia serviços como hospedagem, medicamentos, armazém e alimentação. Dessa forma, as empresas de colonização Jewish Colonization Association e Dom Carlos Duram e Cia Ltda, adquiriram terras (colônias) e passaram a trazer famílias de alemães, judeus e castelhanos que a princípio foram atraídas

para esse vilarejo com o objetivo de “habita-lo”² e desenvolver atividades ligadas à agricultura e ao comércio, além de servirem de mão de obra na extração de madeira.

As famílias de migrantes alemães e castelhanos viviam principalmente da extração de madeira de araucária, erva-mate e do cultivo de pequenas plantações de milho, trigo, feijão, mandioca, batata, amendoim e outros produtos de consumo próprio. Segundo Zancanaro e Hoppen (1983) a colonização judaica destacou-se neste cenário por não ter como costume o trabalho na agricultura. Deste modo, viveu por algum tempo da extração de madeira e logo se deslocaram para Porto Alegre onde investiram o dinheiro até aquele momento adquirido em casas de comércio. Tão grande foi à extração e a destruição da mata de araucária ali que entre a década de 1960 restava pouco ou quase nada da mata de araucárias.

A araucária e a erva-mate nativa compunham a riqueza econômica aos olhos dos colonizadores. Durante muitos anos a exploração da araucária foi o ponto forte da atividade econômica de Erebangó. O desmatamento já era acentuado nos primeiros ciclos econômicos do município, antes mesmo da modernização da agricultura. Esses migrantes também desmatavam para vender a madeira pagar suas terras. Assim começa também os processos de mercantilização da produção agrícola e extrativista no município. Quando a atividade de extração da araucária extinguiu-se em função do término da mata, a erva-mate afirmou seu papel na economia de Erebangó. Além da erva-mate nativa já existente em abundância, ela também era cultivada nas propriedades pelas famílias de imigrantes europeus.

O povoado de Erebangó foi crescendo e empresas de colonização foram acomodando novas famílias, descendentes de migrantes italianos, portugueses e poloneses que se instalaram no espaço da vila e passaram a dedicar-se principalmente a agricultura com cultivos muito diversificados, conhecimentos e técnicas muito particulares de cultivo, e de manejo com os animais, como veremos mais adiante (ZANCANARO; HOPPEN, 1983).

Neste contexto, a agricultura era baseada principalmente nos cultivos temporários (feijão, milho, mandioca, pipoca, arroz, hortaliças e fruticultura) e na criação de animais (bovinos, caprinos, suínos e aves das mais variadas espécies). A geração dos produtos e criação de animais dependia exclusivamente do trabalho da família. A agricultura camponesa desenvolvida neste espaço, influenciava diretamente na organização da paisagem. Era uma agricultura com diversidade de técnicas e de conhecimentos produtivos sendo que a criação de galinhas fazia parte do mosaico produtivo.

² O termo habita-lo encontra-se entre aspas porque antes da chegada das famílias de imigrantes, o território que atualmente pertence ao município de Erebangó, já era ocupado por povos indígenas Tupi-guarani. A respeito desse povo as autoras não fazem nenhuma referência, a não ser a já exposta.

Não podemos esquecer que para o camponês, o espaço não representava apenas um meio para produção de alimentos, em que a paisagem era alterada para produção de espaço para seus cultivos. Era uma paisagem produzida a partir de um saber, de conhecimentos adquiridos que permitiam as famílias fazer uma leitura da paisagem, observando suas potencialidades, a fim de desenvolver uma agricultura possível de ser praticada naquele local.

Conforme relatos de antigos moradores do município, a grande maioria as famílias tinham um pequeno pedaço de terra, geralmente herdado ou obtido através de casamentos. Eram famílias numerosas, em torno de dez a dezoito pessoas incluindo pai, mãe, filhos e quase sempre sogro e sogra, pois era comum o costume de o último filho ou filha da casa trazer a esposa ou o marido para morar com os pais a fim de tutelar por eles na velhice, sendo assim as famílias eram numerosas e cada um cumpria seu papel, pois as tecnologias rudimentares utilizadas³ nos estabelecimentos desse período (1960) permitia que todos se ocupassem das tarefas diárias do trabalho da roça.

As mulheres além dos cuidados com a casa e com os filhos, tinham como tarefa acompanhar os demais membros integrantes da família no trabalho da roça. Este trabalho consistia em capinar, passar o arado, lavrar com carro de boi ou plantar a base da enxada ou com plantadeira manual. Estas foram tecnologias em grande medida substituídas pelas técnicas da Revolução Verde. As colheitas eram feitas manualmente e algumas culturas eram descascadas com trilhadeira ou com um porrete chamado manguá e transportadas de carroça de tração animal. Em épocas de plantação ou de colheitas, quando as famílias não conseguiam dar conta do trabalho, a vizinhança se ajudava mutuamente.

As casas não eram cercadas, quase todas desfrutavam de um pomar diversificado e os mais variados produtos eram cultivados pelas famílias: arroz, feijão, cebola, mandioca, milho, cana de açúcar, erva-mate e o trigo além de hortas com as mais variadas hortaliças, temperos e remédios, todos eles gerados com adubo de esterco animal sem nenhum tipo de fertilizante, sendo produzidos, em sua maior parte, para o consumo familiar com algumas exceções de venda de excedentes para o comércio local. Os produtos eram transportados à cavalo ou com a carroça para o comércio. O dinheiro dessas vendas era destinado a comprar alguns produtos que não eram produzidos pelas famílias como o açúcar, sal, café, querosene e o tecido para confecção das roupas. Quando havia sobra de algum excedente de produtos estes eram comercializados em alguns bodegões que existiam na cidade.

³ Carro de boi para lavrar, arado, enxada, plantadeira de mão, pá de corte.

Os conhecimentos no que tangia a produção dos mais variados produtos alimentícios, higiene e limpeza eram colocados em prática conforme o tempo da natureza. Por exemplo, na época da colheita das frutas, geléias e antepastos eram produzidos pela família em grande quantidade para durar até a próxima colheita. O extrato de tomate era feito a base do cozimento do tomate em fogão a lenha e sal. Posteriormente a mistura era colocada em um caixote de madeira e levado ao sol para evaporação do excedente de água que restava no extrato de tomate. Outros produtos já citados como feijão, trigo e arroz eram limpos e secos para serem armazenados no porão das casas junto com réstias de alho, cebola e queijos que eram feitos diariamente, de modo a não deixar azedar o leite que sobrava. Além de dividirem espaço com algum tipo de alimentação animal como pasto seco (feno).

A criação de animais também fazia parte do cotidiano das famílias e havia uma diversidade em relação a isso. A criação de porcos servia de base para muitos outros produtos como a banha, carne, salame, torresmo e suas vísceras eram lavadas e cozidas juntamente com água e cinza para produção de sabão. A alimentação dos animais era a base de mandioca, abóbora e restos de soro que sobravam da produção do queijo.

O gado igualmente ocupava sua parcela na unidade de produção. As vacas leiteiras com o passar do tempo, recebiam nomes como: malhada, pintada, preta, mimosa tinham como função fornecer o leite e continuar a prole. Os bois quando eram abatidos além de ter sua carne transformada em carne seca ou defumada, tinham seu couro curtido e transformado em cordas e apetrechos para montaria e algumas partes, como as vísceras, também serviam como alimento.

Havia uma dinâmica comunitária por parte das famílias que ocupavam os espaços rurais. Estes eram vistos não somente como espaços produtivos, mas como espaço de vida e de cooperação nos momentos de necessidade das famílias. As famílias ajudavam-se mutuamente, durante as colheitas, ou com troca dos alimentos que eram produzidos. Por exemplo: quando a família fazia um abate de boi, sua carne era partida a machado em cima de um cepo e suas partes eram divididas com os vizinhos mais próximos e assim acontecia sucessivamente. Era uma forma simbólica de empréstimo ou troca desse alimento que por falta de refrigeração não suportaria conservar-se por muitos dias.

A criação de frangos, parte do tema central de nossa pesquisa, constituía-se como mais um elemento na grande diversidade produtiva dos estabelecimentos que era característico dessa territorialidade. Como pudemos perceber as famílias possuíam características, conhecimentos e técnicas próprias que possibilitavam o trabalho, e permitiam uma autonomia

elevada na gestão de seus recursos e de seu estabelecimento, bem como no trabalho familiar. Práticas de cooperação e apoio mútuo perderam-se em grande parte com o aumento do individualismo atrelado ao novo modelo de agricultura que vai se implantando. Deste modo a criação de frangos caipiras integrava a propriedade e seu manejo se constituía como parte das atividades diárias.

Os frangos eram criados soltos no terreiro em volta das casas, alimentando-se de pequenos insetos, restos de alimentos, folhas e milho, este produzido pela família, que no final da tarde era debulhado a mão e distribuído no pátio. Elas formavam um emaranhado de cores as quais definiam sua linhagem e características sendo elas: angolistas, galisés, caipiras, poedeiras, carijós aos quais dividiam espaço com outras aves penosas como gansos, patos e marrecos. A criação desses animais não tinha fins lucrativos porque a maioria das famílias dispunha desses animais para o consumo próprio.

Um frango para estar pronto a servir como alimento levava em média de quatro a seis meses até seu desenvolvimento completo. O processo de limpeza das aves, iniciava mais ou menos uns vinte dias antes do abate. Eles eram fechados em gaiolas e recebiam somente água e milho a fim de eliminar suas impurezas antes de ser consumidos como alimento, acreditando-se assim que o sabor da carne seria melhorado. Mesmo não havendo fiscalização sanitária, havia um sistema de manejo para evitar possíveis doenças com o consumo de carnes, conhecimentos que eram passados de geração em geração.

Somente o galo era consumido como alimento pelas famílias pelo fato das galinhas colocarem os ovos e chocá-los como forma de garantir a reprodução da espécie. Os ovos eram depositados pelas galinhas em ninhos que ficavam dentro dos galinheiros em cestos pendurados nas árvores ou no mato. As mulheres tinham um elevado grau de conhecimento sobre os animais e tinham por incumbência coletar os ovos diariamente, e no momento certo, colocá-los para chocar nas galinhas chocas, ou seja, aquelas que apresentam características, tais como: não sair do ninho, cacarejam diferente ou arrepiam as penas e chacoalham-se⁴.

Como podemos perceber as famílias principalmente as mulheres, tinham uma relação muito próxima com as aves. Essa proximidade permitia que adquirissem um conhecimento aprofundado sobre a criação, com técnicas muito peculiares de manejo, coleta dos ovos,

⁴ “a gente sabia quando a galinha estava choca porque ela mudava de comportamento, arrepiava as penas e se chacoalhava toda, sentava no ninho e não saía de lá, era só pegar os ovos que a gente guardava e colocar debaixo dela e esperar...uns dias, vinte ou vinte um dias [...] nem todos os ovos nascem pintinhos alguns falham.” (Trecho de entrevista com uma descendente de migrante alemã de Erebangó)

alimentação e abate além da comercialização da carne e dos ovos quando havia excedente. Eram técnicas adaptadas à realidade e ao modo de vida daquelas famílias.

Tais procedimentos de choca e coleta dos ovos dependiam de olhares atentos em observar o comportamento das galinhas. Eram colocados de doze a quinze ovos no ninho para que fossem chocados durante vinte e um dias dando origem a uma nova ninhada. A choca saía do ninho somente para alimentar-se, pois os ovos não poderiam perder a temperatura adequada a maturação. Ao final dos vinte e um dias uma nova ninhada começava a fazer parte da dinâmica do terreiro.

Os conhecimentos necessários à vida no campo, como seleção e conservação das sementes e mudas, controle de doenças, especificidades da natureza, construção de galpões e casas, ciclos agrícolas e os conhecimentos pertinentes à criação dos animais, como em nosso caso as aves, são ameaçadas após a modernização da agricultura.

A EROSÃO DA TERRITORIALIDADE CAMPONESA PELA AGRICULTURA MODERNA.

A década de 1960 foi marcada pelo início da modernização da agricultura com a Revolução Verde (BALSAN, 2006). Neste sentido Graziano (1982) complementa:

Normalmente quando se fala em modernização da agricultura pensa-se apenas nas modificações ocorridas na base técnica de produção, na substituição das técnicas agrícolas substituídas por técnicas 'modernas' [...] Modernização, porém, significa mais que isso. Ao mesmo tempo que vai ocorrendo aquele processo técnico da agricultura, vai se modificando também a organização da produção, que diz respeito às relações sociais (e não técnicas) de produção. (p.26)

Balsan (2006) afirma que a modernização da agricultura reestruturou-se para elevar sua produtividade, não importando os recursos naturais, e teve como meta produzir de forma que o retorno fosse o mais rápido possível. Segundo a autora, o modelo agrícola adotado na década de 1960-70 era voltado ao consumo de capital e tecnologia externa: grupos transnacionais passaram a fornecer insumos, máquinas, sementes, adubos, agrotóxicos e fertilizantes, sendo que a compra desses produtos era facilitada com acesso ao crédito rural, determinando o endividamento e dependência dos agricultores.

E, como não podia ser diferente, o município de Erebango e suas famílias camponesas enfrentaram toda essa dinâmica de modernização da agricultura, inserindo em suas

propriedades, técnicas e tecnologias oriundas do agronegócio, a custo de empréstimos, financiamentos hipotecando seus estabelecimentos, passando a praticar uma agricultura moderna e voltada ao monocultivo de produtos como a erva-mate, milho, trigo e soja, e mais tarde, no final da década de 1990, com a adoção da avicultura moderna no município.

Este processo foi marcado pela aquisição do primeiro trator por uma indústria de beneficiamento de erva-mate no município, que além do beneficiamento, produzia erva-mate e milho, incorporando mais tarde, soja e trigo. Por sua vez, Zancanaro e Hoppen (1983, p.62) fazem o seguinte relato: “No ano de 1970, foi inaugurada em Erebangó, a sua indústria ervateira (Hoppen Petry e Cia Ltda), a qual é considerada a mais moderna indústria de erva-mate do país”. As autoras seguem relatando a instalação do “Banco Brasileiro de Descontos S.A” inaugurado em agosto de 1979, com uma equipe de 12 funcionários responsáveis por oferecer à população “dinheiro e progresso” em forma de financiamentos para maquinários agrícolas.

Segundo Matos e Pessoa (2011), os discursos que permeavam as políticas públicas de modernização e desenvolvimento do campo, prometiam melhorar o padrão de vida das famílias que viviam no meio rural, elevando seu poder de produção e consumo. As autoras afirmam que “a modernização era vista como a forma de atingir o crescimento econômico e, por conseguinte, era apresentada como símbolo de progresso e de desenvolvimento” (p. 07).

Cardoso (2011) afirma que a chegada da Revolução Verde interferiu nos aspectos sociais ignorando o saber dos agricultores, passados de pai para filho, e acumulados ao longo dos anos. Os conhecimentos citados anteriormente passaram a ser considerados inferiores e atrasados em relação aos novos parâmetros estabelecidos pela modernização da agricultura.

A esse respeito, Melo (2011, p.64) destaca que a estrutura agrária (forma de acesso e exploração da terra) e as formas de produção do período que antecede a modernização da agricultura, eram consideradas arcaicas. A agricultura era vista como entrave no processo econômico, pois não oferecia uma produção compatível com a demanda urbano/industrial e nem mesmo culturas que se destacassem para exportação, ideologia esta advinda do nacional-desenvolvimentismo do período militar.

Com a introdução de novas formas de produção, atividades tradicionais ligadas principalmente à produção de alimentos para subsistência, encontravam-se atrelados aos conhecimentos e técnicas próprias de cultivo e manejo da terra próprias de cada família, sofreram alterações ou até foram extintas em favorecimento de interesses capitalistas e da constituição dos complexos agroindustriais (aves, leite, grãos etc.).

No desenrolar da modernização da agricultura, em meados de 1970, ocorre o início da territorialização da avicultura industrial moderna no Brasil. Segundo Spindola (2012), a avicultura industrial surge amparada por políticas de crédito subsidiado, construção de frigoríficos e investimentos de empresas estrangeiras. Este período marcado com o primeiro ciclo de investimentos do Estado no setor avícola.

Em meados de 1980, com a modernização da agricultura ocorreu o surgimento dos Complexos Agroindustriais, fazendo surgir uma dependência da agricultura para com os setores industriais. Conforme Graziano da Silva (1996) apud Matos e Pessôa (2011) a constituição dos Complexos Agroindustriais representou o acirramento do processo de industrialização do campo, pois a agricultura passou a depender de processos mais artificiais (insumos, máquinas e equipamentos) e a população passou a aderir a uma alimentação industrializada. Dentre os muitos produtos, destacou-se a carne de frango de granja. Cabe ressaltar que os ovos férteis produzidos nos aviários de postura em Erebango darão origem, em um segundo momento, a carne de frango de granja.

Segundo Spindola (2012), a carne de frango de granja passou a ser um dos principais alimentos que compõe a dieta humana, em função de seu preço ser acessível à população e seu abate ocorrer em um curto espaço de tempo (42 dias) em função da diminuição da mortalidade, otimização da conversão alimentar (ração por quilo de carne), diminuição da idade do abate em relação a criação do frango caipira, velocidade de crescimento conseguida através de melhoramento genético e por fim os cuidados de manejo por parte dos produtores integrados.

Todas essas técnicas e tecnologias foram empregadas como forma de padronizar a criação do frango de granja, e como consequência, a artificialização do alimento, muito diferente do frango caipira produzido nos quintais das casas. A padronização na criação do frango de granja surgiu porque os estabelecimentos passaram a se especializar (produção de grãos, animais, etc.) e não mais só produzir para o consumo interno, além do forte crescimento da população urbana como próprio efeito das políticas de modernização da agricultura que levou a desterritorialização de muitas famílias camponesas.

A avicultura industrial no Brasil surge como opção em meados de 1970 quando o país dá início às exportações da carne de frango, principalmente algumas empresas da região Sul, (Sadia, Perdígão) estimuladas, sobretudo, por uma política agroindustrial que objetivava a integração entre a agropecuária e a indústria processadora. Segundo Belik (2007) apud BELUSSO (2010, p.39) a integração entre agropecuária e indústria “[...] tinha como objetivo

agregar valor aos produtos agrícolas exportados.” Já no final do século XXI, o Brasil torna-se um dos principais exportadores de carne de frango atendendo a uma demanda no aumento do consumo. A partir desse ponto, a avicultura se constitui como uma cadeia produtiva, fazendo com que os agricultores acompanhem o padrão tecnológico exigido, aos moldes das exigências empresariais (BELUSSO, 2010).

A inserção da nova cadeia produtiva agroindustrial de frangos, no Brasil, foi responsável por algumas mudanças significativas na agricultura e na indústria brasileira, e apresentam características próprias em termos de produto, mercado, tecnologia, localização geográfica e organização de produção (ESPINDOLA, 2009 apud BELUSSO, 2010).

O período de 1970 até a primeira década do século XXI foi marcado por várias modificações no processo produtivo do frango, passando a envolver questões voltadas ao melhoramento genético, à nutrição animal, ao uso de tecnologias direcionadas e ao aperfeiçoamento da atividade. Tais mudanças foram responsáveis pelo aumento da produção da carne de frango, baixa do preço e aumento de seu consumo pela população.

Esse período também foi reconhecido pela entrada da agricultura no comércio internacional no que tange à formação da produção, crescimento das atividades ligadas ao mercado externo e o aumento no grau de processamento industrial dos produtos. (CARNEIRO, 2001 apud BELUSSO, 2010). A cadeia produtiva de frango surge como uma atividade moderna em virtude da política agrícola de crédito subsidiado e instalação de frigoríficos, além dos acordos de empresas nacionais e estrangeiras produtoras de equipamentos (RIZZI, 1993 apud BELUSSO, 2010).

O início da avicultura moderna no município de Erebango é datado do ano de 1999, fundamentalmente com incentivo do poder público municipal e EMATER, além da procura da empresa Doux-Frangosul por novos integrados para atuar na produção de ovos férteis. A localização geográfica do município foi fundamental na escolha do mesmo para a atividade avícola moderna, visto atender à logística da empresa no transporte de ovos para incubadora localizada em Passo Fundo, bem como transporte de ração, medicamentos, assistência técnica e comunicação com a empresa integrada, pelo fato dos aviários ficarem concentrados em um mesmo lugar.

A questão da logística tornou-se fundamental na escolha locacional e a posterior territorialização da avicultura moderna no município. A empresa através de sua territorialidade (ações e estratégias), aproveita todos os recursos que o território possui,

transforma ou constroe de acordo com suas necessidades e seus interesses, adaptando o território em favor do capital.

Com o propósito de apresentar o município de Erebango em seus aspectos mais recentes como caracterização fundiária, área colhida das lavouras permanentes e temporárias, população e efetivo de rebanhos, ovos produzidos e PIB serão apresentados o padrão agrário de Erebango baseados nos dados do IBGE (Censos agropecuários 1995 e 2006) e FEE. Através dos dados que serão sequencialmente apresentados, conseguiremos apontar as mudanças na organização espacial da agricultura em relação ao período anterior, além de demonstrar quais culturas se destacam na economia dos estabelecimentos. Abaixo fotografia da sede municipal:

Fotografia 01- Sede Municipal de Erebango



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal

Baseado nos dados apresentados pelo Censo Agropecuário 2006, os estabelecimentos agropecuários⁵ do município de Erebango, distribui-se por todos os extratos de área conforme o quadro 01 a seguir, apresentando um total de 270 estabelecimentos agropecuários.

⁵De acordo com a nota técnica do censo agropecuário 2006, estabelecimento agropecuário compreende: Toda unidade de produção dedicada, total ou parcialmente, a atividades agropecuárias, florestais e aquícolas, subordinada a uma única administração: a do produtor ou a do administrador. Independente de seu tamanho, de sua forma jurídica ou de sua localização em área urbana ou rural, tendo como objetivo a produção para subsistência e/ou para venda [...] (Censo Agropecuário 2006, p.42)

Podemos observar no quadro 01 que a maioria dos estabelecimentos agropecuários do município concentrava-se nos extratos de área de até 50 hectares, somando um total de 202 estabelecimentos, com uma área total de 3.938 hectares, caracterizados como pequenos propriedades. Por sua vez, ocorre uma concentração fundiária nos extratos entre 50 e mais de 100 hectares, sendo que esses 68 estabelecimentos ocupam uma área de 11.061 hectares, da área total dos estabelecimentos do município. Podemos perceber que a maior porção de terras encontra-se distribuído em um número relativamente pequeno de estabelecimentos agropecuários, caracterizando desta maneira grande concentração fundiária.

Quadro 01: Estrutura fundiária do município de Erebango (2006)

Estrutura fundiária do município de Erebango (2006)		
Grupos de área	Número de Estabelecimentos Agropecuários	Área dos Estabelecimentos Agropecuários (Hectares)
Menos de 2 ha	2	X
2 a menos de 5 ha	15	49
5 a menos de 10 ha	28	193
10 a menos de 20 ha	61	860
20 a menos de 50 ha	96	2.836
50 a menos de 100 ha	30	1.989
100 ha e mais	38	9.072
Total	270	14.999

Os dados das Unidades Territoriais com menos de 3 (três) informantes estão desidentificados com o caracter X.
Quadro 01: Fonte: Censo Agropecuário 2006 (IBGE)

Dos estabelecimentos agropecuários identificados pelo Censo Agropecuário 2006, 240 estabelecimentos estavam classificados como agricultura familiar, e 30 estabelecimentos com agricultura patronal. Segundo o IBGE, para ser considerado agricultor familiar, o estabelecimento deve atender a alguns requisitos, são eles: não possuir estabelecimentos agropecuários maiores que quatro módulos fiscais⁶, utilizar mão de obra da própria família nas atividades do estabelecimento e por fim, possuir a maior parte de sua renda proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento.

⁶ O módulo fiscal é uma unidade territorial agrária, fixada por cada município brasileiro baseados na Lei Federal nº 6.746/79. O tamanho do módulo fiscal, para cada município, é determinado levando-se em consideração: o tipo de exploração predominante no município e a renda obtida com ela. O módulo fiscal do município de Erebango, segundo o Sistema Nacional de Cadastro Rural é de 20 hectares.

Por sua vez, o estabelecimento com agricultura patronal compreende aquele que possui trabalhador assalariado permanentemente, em número maior que os membros da família e se opõe diretamente a agricultura familiar. A agricultura patronal é voltada exclusivamente para obtenção de lucro, produção e venda de seus produtos. Na agricultura patronal a gestão financeira e operacional do estabelecimento é separada do trabalho, ou seja, da mão de obra em si, de quem executa o trabalho no campo, fazendo com que haja muitos trabalhadores assalariados no campo.

Outras características encontradas tanto na agricultura patronal como na agricultura familiar diz respeito à especialização de suas culturas e a utilização de tecnologias voltadas a produzir grandes quantidades de um único produto e a redução de mão de obra no uso de equipamentos aumentando assim os lucros.

Deste modo, o município de Erebango possui um número expressivo de estabelecimentos representativos da agricultura familiar. Porém, a agricultura patronal merece atenção por apresentar números elevados no que diz respeito à produção de grãos (soja, milho e trigo) e a criação de frangos de postura. Em decorrência disso o aumento gradativo do PIB no setor da agropecuária.

Dos 270 estabelecimentos agropecuários existentes em Erebango, 12 trabalham com a avicultura moderna, somando um total de 26 aviários de produção de ovos férteis. Este número tão inexpressivo de estabelecimentos mostra quão concentradora, excludente e seletiva se mostra essa alternativa escolhida por algumas famílias e apoiada pelo poder público. O quadro 02 apresentado a seguir demonstra a área dos estabelecimentos que trabalham com a avicultura moderna:

Quadro 02- Área dos estabelecimentos com avicultura moderna de postura.

Área dos estabelecimentos com avicultura moderna de postura.		
Avicultores	Aviário (Unidade)	Área dos estabelecimentos agropecuários. (ha)
Avicultor A	3	5
Avicultor B	3	50
Avicultor C	3	7
Avicultor D	1	63
Avicultor E	4	100
Avicultor F	2	20

Avicultor G	2	57,5
Avicultor H	1	10
Avicultor I	2	4,5
Avicultor J	2	30
Avicultor L	2	5
Avicultor M	1	24
Total	26	371,5

Quadro 02: Fonte: Secretaria de agricultura de Erebangó

Como podemos perceber, a maioria dos estabelecimentos com avicultura moderna, enquadram-se como agricultura familiar, no quesito área dos estabelecimentos com exceção de um estabelecimento que ocupa uma área de 100 hectares. O trabalho empregado na avicultura, além de ocupar mão de obra da família, mão de obra assalariada permanente, ultrapassando o número de trabalhadores da família. Das cinco famílias entrevistadas, quatro possuem sua renda proveniente apenas da avicultura moderna e produção de grãos, e duas destas famílias agregam em suas unidades de produção uma variedade de frutas e hortaliças além de produzir para consumo próprio feijão, cebola, batata-doce, etc.

O cultivo de produtos classificados pelo IBGE como lavouras temporárias⁷ integram o leque de produção do município. Considerando a variação percentual da área colhida, entre 1995 e 2006, houve uma diminuição da área colhida nas culturas de arroz e cana-de-açúcar, em função do cultivo e da expansão da monocultura da soja e do trigo que predominam e se destacam pelo elevado aumento de área colhida dos produtos, em detrimento de produtos antes cultivados como, por exemplo, a cana-de-açúcar, utilizada por algumas famílias para preparação de cachaça artesanal.

Os dados do IBGE apontam o aumento de área plantada de produtos ligados ao agronegócio, indicativo de que está se intensificando uma especialização produtiva, baseada nas lavouras temporárias de milho, soja e trigo, reflexo das políticas de incentivo e linhas de crédito criadas para apoiar o agronegócio e promover a modernização.

A esse respeito, Chelotti e Castanho (2006, p.06), sustentam que o cultivo da soja está diretamente associado ao processo de modernização da agricultura. De acordo com os mesmos foi no contexto de 1970 que a lavoura empresarial gaúcha apresentou um crescimento surpreendente, e que as culturas do milho-mandioca que predominavam na

⁷ As lavouras temporárias, segundo a nota técnica do Censo Agropecuário 2006 são áreas com lavouras de curta duração inferiores há um ano e que só produzem uma vez, pois na colheita destrói-se a planta.

agropecuária destinados a criação e engorda de suínos vai sendo substituído pelo trigo e pela soja, sendo esta última destinada a comercialização internacional. Segundo Chelotti e Castanho (2006, p.07): “com a penetração capitalista no campo, especialmente com a cultura de soja [...], o espaço agrário gaúcho sofreu uma alteração em sua fisionomia, modificando o setor agrícola em função do processo de modernização”

Neste contexto, produtos que antes faziam parte da dinâmica agrícola das propriedades como a mandioca, arroz, tomate, erva-mate, feijão, cebola e cana-de-açúcar, ficaram marginalizados, cedendo lugar as culturas de exportação que o mercado exige, como a soja o milho e trigo. Essas culturas são subordinadas a um processo produtivo que requer inovações técnicas e tecnológicas constantes. Neste enfoque Souza Filho (1994) *apud* Chelotti e Castanho (2006) esclarece:

[...] o processo de tecnificação do espaço agrário brasileiro, com relevância ao sul-rio-grandense, baseou-se nos insumos químicos (fertilizantes e defensivos) e na tratorização. Afora as inovações por produto (tais como sementes selecionadas, por exemplo), convém destacar o uso de técnicas agronômicas de conservação de solo e irrigação (p.08).

O cultivo da soja destaca-se com cerca de 25% de aumento de área plantada entre 1995-2006 em Erebang. É a cultura de maior produção, sendo o trigo a segunda cultura com maior produção, com cerca de 148 % de aumento da área plantada do mesmo período, e por últimos o milho ocupando o terceiro lugar com 3,6% de aumento da área plantada dos mesmos anos. Conforme Chelotti e Castanho (2006), essas culturas se efetivaram com o intenso uso de equipamentos e insumos modernos, ou seja, sob formas capitalistas de produção. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 03- Área colhida por produtos das lavouras temporárias em Erebang.

Área colhida por produtos das lavouras temporárias. (Hectares)			
Produto	1995	2006	Varição Percentual
Arroz em casca	15,2	10	-34,2
Cevada em casca	220,7	247	11,9
Feijão em grão	114,6	132	15,1
Mandioca	38,1	40	4,9
Milho em Grão	2.464,1	2.555	3,6
Soja em Grão	6.486,0	8.112	25,0
Trigo em Grão	823,5	2.046	148,4
Tomate	2,00	0	-100
Área colhida total	10.164,20	13.142,00	29,9

Quadro 03: Fonte: Censo Agropecuário 2006 (IBGE)
Organização: Valquíria Polli

Já no que se refere aos cultivos da lavoura permanente⁸ o município não apresenta grande variedade de produtos. Em sua maioria são ligados à fruticultura e não apresentam uma variação significativa de 1995 a 2006. No quadro 05, podemos ver que a quantidade de erva-mate produzida de 1991 a 2012 teve uma significativa queda em sua produção. Muitos agricultores que cultivavam o produto estão retirando a erva-mate de suas propriedades em função do baixo preço pago pelos atravessadores, substituindo seu cultivo pela produção de grãos. Como já citado anteriormente, a erva-mate sempre fez parte da economia e da cultura do município de Erebangó. Este já chegou a ser conhecido como a “Capital verde do Rio Grande” pela grande quantidade de erva-mate nativa encontrada em seu território e pelas ervateiras responsáveis pela secagem, beneficiamento, embalagem e venda desse produto.

O corte da erva-mate geralmente é realizado pela mão de atravessadores, que compram a erva por uma quantia determinada e a revendem à ervateira. A grande reclamação dos produtores de erva-mate, por um longo tempo, era seu baixo preço. Com a intensificação da monocultura, o poder público municipal não aventou a possibilidade de ativar atividades ligadas, por exemplo, a fruticultura ou a erva-mate, que poderiam ser processadas originando vários produtos, criando empregos locais com custos menores do que os que envolvem a construção e manutenção mensal de um aviário.

Atualmente, o município possui duas ervateiras, sendo elas: Hoppen Petry e Cia Ltda e Ervateira Lohmann. Ambas iniciaram suas atividades respectivamente nos anos de 1951 e 1922 e puderam em parte acompanhar todo o processo de modernização da agricultura. Mesmo com o aumento da produção de erva-mate, a Ervateira Lohmann após um colapso financeiro encontra-se em processo de desestruturação, trabalhando apenas com uma parte do potencial total da empresa, se desfez de todos os seus ervais, e funciona apenas quando consegue comprar erva dos atravessadores.

Houve um pequeno aumento do preço pago pela arroba de erva-mate, porém o cultivo da soja e de outras culturas ligadas ao agronegócio ainda se sobressaem nos estabelecimentos. Mesmo os que ainda cultivam a erva-mate no momento do plantio ou replantio o espaço entre as carreiras de erva-mate são definidos para a passagem de tratores e colheitadeiras, ou é feita a quebra de milho manual, para que outros produtos sejam cultivados, em meio a erva-mate, como podemos observar na fotografia 02 a seguir:

⁸ Segundo a nota técnica do Censo Agropecuário 2006, refere-se à área de plantio de longa duração e que após a colheita não necessita de um novo plantio.

Fotografia 02- Cultura de Erva-Mate consorciada com milho.



Fonte: A autora

Legenda: A- Erva-Mate, B- Milho

O município, apesar de ser reconhecido como berço da erva-mate, não oferece às famílias nenhuma política de incentivo e nenhum tipo de investimento financeiro para que essa cultura permaneça nos estabelecimentos. Sendo assim, as famílias que permanecem cultivando a erva-mate a fazem com seus próprios meios, recebendo apenas assistência técnica da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER).

A respeito dos demais produtos da lavoura permanente, não existem áreas expressivas com o cultivo de frutas, sendo que o que é produzido nos estabelecimentos é voltado a atender ao consumo familiar e o comércio local e caracterizada por pequenos pomares com espécies frutíferas diversificadas cultivadas no fundo do quintal das propriedades.

O cultivo de erva-mate e a fruticultura encontram-se marginalizadas e desconsideradas frente o cultivo da soja, milho e trigo e frente à avicultura moderna que se territorializa no município. O cultivo de frutas e erva-mate representaria uma importante fonte econômica, além de oportunizar mão de obra no campo, se recebessem investimentos do poder público municipal e incentivo aos produtores no cultivo das mesmas, pois são cultivos que não exigem máquinas e equipamentos⁹ de alto valor financeiro, e que poderiam ser cultivados apenas com a mão de obra familiar, além de a fruticultura proporcionar renda em diferentes épocas do ano.

⁹ Tesouras de poda, serrote de poda, pulverizador, caixote para acomodação das frutas, micro trator para limpeza, roçadeira e enxadão.

Quadro 04- Área colhida por produtos das lavouras permanente

Área colhida por produtos das lavouras permanente (Hectares)			
Produto	1995	2006	Variação (%)
Figo	4,5	5	11,1
Laranja	5,2	6	15,3
Pêssego	5,5	5	-9,0
Uva	1,3	16	1.130,7

Quadro 04: Fonte: Censo Agropecuário 2006 (IBGE)
Organização: Valquiria Polli

Quadro 05- Quantidade de erva-mate produzida em Erebangó

Erva-Mate produzida (tonelada)			
Produto	1991	2012	Var. (%)
Erva-mate	4.500	2.878	-56,04

Quadro05- Fonte: Federação de Economia e Estatística (FEE)
Organização: Valquiria Polli

Os produtos menos cultivados (arroz, feijão, tomate, erva-mate e frutas) que apresentamos no decorrer dessa caracterização, são importantes no sentido de fomentar a diversidade alimentar além, de promover a diversificação das culturas e a diversidade da paisagem nos estabelecimentos. A diversificação no cultivo dos produtos vai além de uma fonte de renda voltada a atender as necessidades das famílias, expressa o modo de viver no campo.

O efetivo de rebanhos do município também não apresentou grandes alterações, com exceção ao efetivo de aves, parte do tema central de nossa pesquisa. De 1995 até 2006 houve um aumento de 260 % no efetivo de aves do município. Este aumento é um dos reflexos da territorialização da avicultura moderna, que desde 1999, passou a fazer parte de alguns estabelecimentos e da economia do município de Erebangó.

Quadro 06- Efetivo de rebanhos em Erebangó

Efetivo de Rebanhos (cabeças)			
Rebanho	1995	2006	Var. (%)
Bovinos	2.982	3.081	3,3
Ovino	325	274	-15,6
Suínos	4.863	5.524	13,5
Aves	48.056	173.249	260,5
Outras aves	284	364	28,1

Quadro 05: Fonte: Censos Agropecuários 2006 (IBGE, 2006)
Organização: Valquiria Polli

O efetivo de bovinos também apresentou um pequeno aumento no mesmo período. Este aumento diz respeito à criação do gado leiteiro. Segundo dados do Censo Agropecuário, apenas 3 dos 270 estabelecimentos agropecuários do município trabalham com pecuária leiteira. No ano de 2006 a produção de leite foi de 268 mil litros.

A produção de leite apresenta-se como uma alternativa pouco ou quase nada explorada pelas propriedades do município. Além de se apresentar enquanto uma fonte regular de renda essa atividade poderia ser desenvolvida em pequenas propriedades com uso de mão-de-obra familiar, além de apresentar baixo custo de produção.

Da mesma forma que a avicultura moderna está atrelada a uma série de exigências técnicas, tecnológicas devendo atender a controles sanitários de produção, armazenagem e transporte, a produção leiteira segue neste mesmo ritmo. Apesar de apresentar os benefícios citados acima, a produção de leite também se encontra ameaçada por exigências de mercado em aspectos de higiene, resfriamento, manuseio e transporte que acaba por excluir a atividade dos estabelecimentos.

Cabe salientar que tanto a pecuária leiteira quanto a produção de ovos férteis são atividades atreladas ao agronegócio e se apresentam como alternativa frente ao forte grau de especialização produtiva do município. O aumento do efetivo de aves do município além de ser um reflexo da territorialização da avicultura moderna de postura¹⁰, mostra que mais do que nunca ocorre um processo de especialização e modernização no campo e nos estabelecimentos que alojam essas aves.

O quadro 06 também apresenta dados intitulados como outras aves. Estas dizem respeito, segundo o IBGE (2006), a aves de variadas espécies, como: gansos, patos, marrecos, faisões, perus, codornas e perdizes. Esses tiveram um aumento de 28% em relação ao ano de 1995. Podemos dizer que comparado ao número de estabelecimentos agropecuários existentes no município (270) este número é relativamente pequeno, indicando que a maioria dos estabelecimentos não possui, ou possuem um número muito pequeno dessa diversidade de aves.

Percebe-se que em 1991 a quantidade de ovos produzidos frente aos demais anos é quase que inexpressiva. Isso se explica por tratar-se da produção de ovos para a alimentação familiar, sem o objetivo de auferir lucros. A partir de 1999, com a territorialização da avicultura moderna, a produção de ovos férteis, torna-se uma atividade seletiva, padronizada e

¹⁰ Galinhas de postura são aquelas destinadas a produção de ovos.

especializada e passa a crescer significativamente com o objetivo de atender uma demanda de mercado, e voltada a abastecer os aviários de corte, para obtenção do frango de granja.

A avicultura moderna de Erebangó é voltada a atender a produção de ovos para incubação, ou seja, toda a quantidade de ovos produzidos nos estabelecimentos agropecuários é transportada diariamente as cidades de Passo Fundo, Salvador do Sul, Nova Bassano e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, conforme a demanda necessária a atender o nascimento de novas aves. No quadro a seguir podemos ver que o aumento da quantidade de ovos produzidos no município, principalmente nos anos de 2006 e 2012.

Quadro 07- Ovos produzidos

Ovos produzidos em Erebangó	
Ano	Ovos (mil dúzias)
1991	163
1995	103.000
2000	82.000
2006	1.719,00
2012	2.700,00

Quadro 06: Fonte: FEE (vários anos)
Organização: Valquiria Polli

De acordo com dados do IBGE, o Produto Interno Bruto, (que representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos no município de Erebangó por setores da economia), a agropecuária tem se elevado significativamente a cada ano. Seus números é se destaca como a principal atividades econômica do município, ocupando o segundo lugar na economia o setor de comércio e serviços, também com elevado crescimento no PIB, como podemos visualizar no quadro 08 a seguir:

Quadro 08- Composição do PIB de Erebangó por setores da economia

Produto Interno Bruto- Erebangó (Mil reais)			
Ano	Agropecuária	Indústria	Comércio e Serviços
1999	8.019,00	1.676,00	7.919,00
2000	8.730,00	1.818,00	7.894,00
2006	12.927,00	3.043,00	16.580,00
2011	26.703,00	7.675,00	25.245,00

Quadro 08: Fonte: IBGE (Cidades)
Organização: Valquiria Polli

Mesmo com elevado crescimento, o setor de comércio e serviços do município não atende a demanda de equipamentos, transporte, fornecimento de ração e material de construção, que a prática avícola moderna exige dos avicultores. Portanto, todo equipamento (bebedouros, calhas, maravalha, canos, ninhos automáticos, lonas, carrinhos de transporte de ovos, trol, cercas, equipamentos hidráulicos, elétricos e ferragens) é trazido de outros municípios como Erechim e Passo Fundo. Como consequência disso a economia no setor de serviço não se amplia, não desenvolvendo assim o mercado interno no município.

As famílias que trabalham na atividade avícola recebem assistência de veterinários e técnicos, de outra cidade, mais precisamente Passo Fundo, e toda compra de equipamentos, remédios e produtos também são trazidos de outros municípios. Neste contexto o município de Erebangó destaca-se como território da avicultura moderna, porém, não oferece nenhum tipo de serviço voltado a atender a demanda de produtos e equipamentos que a avicultura moderna requer. O investimento em equipamentos que os avicultores fazem durante os lotes acabam aumentando o PIB de comércio e serviços de outro município.

Neste contexto não podemos deixar de falar da população residente no município. De acordo com o quadro 09, a população rural destaca-se pelo decréscimo de 14% entre 1991 e 2010. Já a população urbana apresentou diminuição de apenas 3% nos mesmos anos.

Quadro 09- População residente no município.

População residente no município de Erebangó			
População	1991	2010	Varição (%)
Urbana	2.030	1.968	-3,0
Rural	1.179	1.012	-14,1
Total	3.209	2.980	-7,1

Quadro 09: Fonte: Censos Agropecuários (IBGE)
Organização: Valquiria Polli

O INÍCIO DA TERRITORIALIZAÇÃO DA AVICULTURA MODERNA EM EREBANGO.

Objetivando diversificar a agropecuária do município, a Prefeitura Municipal de Erebangó, juntamente com a EMATER, e Secretaria de Agricultura ofereceram como alternativa econômica para o município a avicultura de postura. A avicultura apresentou-se como uma alternativa de trabalho e renda em relação a monocultura de grãos, além de se mostrar, a princípio, uma atividade de rápido retorno financeiro, uma vez que o agricultor recebe pela entrega dos ovos, a cada 28 dias, enquanto que a produção de grãos (soja, milho e trigo) se resume em uma colheita por ano, cercada de riscos como: intempéries climáticas, baixas no preço, alto custo de produção além de necessitar de grandes áreas de terra e tecnologias para que tenha retorno financeiro. Segundo entrevista com o avicultor C:

Quando a JBS decidiu que ia trazer a criação de galinhas pra cá eu fui atrás de financiar, pois só tinha a terra mas não tinha dinheiro, aí quando o financiamento saiu emendei um dinheiro da lavoura e construí os aviários, primeiro dois depois mais tarde o terceiro, porque o dinheiro das galinhas vem todo mês e a soja e o trigo têm que esperar muito e eu dependia de pagar para colher e plantar, mas as galinhas têm que ter mais cuidados senão perdemos na bonificação [...] (INTEGRADO C, 2014)

Convém destacar que no momento em que a companhia Doux Frangosul teve interesse em integrar agricultores do município, a prefeitura fez várias reuniões com os agricultores interessados, além de conceder todo apoio técnico e de máquinas para que os estabelecimentos pudessem se preparar de acordo com as exigências da companhia. Esse incentivo foi fundamental no sentido de convencer os agricultores a integrar-se à companhia, e também uma forma de intensificar a incorporação de Erebangó no mercado externo, que exige alto padrão de qualidade dos ovos.

Atualmente estes ovos são transportados e chocados pela empresa JBS¹¹ (que arrendou a companhia Doux-Frangosul), e distribuídos aos integrados da avicultura de corte para engorda e posterior abate. Após o abate, a carne de frango geralmente é exportada para outros países, fazendo com que pequenos municípios como Erebangó, participem e integrem essa dinâmica.

¹¹ No capítulo dois veremos com mais detalhes as empresas Doux-Frangosul e JBS, a fim de entender os processos de territorialização das duas empresas em Erebangó.

A avicultura moderna inicia sua territorialização no Brasil em meados de 1970 como produto da modernização da agricultura. Conforme Spindola (1997), a avicultura industrial surge amparada por políticas de crédito subsidiado, construção de frigoríficos e investimentos de empresas estrangeiras. Este período marcado como o primeiro ciclo de investimentos do Estado no setor avícola.

Em meados de 1975, concomitantemente com a modernização da agricultura, ocorre o surgimento dos Complexos Agroindustriais fazendo surgir uma dependência entre a agricultura e os setores industriais. Conforme Graziano da Silva (1996 apud Mattos, 2011) a constituição dos Complexos Agroindustriais, como já destacado, representou o acirramento do processo de industrialização do campo, pois a agricultura passou a depender de processos mais artificiais (insumos, máquinas e equipamentos) e a população passou a aderir a uma alimentação mais artificial, industrializada, dentre muitos produtos a carne de frango de granja.

Criada em um sistema intensivo de confinamento, a carne de frango de granja é produzida em escala comercial, a ave cresce e engorda rapidamente em torno de quarenta dias, e têm uma alimentação nada variada: a base de milho, soja e outros componentes orgânicos e sintéticos que acabam por influenciar no gosto e na textura da carne, utilizadas como alimento.

Na concepção de Graziano da Silva (1996), a principal transformação da agricultura brasileira durante o século XX foi à transição do complexo rural para o complexo agroindustrial. O autor denomina complexo rural a unidade de produção que possui certa autonomia, tanto de consumo como de produção. Sendo assim, os complexos rurais representariam o conjunto de várias unidades de produção autossuficientes e com sua economia voltada ao local. Já os “complexos agroindustriais” compreendem uma extensa rede de indústrias existentes que fornecem os mais variados produtos, tecnologias, informações antes e depois das “cercas” das unidades de produção.

Sendo a avicultura fruto da modernização da agricultura o uso de inovações tecnológicas, produção em alta escala, insumos externos a propriedade, a integração dos estabelecimentos com a indústria e a circulação de produtos em outros países, são elementos que pertencem à sua territorialidade.

Autoras como Matos e Pessôa (2011) afirmam que juntamente com a expansão da agricultura moderna no Brasil, ocorre uma modernização do território. Desse modo, Matos e Pessôa (2011) consideram que:

Todas as mudanças ocorridas nas atividades agropecuárias não seriam possíveis sem a construção de infraestrutura para viabilizar a circulação de pessoas, mercadorias e informações, assim, a modernização da agricultura faz parte do processo de modernização do território. E para o capital, a modernização do território [...] deve ser constante [...] (Mattos e Pessôa, 2011, p.03).

No âmbito de nosso trabalho o conceito de território é compreendido segundo Santos e Silveira (2011):

[...] território usado, sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território [...], entretanto uma periodização é necessária, pois os usos são diferentes nos diversos momentos históricos. Cada periodização se caracteriza por extensões diversas de formas de uso, marcadas por manifestações particulares interligadas, o território visto como unidade e diversidade [...] (p.20)

Os autores expressam que a compreensão do conceito de território vai além de aspectos como recursos naturais, ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. Para eles, o ponto chave deste conceito é: como esse território é usado. Neste sentido, as unidades de produção subordinam-se a um processo de dominação através de técnicas e tecnologias, pela produção de grãos (milho, soja e trigo). Nesse cenário a avicultura moderna caracteriza alternativas atreladas ao agronegócio que submete e transforma a territorialialidade camponesa conforme os interesses de reprodução ampliada do capital. E para que esse processo se efetive é necessário à implantação de infraestruturas, um dinamismo econômico e da sociedade além de formas de organização do trabalho orientadas e treinadas a produzir conforme as exigências do mercado externo.

A companhia Doux Frangosul S/A se territorializou no município de Erebango através da avicultura moderna de postura, se apropriando do território material, simbolicamente e ideologicamente, produzindo espaço e se apropriando dele através do capital. O município torna-se um território estratégico, influenciado pela Doux por participar de uma etapa de sua cadeia produtiva (produção de ovos férteis) e por transformar e reconfigurar os estabelecimentos de acordo com as exigências técnicas da empresa, e por adequar-se as especificações produtivas exigidas na avicultura moderna.

As ações e as práticas desempenhadas pelas famílias que trabalham com a avicultura moderna constituem-se como principal fator responsável pela permanência e desenvolvimento da empresa no município, uma vez que também serão agentes, influenciados pela empresa, na tarefa de uso do território. Trata-se de uma, estratégia coletiva de uso do território através de

relações de poder, empresa e poder público municipal que agem em consonância para que os agricultores proporcionem as condições necessárias à reprodução do capital.

O sistema integrado de produção de ovos férteis, que acontece através de contratos de parceria entre a empresa e as famílias, torna-se uma das estratégias da empresa para obtenção de matéria-prima e uma forma de relacionar a empresa com o avicultor, ao mesmo tempo em que representa um dos meios pelos quais sua territorialização se processe.

A territorialização da empresa Doux em Erebango, seguiu sempre em busca de oportunidades locacionais e logísticas, objetivando integrar um maior número de famílias, valendo-se das oportunidades de negócio que já existem, ou seja, objetivam aumentar a quantidade de aviários para as famílias que já são integradas, para expandir a territorialidade da empresa, a fim de otimizar os investimentos com transporte das aves, ovos e ração e assistência técnica diminuindo assim as despesas da empresa.

A avicultura moderna e a produção de grãos são os dois setores mais importantes do agronegócio, e o que mais cresceu nos últimos anos segundo o Anuário brasileiro de aves e suínos 2012. Porém, o investimento inicial é muito alto (em torno de 450 mil reais) e requer dos avicultores integrados aplicações financeiras contínuas na infraestrutura e nas técnicas de manejo adotadas na atividade. O setor avícola também passa por momentos de crise, como aconteceu em 2009, com a companhia francesa Doux Frangosul, que atrasou por quase dois anos os pagamentos de todos seus integrados.

Neste sentido, a avicultura moderna como alternativa para agricultura familiar pode ser questionada, como abordaremos no próximo capítulo, visto que no período de atraso dos pagamentos as famílias tornaram-se vulneráveis frente às dificuldades financeiras enfrentadas nesse período, tendo que muitas vezes recorrer a empréstimos bancários, ou desviar recursos de outra atividade para amparar as despesas com os aviários, aumentando assim sua subordinação ao agronegócio, uma vez que as exigências técnicas eram feitas independentemente do recebimento ou não dos pagamentos.

Referindo-se ao termo “agronegócio”, Matos e Pessôa (2011) destacam ser um termo empregado para designar grandes propriedades modernas, além de estruturar-se também junto à agricultura familiar, que se dedicam à monocultura com emprego de tecnologia avançada e reduzida mão de obra, e sua produção é destinada ao mercado externo ou às agroindústrias com a finalidade principal de auferir lucros.

Desta maneira, os estabelecimentos agropecuários de Erebango que passaram a trabalhar com a avicultura moderna de postura, sob a forma de integração, perderam sua

diversidade agropecuária, substituindo-a pela criação de frangos de postura e quando muito pelo cultivo de grãos (milho, soja e trigo), empregando técnicas e tecnologias voltadas a atender um aumento de produção e produtividade de ovos e diminuição de mão de obra, além da perda de autonomia em relação à gestão de seu estabelecimento após a integração feita por meio de contrato entre o produtor e a empresa.

A AVICULTURA MODERNA NO BRASIL

O consumo e a criação doméstica de frangos, de uma forma ou outra sempre fez parte das propriedades rurais até décadas passadas, mais precisamente, até meados de 1950. O cultivo de criação de aves resumia-se em uma atividade rotineira de subsistência familiar e era conhecida como produção de frango “caipira”, havendo pouco ou nenhum recurso destinado exclusivamente para o desenvolvimento da atividade, pelo fato de não possuir bases empresariais e econômicas.

Conforme os estudos de Belusso (2010, p.22), no Brasil, depois de 1930 a agricultura perdeu importância em função do desenvolvimentismo, visto que o progresso técnico se espalhou de forma irregular e a crise agrária transferiu para as cidades uma boa parcela da população rural. Neste período houve ascensão de novas forças políticas e, após a Crise de 1929, a economia agroexportadora brasileira foi atingida. Segundo a autora:

De modo geral, no Brasil depois de 1930 a agricultura perdeu importância econômica e a indústria progressivamente assumiu uma posição dominante. O processo de modernização da agricultura é um aspecto de um processo mais amplo de modernização da economia nacional, comandado pela indústria. (BELUSSO 2010, p.22)

Belusso afirma que a entre 1930 e 1970 consolidou-se no Brasil um padrão de desenvolvimento baseado nos setores urbanos e industriais. Os setores se acentuaram em 1930 apoiados numa industrialização voltada para a substituição das importações que acabou aumentando segundo Spindola (1999) a ampliação das atividades industriais.

A importação de um pacote tecnológico originário dos EUA objetivava um projeto de modernização da economia nacional. O pacote tecnológico da Revolução Verde visava o aumento da produtividade agrícola por meio de fertilização e utilização de maquinaria objetivando fortalecer grandes corporações. Desta forma, a agricultura foi inserida nas dinâmicas industriais e financeiras originando os Complexos Agroindustriais (CAIS).

A autora afirma que a constituição dos complexos agroindustriais subordinou os estabelecimentos agropecuários, transformando a agricultura em uma atividade sem autonomia e dependente de subsídios, pois o ato de empregar novos processos de produção requer grandes investimentos que implicará no aumento do custo da terra e do custo de produção agrícola.

De acordo com as afirmações de Belusso (2010) e Spindola (2009), a partir da década de 1950, a economia brasileira mostra grandes sinais de expansão iniciando uma série de investimentos do estado no setor produtivo de carnes e alimentos de origem animal. Neste período o governo brasileiro passa a se preocupar, por assim dizer, definitivamente, com o

setor agroindustrial, primeiro, com a criação do Plano Salte¹² e, posteriormente, com o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek.

Conforme os trabalhos de Belik (1992 apud Spindola 2007, p.53) os objetivos do Plano de Metas de JK eram seis, e não se resumiam ao campo, sendo eles: “[...] trigo, armazéns e silos, frigoríficos e matadouros, mecanização da agricultura e fertilizantes” plano este que mais tarde resultou no crescimento das atividades industriais, nasciam dessa forma novos setores produtivos.

Segundo Kageyama (1996, apud Belusso, 2010, p.24) na década de 1960 a agricultura passou por transformações nas relações de trabalho e mecanização nas atividades produtoras de bens de capital e insumos básicos, (insumos, máquinas e equipamentos) transformações que tornaram irreversível o processo de modernização da agricultura.

Esta nova fase de expansão abre caminho à cadeia produtiva de frangos no Oeste catarinense entre 1950-1952 quando se iniciam as atividades frigoríficas com caráter inovador. Incentivadas pelo estado as empresas Sadia e Perdigão edificaram suas instalações em toda região Sul do Brasil fazendo crescer a produção industrial progressivamente. Os autores destacam que é na década de 1970 que as indústrias de frango se estabeleceram como segmento moderno e que o setor avícola começa a receber os primeiros grandes investimentos e produzir em grande escala a carne de frango. Belusso (2010) destaca que:

[...] nos anos 1960 e 1970, existiu nitidamente uma política agroindustrial no Brasil, baseada na integração entre a agropecuária e a indústria processadora, que visou agregar valor aos produtos agrícolas exportados e teve como expressão maior a criação do Fundo Geral para a Indústria e Agricultura (Funagri), cuja função foi fundamental na indústria de carnes. (p.35)

A avicultura industrial no Brasil surge em meados de 1970 quando o país dá início às exportações da carne de frango, estimuladas, sobretudo, por uma política agroindustrial baseada na integração entre agropecuária e indústria processadora que tinha como objetivo segundo Belik (1999 apud Belusso, 2007, p.33) “[...] agregar valor aos produtos agrícolas exportados.” No final do século XX, o Brasil torna-se um dos principais exportadores de carne de frango atendendo a uma demanda no aumento do consumo. A partir desse ponto, a avicultura se constitui como uma cadeia produtiva, fazendo com que os agricultores acompanhem o padrão tecnológico requisitado aos moldes das exigências empresariais (BELUSSO, 2010).

¹² Plano lançado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra para estimular as áreas de saúde, alimentação, transporte e energia. O plano objetivava direcionar dinheiro público para esses setores emergenciais, mas fracassou por conta da inflação.

A autora afirma que no mesmo período (1970) a agricultura inseriu-se de forma peculiar no comércio internacional, com aumento das atividades ligadas a exportação, aumento do processamento industrial dos produtos e uma significativa evolução da produção de frangos o Brasil que levou em consideração os seguintes fatores: a melhora no manejo e nos equipamentos, buscando atingir um padrão internacional de qualidade, crescimento no consumo de carne de frango no mercado nacional motivado pelo preço mais acessível e conquistas de fatias no mercado externo.

Belusso (2010) e Spindola (2009) são unânimes quando afirmam que a avicultura industrial provocou grandes transformações na agricultura e na indústria brasileira envolvendo o consumo, aspectos tecnológicos e o comércio internacional. Segundo os autores, as cadeias produtivas que abrangem a avicultura industrial apresentam características próprias em termos de produto, mercado, tecnologia, localização geográfica e organização de produção. De 1970 até a atualidade, ocorreram e ocorrem várias modificações na estrutura produtiva de frangos no que compreende a genética e a nutrição animal, tecnologia, técnica e elevação da escala de produção.

Os estudos de Rizzi (1993 apud Belusso, 2010, p.34) apontam que as indústrias de frangos se estabeleceram como um segmento moderno nos anos de 1970 graças à concessão de crédito subsidiado pelo estado a instalação de frigoríficos e articulação de grupos nacionais e empresas estrangeiras, enquanto a produção de carne bovina e suína permaneceu relativamente atrasada em termos de tecnologia, o frango foi objeto de uma indústria que ampliou a escala de produção e adotou novas tecnologias o que permitiu a redução de custos e preços.

Por sua vez, Nogueira (2003 apud Belusso, 2010, p.35) já apontava a tendência dos contratos de parceria/integração entre agroindústria/empresas e produtores rurais nas últimas décadas como forma de aumentar os ganhos na produtividade, reduzir os custos, ampliar a qualidade e padronizar a produção. Para além desses objetivos, os contratos de integração apresentam-se como estratégias das grandes empresas com o objetivo de destituir o poder de produção dos agricultores e dissuadindo a autonomia dos agricultores em relação à gestão da propriedade e dos modos de produzir. A partir dos contratos de integração, a empresa integradora passa a comandar a forma de produção e de gestão das propriedades, a propriedade passa a ser uma extensão da empresa.

Portanto, os contratos de parceria entre agroindústria e produtores faz com que as agroindústrias controlem de forma hegemônica os estabelecimentos fazendo com que os

avicultores percam sua autonomia no que tange à gestão de sua propriedade. A possibilidade de um pequeno proprietário de terra tornar-se um “grande produtor” de frangos, por exemplo, dependerá de sua capacidade de investimentos na manutenção da atividade avícola e de sua sujeição as imposições que são determinadas pela agroindústria que são cada vez mais dinâmicas e seletivas.

CAPÍTULO III

A TERRITORIALIZAÇÃO DAS EMPRESAS DOUX-FRANGOSUL E JBS NO MUNICÍPIO DE EREBANGO

A territorialização da companhia Doux-Frangosul S/A Agro Avícola em Erebangó iniciou em 1999, quando um técnico da empresa francesa procurou a prefeitura municipal e a EMATER com o objetivo de estabelecer um diálogo com os agricultores do município e demonstrar interesse em integrar produtores na produção de ovos férteis e expor a forma de trabalho da empresa no ramo avícola.

Agricultores que possuíam algum potencial financeiro e logístico produtivo foram convidados a participar de uma reunião e demonstrando interesse pela atividade, isso ocorreu devido a mesma apresentar-se como uma “possível” alternativa de rápido retorno financeiro, frente o cultivo de grãos (soja, milho e trigo) que trazem retorno financeiro somente em uma safra por ano e são mais suscetíveis às intempéries climáticas e variação no preço dos commodities. Segundo o técnico da EMATER de Erebangó:

Teve um grupo de cerca de vinte agricultores que se fizeram presentes no Clube União de Erebangó e foi explicado o que era necessário para construir esses aviários e custava na época bem caro, em torno de trezentos mil reais, e por isso nem todos conseguiriam colocar [...] o investimento era muito grande e essas aves que seriam produzidas a partir dos ovos produzidos em Erebangó seriam todos para exportação e a preocupação era com doenças que poderiam afetar a produção e consequentemente os agricultores daqui (TÉCNICO EMATER, 2014).

Com base em entrevista realizada com o técnico¹³ da empresa JBS, o interesse no município surge a princípio pela localização de Erebangó, por enquadrar-se na logística da empresa, que exige que os municípios que trabalham com a avicultura de postura estejam no máximo há 60 quilômetros dos incubatório que se localizam em Passo Fundo/RS e Nova Bassano/RS. O técnico destaca que a escolha do município surgiu em função dele não possuir aviários de corte ou de postura de outras empresas, o que implicaria nas normas de biossegurança da JBS e também por existir uma espécie de “acordo” entre as empresas de não se instalarem no mesmo território, e finalmente, por ter recebido total apoio e incentivo da prefeitura municipal. E acrescenta ainda:

Tem que se enquadrar na logística da empresa, a empresa determina que os aviários estejam há 60 quilômetros do incubatório para minimizar os custos, que esteja no máximo há 300 km da fábrica de ração. A empresa procura trabalhar com integrados na mesma região, tu não vê, por exemplo, aviário de corte da Perdigão e nem matrizeiro da Perdigão, até porque o ministério faz esse controle. (TÉCNICO JBS, 2014)

¹³ O técnico da empresa JBS entrevistado, é o mesmo que trabalhava com a companhia Doux-Frangosul.

Antes de qualquer família tornar-se integrada da empresa Doux-Frangosul, seu estabelecimento passa por uma avaliação de risco que é feita pelo técnico responsável da empresa, que irá avaliar se o estabelecimento tem energia elétrica, água e se a família reside no estabelecimento, além de verificar se há condições necessárias para atender os parâmetros de logística exigidos pela empresa integradora, como afirma o técnico da JBS:

A empresa faz primeiro uma avaliação de risco da propriedade, medindo para ver se o distanciamento se enquadra nas normas técnicas, e se a propriedade se enquadrar a gente passa pro ministério da agricultura, daí eles vão até a propriedade verificar se a análise de risco confere (TÉCNICO JBS, 2014)

No ano de 1999, das 20 famílias convidadas para a reunião, apenas três famílias aderiram à prática da avicultura moderna, pela mesma apresentar-se com um caráter excludente e seletivo do perfil dos produtores contatados pela prefeitura, e também pelo alto custo de capital fixo para a implantação dos aviários, que diante da realidade da maioria dos agricultores tornava-se inviável.

A prefeitura municipal e a EMATER disponibilizaram todo tipo de apoio para nivelamento das áreas e assistência técnica para que os estabelecimentos pudessem se adequar ao padrão de construção dos aviários. Esse padrão de construção exige aviários¹⁴ de acordo com normas técnicas da empresa e do ministério da agricultura, que devem conter: portaria contendo banheiros, vestiários e escritório, casa de maravalha, composteira (espaço construído de alvenaria para decomposição das aves mortas) além do arco de desinfecção, que consiste em uma estrutura externa aos aviários e é composta de duas caixa de água, uma contendo desinfetante e a outra água pura, e uma estrutura de canos interligados que permitem a desinfecção de todo e qualquer caminhão ou automóvel que entre na área destinada aos aviários como forma de segurança sanitária. Também é exigido aos avicultores que uma área de 15m² ao redor de toda a granja seja cercada com tela de 1,50 m de altura.

De acordo com o técnico da EMATER, a prefeitura, como forma de incentivo, disponibilizou através do fundo da agricultura, um determinado valor para o início da construção das obras para as famílias que tinham assinado o contrato de integração com a companhia Doux-Frangosul. A respeito dos investimentos o técnico da EMATER esclarece:

Os aviários surgiram como uma alternativa nova, com grande investimento. Foram os agricultores mais jovens que começaram primeiro. Empresários com visão querendo investir em uma fonte de receita viável e investiram tanto os recursos que tinham como os que não tinham, [...] muitos foram procurar nos bancos (TÉCNICO EMATER, 2014)

¹⁴ Os aviários possuem uma metragem de 120 X 12 m², porém este padrão já está sendo alterado.

Os avicultores que tornaram-se integrados da empresa são chamados pelo técnico da EMATER de “empresários” um adjetivo carregado de simbolismo e que são vistos como agricultores com visão por aceitarem a integração e adequarem-se as exigências da companhia. Durante os nove anos que a companhia Doux-Frangosul esteve imprimindo sua territorialidade no município (1999 a 2008) de modo gradativo, 12 famílias integraram-se a companhia passando a trabalhar com a avicultura moderna. Atualmente há um total de 26 aviários de postura em Erebango.

No final do ano de 2008, a companhia Doux Frangosul entrou em colapso financeiro, passando a atrasar o pagamento dos integrados de Erebango, deixando várias vezes de entregar ração e medicamentos às aves alojadas. De acordo com entrevista realizada ao Avicultor C (2014): “para as aves não morrerem a gente repartia a ração, por exemplo, a ração que era para dar toda num dia a gente repartia para três dias, teve aviário que as galinhas chegaram a morrer por falta de comida”.

O atraso nos pagamentos referentes à entrega dos ovos e o racionamento de ração e de material para coleta dos ovos, durou por quase três anos e os pagamentos eram feitos aos avicultores a cada quatro ou cinco meses, mas nunca com valores corrigidos e quando eram pagos recebiam um ou dois meses de entrega de ovos. Neste período os estabelecimentos voltados à avicultura continuavam a produzir com muitas dificuldades, pois as exigências quanto à quantidade produzida, manejo com as aves e infraestrutura permanecia as mesmas e os agricultores continuaram trabalhando sob pressão da companhia e com a promessa de que a situação mudaria e receberiam os valores atrasados. Percebe-se assim o grau de vulnerabilidade dos agricultores que ficaram desamparados no período de crise da companhia Doux-Frangosul, considerando os investimentos realizados, empréstimos e financiamentos obtidos para construção dos aviários, pois os agricultores nesse período contavam apenas com os rendimentos provenientes do cultivo de grãos.

Três dos quatro avicultores entrevistadas (Avic.A, Avic.B, Avic.C e Avic.D) afirmaram canalizar recursos da produção de grãos (soja, milho e trigo) para cobrir as despesas mensais oriundas da avicultura integrada, como infraestrutura, equipamentos, financiamentos e funcionários. Assim o avicultor C afirma:

Eu na verdade consegui pagar os empregados e as despesas porque eu tinha outra fonte de renda, que era da soja, milho e trigo, porque senão não tinha conseguido, tinha que parar, não tinha o que fazer era difícil de manter, teve um mês que me cortaram a luz [...] (AVICULTOR C, 2014).

De acordo com o avicultor B:

Tivemos toda dificuldade em relação aos investimentos, a gente investiu nisso ali pra ter um retorno e na verdade eu tinha que manter os aviários e os funcionários com o dinheiro da lavoura, porque daí a gente não recebia e não tinha como não pagar quem trabalhava aqui [...] foi uma época muito complicada, e os funcionários não tinham culpa que a gente não recebia (AVICULTOR B, 2014).

Conforme o avicultor A:

Foi à época mais difícil desde que construí os aviários, tive que ir aos bancos buscar dinheiro, para pagar a luz e os empregados e a JBS quando acertou com a gente não pagou os atrasados com juros, fiquei quase três anos pagando um financiamento com juros muito altos (AVICULTOR A, 2014).

Através das entrevistas pudemos perceber a fragilidade desta atividade escolhida pelo município e pelas famílias como forma de diversificação da agricultura, apesar de um longo período de crise e atraso de pagamentos, os avicultores relatam nunca ter deixado de cumprir as exigências feitas pela companhia Doux-Frangosul, apelando muitas vezes a outros empréstimos bancários e financiamentos. O único avicultor entrevistado que não trabalha com produção de grão (identificado como avicultor A), a respeito da crise da Doux-Frangosul, afirma:

Naquele período de crise a saída foi buscar dinheiro em banco e emprestado com terceiros, para cobrir a despesa mensal que existia porque o atraso mensal da Doux era muito grande, então tinha que buscar recursos fora de outras formas para manter pelo menos os funcionários em dia (AVICULTOR A, 2014).

A mídia acompanhou todo o período de crise, noticiando diariamente as dificuldades enfrentadas pela empresa Doux-Frangosul e pelos avicultores de Erebangó e de outros municípios. Neste período ocorreram muitas reuniões com os agricultores, com os representantes da Doux na tentativa de negociação das dívidas da companhia para com os avicultores, como mostra à notícia abaixo, extraída do jornal A folha Regional (2010):

Imagem 01- Notícia da crise da Doux-Frangosul

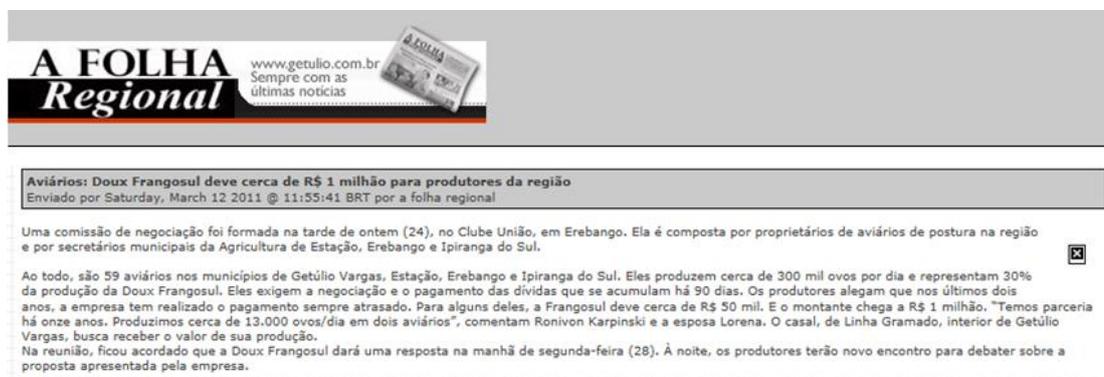


Imagem 01-Fonte: Folha Regional

Segundo o jornal Zero Hora (2012), após um longo período de negociações com a companhia Doux-Frangosul, a empresa brasileira JBS (João Batista Sobrinho) com sede em

São Paulo (SP) assume uma dívida de R\$ 466 milhões da Doux-Frangosul, e aluga suas instalações por 10 anos. Segundo a reportagem:

Em fevereiro, o presidente mundial da companhia, Charles Doux, fez uma visita sigilosa ao Estado na tentativa de buscar uma solução para a crise na empresa. A especulação sobre a venda dos negócios de aves da empresa para o grupo JBS começaram em março. Em abril, a Doux Frangosul suspendeu atividades no Estado. (Zero Hora, 2012)

A empresa JBS assumiu as instalações da Doux-Frangosul em todo o estado, bem como as famílias integradas de Erebango em abril de 2012 renegociou em três parcelas os pagamentos atrasados, renovou os contratos de integração, aumentando também o preço pago pelo ovo produzido no município. As famílias que renovaram seu contrato de integração com a JBS, já estão alojando o terceiro lote¹⁵ de matrizes nesse ano de 2014 sob a assistência da empresa JBS e consideram que houve grandes mudanças principalmente no que diz respeito às exigências, mas afirmam que os pagamentos estão todos em dia.

A este respeito, o avicultor A (2014) declara: “Depois da JBS os pagamentos não tiveram um dia de atraso, sempre foi certinho e na Doux ficamos cinco ou seis meses sem receber, essa empresa é um pouco mais ampla, tem condições de bancar”

Por sua vez, o avicultor B (2014) além de apontar a melhora na questão dos recebimentos dos recursos, aponta que o nível de exigência da empresa JBS aumentou comparado a Doux-Frangosul, por se tratar de uma companhia que produz quase que exclusivamente para o mercado internacional, na opinião do avicultor B:

A JBS é uma empresa de ponta e as exigências de mercado são maiores e ela acabou exigindo mais de nós do que a Doux na questão de biossegurança, produção, coisa que é padrão, pela evolução da atividade. A gente tem que ir se adequando a essas tendências, mas a parte mais significativa foi os pagamentos todos em dia e a melhora no preço dos ovos. (AVICULTOR B, 2014)

QUEM É A COMPANHIA JBS?

A companhia JBS¹⁶ teve início com o patriarca José Batista Sobrinho, em 1953, com uma pequena planta de abate na cidade de Anápolis, interior de Goiás, com capacidade de abate de cinco cabeças de gado por dia. A empresa se expandiu, sob a direção dos filhos do fundador. Hoje lidera o mercado de processamento de carnes, possuindo 340 unidades de produção atuando na área de alimentos, couro, biodiesel, colágeno, embalagens metálicas e produtos de limpeza. Intitula-se como a maior exportadora de proteína animal do mundo, vendendo para mais de 150 países.

¹⁵ Um lote de aves alojadas para produção de ovos dura aproximadamente 11 meses.

¹⁶ Informações obtidas através da página on-line da companhia JBS.

De acordo com a página da companhia, em 2007, a JBS foi à primeira empresa no setor frigorífico a abrir seu capital. Suas ações são negociadas na BM & Bovespa no mais elevado nível de governança corporativa do mercado de capitais do Brasil, o novo mercado. Em 2012, a receita líquida da companhia foi de R\$ 76 bilhões de reais. Neste mesmo ano, a companhia expande suas operações por meio da aquisição da empresa norte-americana Swift Company, representando seu ingresso no mercado de bovinos e suínos nos EUA.

Já em 2008, a companhia adquiriu a Tasman Group, na Austrália e as marcas Smithfield Foods e Five Rivers nos EUA, essa última um confinamento com capacidade para engordar dois milhões de animais por ano. No ano seguinte (2009), a JBS incorpora o frigorífico Bertin, até então o segundo maior frigorífico do Brasil concomitantemente com o controle acionário da marca Pilgrim's Pride. Além dessas aquisições a companhia amplia sua capacidade diária de abate no Brasil em 5.150 bovinos, com a aquisição de cinco novas unidades de abate.

Também neste mesmo ano, a companhia JBS alugou por 10 anos as instalações da empresa francesa Doux-Frangosul, com possibilidade de compra de todo o grupo no Brasil. O arrendamento da empresa Doux incluiu a recontração de todos os funcionários além dos pagamentos atrasados de fornecedores e integrados da empresa e um investimento inicial de R\$ 300 milhões em seis meses para pagamento de dívidas e capital de giro para retomada da produção.

Em 2010, o grupo adquire a Tatiara Meats e os ativos da Rockdale Beef, na Austrália, além do grupo Toledo na Bélgica, também anuncia a aquisição do confinamento McElhaney nos Estados Unidos. Em abril daquele ano realiza uma oferta pública de 200 milhões de ações ordinária, equivalentes a R\$ 1,6 bilhão.

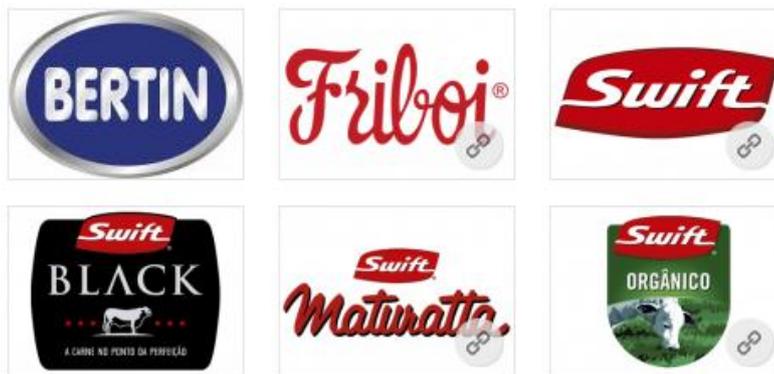
No ano de 2012, no Brasil, a companhia ampliou sua capacidade anual de processamento de bovinos em dois milhões de cabeças e inicia suas operações no segmento de aves, expandindo em 15% sua capacidade global de produção nessa categoria por meio de aluguel dos ativos da Doux-Frangosul. A marca Vigor deixa de ser uma subsidiária da JBS e realiza a abertura de seu capital passando a ter uma estrutura corporativa própria e independente.

Em 2013 a JBS adquiriu a empresa Seara Brasil, se consolidando como a maior processadora de aves do mundo. Possui marcas conhecidas mundialmente como Swift, Friboi e Bertin além de outras marcas, essa variedade de produtos e a presença em 24 países de cinco continentes (entre plataformas de produção e escritórios) atendem mais de 300 mil clientes em

mais de 150 nações. Percebe-se que há uma estratégia geográfica da empresa em expandir seus investimentos e sua planta agroindustrial em vários países, pois em caso de propagação de doenças como aftosa, gripe aviária e outras em alguns países a companhia possuirá margem de manobra no EUA, Brasil e Austrália. Além disso, no ano de 2013 o grupo passou a atuar no segmento de alimentos industrializados, se transformando na segunda maior plataforma brasileira de produção e distribuição de produtos de valor agregado.

No leque de negócios a companhia divide-se em quatro grandes unidades, sendo eles: JBS Carnes, JBS Couros, JBS *Foods* e JBS Novos Negócios. A JBS Carnes é a unidade de carne bovina da JBS no Brasil, sob esta unidade estão 42 frigoríficos distribuídos nas principais regiões do país com capacidade de processar 45 mil cabeças por dia. É a partir desta unidade que são produzidos e desenvolvidos cortes de carne in natura, e produtos industrializados com as marcas apresentadas na imagem 02 a seguir:

Imagem 02- Marcas pertencentes à unidade JBS Carnes



Fonte: Site JBS, 2014

A unidade JBS Couros inaugurou sua divisão de couros em 2009, como estratégia de agregar mais valor à cadeia produtiva, com altos investimentos em tecnologia e capital humano. Tornou-se desta forma uma unidade para atender a indústria de couro mundial, atendendo ao mercado automobilístico, moveleiro, calçadista e artefatos. Atualmente, a JBS Couros conta com 25 unidades fabris em quatro continentes, propiciando uma flexibilidade e fácil acesso a diferentes tipos de matéria-prima e mercados.

A terceira unidade da empresa denominada JBS *Foods* é, segundo a página da empresa, a mais nova unidade de negócios da JBS, criada para englobar a recém-adquirida Seara e também as operações da JBS aves. Dessa forma a Seara, Fiesta, Doriana, Rezende, LeBon, Frangosul entre outras passaram a ser marcas da JBS *Foods*. Nesta unidade de negócios a companhia possui um programa de integração, com cerca de cinco mil proprietários rurais produtores de aves e suínos com um sistema de criação de animais que

inclui tecnologias mais modernas, assistência técnica e insumos para a criação dos animais. Abaixo a figura 03 com o logotipo das marcas da JBS *Foods*:

Imagem 03- Marcas pertencentes à unidade JBS *Foods*.



Fonte: Site JBS, 2014

Além de sua agressiva expansão no segmento de carnes, nos últimos anos a brasileira e transnacional¹⁷ JBS é uma das principais produtoras de biodiesel do país, a maior quando se trata de biocombustível a base de sebo. Essa unidade de negócios da empresa (JBS Novos Negócios) transforma os subprodutos e resíduos do processamento de carne bovina, suína e de frango em produtos de alto valor agregado. Neste ramo a JBS é proprietária das marcas abaixo ilustradas na figura 02 a seguir:

Imagem 04- Marcas pertencentes à companhia JBS.



Fonte: Site JBS, 2014.

¹⁷ Transnacionais são corporações que possuem matriz em um país e atuação em diversos territórios dispersos pelo mundo.

De acordo com o jornal Agronegócios a companhia possui um faturamento anual de R\$ 76 bilhões que só vem crescendo desde o início das operações com biocombustível em São Paulo no ano de 2007. Em maio deste ano a empresa comemorou sua primeira exportação de biocombustível que envolveu 6,7 milhões de litros vendidos para empresa holandesa Argos¹⁸. Sua capacidade de produção de biocombustível é de 201 milhões de litros por ano, mas atualmente a JBS trabalha com cerca de 55% de seu potencial.

Segundo Alexandre Pereira, diretor de biodiesel da JBS, em entrevista ao jornal Agronegócios (09/2014) o sebo é a segunda matéria prima mais usada para produção de biodiesel no Brasil, depois da soja. Neste sentido, segundo Pereira, a JBS pretende ampliar sua capacidade de produção de biodiesel de forma “simples e rápida”.

De acordo com página da companhia JBS, a mesma aparece na lista das 100 empresas de melhor reputação corporativa do país, ocupando a 69º colocação no ranking geral das empresas de melhor reputação corporativa. A lista é elaborada anualmente pela consultoria Merco, em parceria com o IBOPE e considera a opinião de ONG's, consumidores, analistas, financeiros, jornalistas, sindicatos dentre outros. O levantamento também destaca o ranking dos 100 maiores líderes empresariais do Brasil, e mais uma vez a companhia JBS se destaca com a presença de Wesley Batista presidente global da companhia JBS e Joesley Batista, presidente do conselho de administração da JBS destacando-se ambos na lista dos maiores líderes empresariais do país.

Quando se fala em marketing e propagandas na mídia televisiva, a empresa também se supera. Este ano, segundo a revista Exame (05/2014), a Companhia JBS dona também do Canal Rural inicia um novo programa de TV em seu canal intitulado “Giro do Boi” que é exibido diariamente objetivando “levar aos pecuaristas informações relevantes” e debater o universo da pecuária no Brasil e no Mundo e uma forma de se relacionarem com os pecuaristas.

O investimento da companhia JBS-Friboi em publicidade também chama atenção. Após alguns escândalos¹⁹ envolvendo o nome da empresa, a JBS fechou um contrato de meio milhão de reais com o ator da Rede Globo Tony Ramos. A campanha de marketing da

¹⁸ Argos é uma distribuidora que importam combustíveis, misturando-os aos combustíveis fósseis e que atua no norte da Europa.

¹⁹ Apenas para citar 2 casos, em setembro de 2012 a empresa foi incluída na denúncia “Moendo Gente”, da ONG Repórter Brasil, que trata das condições desumanas em que trabalhadores são submetidos em frigoríficos. Em novembro do mesmo ano, a JBS-Friboi foi condenada pelo Ministério Público do Trabalho a pagar R\$ 3 milhões em indenizações por más condições de trabalho.

empresa é exibida somente em horários nobres todos os dias e segundo a revista *Época* o investimento total da campanha será de R\$ 50 milhões de reais em propaganda.

Outro “garoto propaganda” contratado pela JBS é o cantor Roberto Carlos. De acordo com reportagem do *site* *Vista-se*, o cachê do cantor que se auto afirma “vegetariano” girou em torno de R\$ 25 milhões de reais. A reportagem ainda afirma que Roberto Carlos não chegou nem a cortar o bife mostrado na propaganda. Fátima Bernardes também participa como garota propaganda da Seara, marca da JBS-Friboi por R\$ 5 milhões.

Segundo matéria publicada pelo jornal *Folha de São Paulo* (01/2014) o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) investiu, através de empréstimo subsidiado, cerca de R\$ 8,5 bilhões de reais na JBS-Friboi nos últimos anos. Este valor é mais que o dobro do que o Brasil gastou em segurança pública em 2013, por exemplo. O próprio BNDES é sócio da JBS e tem 22,9% de participação no capital da empresa.

De acordo com o jornal *Estadão* (11/2010) na disputa eleitoral de 2010 o grupo JBS foi o maior doador da campanha da petista Dilma Rouseff, com R\$ 12 milhões de reais entre os meses de agosto e setembro. A revista *Exame* (09/2014) apontou os 19 maiores financiadores (empresas) da campanha de eleição deste ano. Os 19 grupos privados doaram um total de R\$ 522 milhões a todos os partidos. O maior desses doadores segundo a revista é o Grupo JBS que doou até agora R\$ 113 milhões ou 11% do total doado, um aumento significativo em comparação com a quantia doada na campanha de 2010.

Mas segundo a revista, outros grupos da companhia JBS como a Friboi, Swift e Bertin também doaram. A reportagem segue dizendo que o Partido Trabalhadores (PT) foi o que mais recebeu da JBS, o Partido Social Democrático (PSDB) ficou em segundo lugar com R\$ 16 milhões e por fim o Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) recebeu uma quantia de R\$ 14 milhões. Entre todos os candidatos a maior beneficiada pelas doações da JBS foi à presidente Dilma Rouseff.

Atualmente, a JBS se faz presente em cinco continentes por meio de unidades industriais e centros de produção. A sede nacional da companhia localiza-se em São Paulo (SP) e suas atividades expandem-se geograficamente como podemos observar no quadro a seguir, baseado em dados disponibilizados na página da companhia referentes as unidades de produção e de negócios que a empresa possui distribuídas geograficamente pelo mundo. Na página da empresa, estes dados são apresentados através de um mapa do mundo e chamadas de unidades de negócios como podemos observar no quadro 10 a seguir:

Quadro 10- Unidades de negócios JBS

Unidades de negócios	Unidades de processamento de bovinos	Confinamento de Bovinos	Curtumes	Unidades de processamento de aves	Unidades de processamento de suínos	Unidades de processamento de ovinos	Centros de distribuição	Unidades de produtos processados
Brasil	53	05	24	21	07	-	32	18
Argentina	05	-	01	-	-	-	01	-
Paraguai	02	-	-	-	-	-	-	-
Uruguai	01	-	01	-	-	-	-	-
EUA	08	12	01	31	03	01	01	-
Austrália	08	05	01	-	-	02	07	-
Canadá	02	01	-	-	-	-	-	-
México e Porto Rico	-	-		03	-	-	14	-
Total de unidades	79	23	28	55	10	03	55	18

Fonte: Site JBS, 2014.

Nota: Elaborado pela autora

EREBANGO COMO NÓ LOCAL DO CIRCUITO ESPACIAL DE PRODUÇÃO DA JBS

Como já pudemos perceber, a companhia JBS atua com muitas unidades de negócios e a produção de ovos férteis no município de Erebangó encontra-se ligada a unidade de negócios JBS *Foods*, a mais nova unidade de negócios da empresa. Essa unidade, como as demais, é caracterizada pela divisão territorial do trabalho, visando que a companhia siga especializando-se produtivamente e expandindo suas atividades territorialmente, impulsionando a circulação de suas mercadorias, propagandas, ordens e informações. Santos e Silveira (2011) que discutem os circuitos espaciais de produção. Para os autores:

[...] para entender o funcionamento do território é preciso captar o movimento, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais de produção. Estes são definidos pela circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território (p.143).

Na tentativa de explicar o movimento que faz uma etapa do circuito espacial de produção de ovos férteis da JBS que, acaba por envolver de forma significativa o município

de Erebango, apresentaremos uma etapa deste circuito espacial de produção, elaborada de acordo com entrevista com o técnico da empresa JBS.

A primeira etapa deste circuito consiste na compra pela unidade JBS *Foods* de uma quantidade pré-estabelecida de aves da COOB²⁰, uma empresa especializada em genética de aves. Esta é responsável por fazer para a JBS o cruzamento genético das linhagens com o objetivo de produzirem as aves “bisavós” que são produzidas e incubadas nos EUA a um custo de R\$ 150,00 cada pintinho. Cada ave “bisavó” dará origem a 70 aves “avós” que posteriormente serão compradas pela JBS.

Em seguida as “avós” (pintinhos) são trazidas dos EUA de avião e levadas aos avozeiros da JBS situados nas cidades de Vacaria-RS e Ipê-RS a fim de se reproduzirem, dando origem às “matrizes”. Cada ave “avó” produzirá 180 matrizes. De acordo com o técnico da JBS: “o grande valor genético das aves exige um padrão de biossegurança muito alto então a JBS cuida disso, em uma área de 600 hectares, com 50 aviários no meio de uma área reflorestada e restrita para as pessoas que trabalham lá”.

As “matrizes”, depois de um período de 22 semanas alojadas nos avozeiros serão redistribuídas aos aviários de Erebango. Cada aviário de postura irá receber em média 7.800 aves fêmeas e 800 aves machos que ficarão alojadas por um período de 10-11 meses. Durante este período cada ave fêmea produzirá uma média de 195 ovos, sendo que destes em média 188 são incubáveis, e os outros sete serão incluídos nos ovos comerciais, gemas duplas, deformados e ou trincados.

O município de Erebango destaca-se nesta parte do circuito espacial de produção, pois caminha para espacialização na produção de ovos férteis incubáveis que posteriormente darão origem a carne de frango de granja. Toda a parte de alojamento, cuidados, alimentação, infraestrutura e classificação dos ovos ficam na responsabilidade dos avicultores de Erebango. Deles depende uma parte importante do circuito espacial de produção da empresa JBS *Foods*, uma vez que se a porcentagem de fertilidade dos ovos baixar cairá também a produção de pintinhos no incubatório, interferindo na produção do frango de corte.

Este complexo circuito espacial de produção que estamos delimitando envolve um emaranhado de fluxos materiais: transporte aéreo, transporte terrestre, fabrica de ração, medicamentos, assistência técnica, técnica, tecnologias e segundo Santos e Silveira (2011)

²⁰ De acordo com página <http://www.cobb-vantress.com/languages/portuguese/about-cobb/about-cobb> a companhia COOB foi fundada em 1916 com sede nos EUA, é uma empresa global de pesquisa avícola, especializada em genética, desenvolvimento e produção de matrizes produtoras de frango e líder global em genética de aves.

fluxos não obrigatoriamente materiais, isto é: capitais, informações, mensagens e ordens. Para os autores “essa é a inteligência do capital, reunindo o que o processo direto da produção havia separado em diversas empresas e lugares, mediante verdadeiros círculos de cooperação” (p.144).

Toda essa infraestrutura cooperando, permite que o trabalho se faça sobre grandes extensões de terra, fazendo com que a companhia JBS seja um ator privilegiado da articulação entre os lugares, unificando através do circuito espacial de produção as diversas etapas de produção que se encontram geograficamente separadas. Neste contexto, a logística ganha destaque, e é a estratégia da JBS para conferir fluidez ao seu circuito espacial produtivo e minimizar seus custos de produção.

A rotina de trabalho nos aviários inicia logo ao amanhecer do dia e deve seguir o Manual de Boas Práticas de Manejo, disponibilizado pela empresa para que sirva como guia no dia-a-dia nos aviários. Este manual tem como objetivo estabelecer e padronizar os procedimentos necessários para garantir a sanidade das aves, a produção dos ovos férteis, em busca de resultados mais rentáveis, como colocam Santos e Silveira (2011):

As exigências de um mercado altamente competitivo e as políticas desses grupos empresariais alastram-se à montante no circuito produtivo, uma vez que suas rígidas normas técnicas e organizacionais impõe um dado manejo mesmo quando estes não são de sua propriedade (p.147).

Às quatro horas da manhã as luzes dos aviários acendem-se com o auxílio do timer²¹. Às cinco horas a ração deve ser pesada e largada em um comedouro automático de corrente, processo que leva cerca de 30 minutos em cada aviário. Durante o arraçoamento²² somente as fêmeas se alimentam, os galos são alimentados em calhas separadas e seu arraçoamento é feito de forma manual, pois os galos tem a crista maior, exigindo que seu comedouro seja diferente.

O trabalho que segue durante o dia consiste em sua maior parte, na coleta e classificação dos ovos. Durante o dia, são feitas cinco coletas, em cada coletas os ovos são classificados em nove categorias de ovos sendo elas: limpos de ninho (ovos colhidos no ninho), sujos de ninho (ovos colhidos no ninho, mas que apresentam sujidade), ovos de cama (ovos colhidos na cama, ou seja, no chão, mas não apresentam sujidade), duas gemas (ovos com o tamanho demasiadamente grande²³), refugos (ovos demasiadamente pequenos), deformados (ovos com a casca deformada), trincados (ovos com rachaduras ou mini fissuras),

²¹ Aparelho elétrico utilizado para programar o acendimento das lâmpadas.

²² Atividade de dar ração.

²³ Durante a classificação os ovos são medidos através de uma forma especial para que tenham seus tamanhos e forma padronizados, pois ovos fora do padrão são vendidos pela JBS a empresas de pastifícios.

eliminados (ovos que são descartados por rachaduras), todos são enviados quase que diariamente ao incubatório em Passo Fundo com exceção somente dos ovos eliminados que vão ao final do dia para composteira²⁴.

O controle de água e temperatura deve ser diários, além da limpeza dos banheiros e portarias, coleta das aves mortas, controle de entrada de pássaros, entrega dos ovos a transportadora, além de pedidos de ração e preenchimento do movimento diário que consiste no ato de controlar através de planilha, o movimento diário de produção do aviário, o estoque da sala de ovos, e os ovos enviados ao incubatório. Este fechamento é feito no final do dia e imprescindível para que o circuito espacial de produção de ovos possa fazer o controle do que é produzido e do que precisa ser melhorado, além de medir o índice de desempenho de cada avicultor durante seu ciclo de produção, pois essa planilha do dia anterior é enviada ao incubatório a cada carregamento de ovos.

Outras atividades também fazem parte da rotina avícola. Algumas com menos intensidade, como a pesagem das aves com o objetivo de padronizar o tamanho final do frango e como forma de avaliar o grau de conversão de alimento na produção dos ovos, além de averiguar a saúde física das aves. A retirada de sangue das aves para exames veterinários, colocação de maravalha nos ninhos para quem não possui ninhos automáticos, colocação de maravalha no chão para que as aves se sintam bem acomodadas, remoção da cama para evitar umidade, limpeza externa dos aviários e controle de roedores.

Os cuidados com a biossegurança (banho a cada saída do perímetro dos aviários, controle da entrada de carros, pessoas e animais, limpeza de portarias, bebedouros, cortinas, etc.) também fazem parte da rotina diária e servem para impedir a entrada de microrganismos causadores de enfermidades. Para tanto, a entrada na área dos aviários só é permitida para trabalhadores daquela granja e equipe técnica, com vestuário apropriado. O banho é obrigatório para todos, e todo e qualquer atividade relacionada a avicultura deve atender a procedimentos determinados pela JBS.

Como já citado anteriormente, o transporte da produção dos ovos férteis ocorre diariamente. Estes são transportados pela própria empresa e levados ao incubatório em Passo Fundo. Lá, como veremos a seguir mais detalhadamente, os ovos são chocados obedecendo a uma numeração de lote que cada aviário possui. São chocados por um processo totalmente automatizado em grandes cabines giratórias a uma temperatura de 39°C mudando de posição

²⁴ Local construído e destinado para depositar aves mortas e ovos eliminados, para que façam a compostagem. Ao final do lote esse material orgânico é vendido pelos avicultores juntamente com a cama de aviário para adubação.

a cada hora, para que ocorra uma padronização da temperatura nos ovos. Permanecem chocando nessas cabines por 20 dias e 20 horas.

Após o nascimento, os pintinhos são vacinados, medicados e redistribuídos aos aviários de corte, permanecendo as aves nesses aviários por mais ou menos 42 dias, dependendo o local de venda final dos frangos (China, Ásia e Europa). Posteriormente, são transportadas os frigoríficos da JBS que fique no máximo a um raio de 100 km de distância dos aviários. O técnico da JBS afirma que:

[...] trabalhamos sempre visando atender o mercado internacional que determina como as aves tem que ser criadas através de leis internacionais, é o cliente internacional que determina como ele quer que o frango seja criado, por exemplo, como o mercado árabe uma equipe árabe acompanha o abate, fazem um ritual dentro do frigorífico, num altar que é específico pra eles (TÉCNICO JBS, 2014).

A cada novo lote de aves alojadas, todos os equipamentos que incluem ninhos de madeira, ninhos automáticos, bebedouros, comedouros automáticos, comedouros manuais, cortinas, são retirados do aviário, lavados e desinfetados. A remoção da cama (matéria orgânica, fezes e poeira) acumulada nas instalações deve ser feita de acordo com as Normas Técnicas de Manejo. A lavagem e a desinfecção segue um rigoroso procedimento. Cada avicultor, dependendo de quantos aviários possui, terá um determinado tempo para efetuar essa limpeza, mas o vazio sanitário obrigatório é de no mínimo 30 dias para propriedades com um aviário, 40 dias para dois aviários e 50 dias para três aviários.

Durante todo o tempo de alojamento das aves, os aviários e os procedimentos de trabalho dos avicultores e trabalhadores das granjas são acompanhados pelo técnico da JBS, com o objetivo de treiná-los e avaliá-los semanalmente. Desta maneira, cada visita do técnico envolve uma série de avaliações e investigações dos aviários apontando falhas ou procedimentos que devem ser alterados, ou até mesmo elogiando o padrão que ali se estabelece. Durante a visita, relatórios técnicos são preenchidos e um livro com as demandas que são necessárias serem feitas, são deixadas com o avicultor para que as providencias sejam tomadas.

A avaliação do técnico envolve aspectos referentes à alimentação das aves, aferição das balanças, coleta dos ovos, armazenagem dos ovos, umidade da cama, peso das aves, saúde das aves, limpeza de modo geral, entrada de animais nos aviários como pássaros e roedores, temperatura ambiente das aves, fumigação dos ovos e objetos, iluminação, manejo das cortinas, treinamento de pessoal, aplicação de medicamentos, além de conferir a lavagem e liberar para desinfecção os aviários dentre outros itens que julgar necessário. Reiterando estas afirmativas, o técnico da JBS (2014) enfatiza: “[...] treinar os avicultores no dia a dia, atuar de

forma intensa em situações específicas, trabalhar com biossegurança e parte zootécnica, esse é meu trabalho”.

TÉCNICA E TECNOLOGIA NA INCUBAÇÃO DOS OVOS FÉRTEIS

A avicultura moderna empregada na produção de ovos férteis em Erebangó constitui-se como parte integrante de um longo circuito espacial de produção sob o domínio da empresa JBS. Como pudemos ver anteriormente, há uma diversidade de técnicas e tecnologias nos aviários aonde chegam as matrizes e um longo trabalho de desinfecção é feito para receber as aves que serão alojadas.

Os ovos produzidos em Erebangó, são transportados diariamente para o incubatório em Passo Fundo (RS). O incubatório se constitui como uma das partes do circuito espacial de produção da empresa JBS, e está organizado para receber a produção de ovos férteis para passarem por um processo de incubação totalmente artificial, com o objetivo de gerarem pintos de um dia que serão distribuídos aos aviários de engorda que posteriormente, serão abatidos, dando origem ao “frango de granja”.

Todo o processo de incubação é dotado de alta tecnologia computacional, que controla cada etapa do processo de incubação que dura, segundo o técnico do incubatório, 21 dias e 20 horas. A esse respeito Mizuzaki (2003) aponta que:

É interessante observar que esse período de incubação corresponde ao mesmo período que leva uma galinha caipira, ou seja, o capital conseguiu transformá-lo em processo artificial, mas não reduziu o tempo necessário que a ave leva para nascer (p.220)

O incubatório da JBS em Passo Fundo possui 48 incubadores e 48 nascedores, com capacidade de comportar 120.000 ovos cada. Os incubadores e nascedores são uma espécie de câmara com aquecimento e resfriamento de temperatura controlado por sistemas de computação importados. Durante o período de 21 dias e 20 horas os ovos ficam nas câmaras incubadoras dentro de bandejas giratórias que mudam de ângulo a cada hora, com o objetivo de distribuir a temperatura de maneira uniforme. O incubatório de Passo Fundo produz diariamente 280.000 pintinhos.

Terminado este processo, os ovos são vacinados por uma máquina de vacinas importada dos EUA que alcança o pintinho ainda dentro da casca do ovo. O técnico da JBS destacou que a empresa não é dona do equipamento, pois o equipamento é patenteado pelos EUA que apenas aluga a máquina e cobra um valor determinado da JBS por ovo vacinado, custando para a empresa um valor aproximado de R\$ 80.000 reais mensais.

Após a vacinação as bandejas são retiradas do incubador e levadas para outra câmara chamada de nascedor, e permanecem ali por mais dois dias, até que os ovos descasquem. Após o nascimento, os pintinhos são levados para uma sala chamada de sextagem. Nela ocorre a separação de machos e fêmeas e a separação de aves com problemas genéticos ou deformados fisicamente. Trabalho feito manualmente e baseado na observação do tamanho das asas dos pintinhos.

Após a sexagem, os pintinhos recebem uma segunda vacina, que é borrifada em forma de spray, para contenção de algumas doenças, são encaixotados e distribuídos diariamente, conforme a demanda para os aviários de engorda.

As aves descartadas durante a sextagem juntamente com as cascas de ovos que sobram da incubação são trituradas e transportadas por uma empresa responsável pela produção de adubo orgânico.

A cada etapa de produção dentro do incubatório, as salas e câmaras são lavadas com água quente e bactericidas, um rigoroso processo de higienização para evitar contaminações nos ovos e nas aves.

Segundo o técnico da JBS que guiou nossa visita técnica, o incubatório de Passo Fundo apesar de produzir uma grande quantidade de pintinhos diariamente, já está com suas câmaras de incubação e equipamentos ultrapassados, ressaltando que pela empresa JBS ter alugado as instalações continuarão por algum tempo ainda trabalhando com aqueles equipamentos.

CAPÍTULO IV

AVICULTURA INTEGRADA EM EREBANGO: TERRITORIALIZAÇÃO E MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DA AGRICULTURA FAMILIAR PELO CAPITAL

Falar de território nem sempre é tarefa fácil. Porém em nosso caso torna-se essencial trazer a discussão esse conceito chave da geografia. Desta maneira Santos e Silveira (2011, p.19) afirmam que “por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada”, e seguem dizendo:

[...] território usado, sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território [...] Entretanto uma periodização é necessária, pois os usos são diferentes nos diversos momentos históricos. Cada periodização se caracteriza por extensões diversas de formas de uso, marcadas por manifestações particulares interligadas, o território visto como unidade e diversidade [...] (p.20)

Como já destacado no capítulo I, ao longo do tempo as propriedades que hora trabalhavam pautadas na racionalidade da agricultura camponesa eram territórios usados de maneira diversificada, marcado pela presença do trabalho familiar e pela relação dessas famílias com a terra e com seus conhecimentos produtivos e tecnologias apropriadas à produção em pequena escala, além da adaptação da agricultura naquele território. Com o passar do tempo a territorialidade desse modo de vida foi sendo erodida pela intensificação das relações capitalistas de produção no campo.

Um novo modelo de produção, com origem na Revolução Verde, transformou de modo gradativo, a territorialidade camponesa das famílias de Erebangó, conforme os interesses de reprodução ampliada do capital. As unidades de produção, outrora diversificadas, para atender a demanda alimentar familiar e comercialização de seus excedentes, com a modernização da agricultura são submetidas, com o passar do tempo a uma nova forma de pensar e produzir, de acordo com a demanda do mercado externo.

Os usos do território das unidades de produção foram sendo modificados conforme cada momento histórico, em um primeiro momento com a produção de grãos (soja, milho, trigo) e posteriormente pela avicultura moderna. Santos e Silveira (2011, p.21) colocam que “o uso do território pode ser definido pela implantação de infraestruturas”, aos quais eles chamam de sistemas de engenharia, mas também pelo dinamismo da economia e da

sociedade, assim como os sistemas de movimento de homens, capitais, produtos, mercadorias, serviços, mensagens e ordens.

Estes movimentos expressos definem muito bem os novos usos do território da avicultura moderna em Erebango. No conceito de território usado, levam-se em consideração tanto as técnicas com sua incorporação ao solo, como os equipamentos, hora já mencionados neste capítulo, como os objetos técnico ligados a produção (veículos, implementos) e os insumos técnico-científicos (propaganda e apoio técnico) destinados, segundo Santos e Silveira (2011), a aumentar a eficácia, a divisão e a espacialização do trabalho nos lugares. Como em nosso estudo o município de Erebango encaminha-se para uma especialização na produção de ovos incubáveis, destinados a produzir frango de corte para exportação.

A monopolização dos territórios da agricultura familiar, ou seja, das propriedades se efetiva pelos novos usos do território, que se estabelecem com as técnicas e tecnologias da avicultura moderna e seu caráter contratual, redefinindo usos das propriedades, aspectos estes que acentuam a dependência dos agricultores do município à empresa JBS, ao capital financeiro e ao mercado, uma vez que toda sua produção é voltada a atender o mercado externo.

A avicultura moderna apresenta-se como uma alternativa seletiva para a agricultura familiar do município, por possuir um número muito pequeno de famílias integradas. Segundo Paulino (2006), a avicultura moderna configura-se como uma forma agrícola tipicamente capitalista que requer alta eficiência produtiva, monopolizando de forma intensa os estabelecimentos e a racionalidade das famílias, destituindo as potencialidades socioeconômicas da agricultura camponesa.

Na tentativa de diferenciar a agricultura camponesa da agricultura capitalista, Paulino (2006), aponta que a diferença se encontra na forma de como as relações internas dentro dessa agricultura estão estruturadas. A autora afirma que tanto na agricultura camponesa como na agricultura capitalista “o que está em jogo são as estratégias por meio das quais os capitalistas se apropriam da riqueza gerada unicamente pelo trabalho” (p.106)

Ou seja, na avicultura moderna de Erebango, o sistema de integração é uma das estratégias utilizadas pela empresa JBS de assegurar o avicultor como seu “parceiro”, para posteriormente se apropriar da riqueza (ovos) produzida pelo trabalho da família avicultora e dos funcionários assalariados. A estratégia do avicultor compreende o pagamento de salário aos seus funcionários que vendem seu trabalho nos aviários.

A avicultura moderna organiza-se em Erebango de maneira verticalizada e é composta de alguns agentes, sendo eles: JBS aves S/A, avicultor, capital financeiro e trabalhadores assalariados nos aviários. Paulino (2006) afirma que o trabalho configura-se como o elo mais versátil da cadeia produtiva que, aliado a tecnologias, aumenta sua capacidade de criar riquezas.

Podemos dizer então que o que cria a riqueza é o trabalho, tanto do trabalhador assalariado, quanto do avicultor que também utiliza seu trabalho e o trabalho de sua família na produção dos ovos. A tecnologia que é utilizada nos aviários apenas potencializa a ação dos trabalhadores, elevando a produtividade do trabalho, mas não gera riqueza por si só.

Nos aviários com uma maior automatização, o que ocorre é uma apropriação mais elevada, pela JBS, da riqueza produzida pelo trabalho, ou seja, não ocorre perda na produção como, por exemplo, em aviários em que os ninhos não são automatizados. Nesses aviários os ovos rolam direto na esteira, não ficam nos ninhos ou no chão esperando o horário de coleta, evitando assim que se trinquem, esfriem ou que se contaminem, fazendo com ocorra grandes quebras de produção ou que os ovos não passem na ovoscopia²⁵.

Paulino (2006) acrescenta que a monopolização do território pelo capital deve ser entendida como processo. Então vejamos: o avicultor de Erebango controla ao mesmo tempo a força de trabalho (seus funcionários e sua família) e os meios de produção (aviários), ou seja, o que o avicultor vende, no capitalismo, é o produto (ovo), porém subordinado contratualmente a agroindústria, no qual está contido o trabalho da família e dos funcionários contratados.

Como a atividade avícola requer além de tecnologias, uma técnica que necessita de força de trabalho como, por exemplo, manuseio do trator tobata, regulagem dos bebedouros, coleta de ovos no ninho automático, no chão dos aviários e sua classificação por tamanho e limpeza, a relação de assalariamento do avicultor com seus funcionários “se justifica pela existência de meios de produção que necessitam de força de trabalho para acioná-los” (Paulino 2006, p.108)

A avicultura moderna em Erebango tem ressignificado a agricultura familiar do ponto de vista técnico-produtivo e das relações de trabalho. Esses agricultores, devido às características próprias da avicultura de postura, tem incrementado a produção através do maior investimento tecnológico, e também contratando trabalhadores permanentemente, em uma média de três trabalhadores por aviário.

²⁵ Exame feito quinzenalmente nos lotes de ovos dos aviários para verificação do nível de fertilidade dos ovos.

Essa forma de produção tem feito com que esses agricultores tenham se constituído como tipicamente capitalistas, desde os pontos de vista da produção e das relações de trabalho, transformando a agricultura familiar, devido suas características de produção/integração. Porém, a tendência é a concentração da produção por alguns produtores, que têm ampliado ou ampliarão a escala de produção, o que demandará mais contingentes de trabalhadores assalariados, enquanto que alguns produtores poderão desistir da atividade se não se enquadrarem no perfil exigido pela empresa, ou seja, a avicultura moderna é uma atividade excludente e concentradora.

O controle que a empresa JBS e o avicultor dono dos aviários exercem sobre o trabalho e os trabalhadores assalariados consiste em uma relação social que o capital estabelece dentro do espaço produtivo. Para que o mercado se efetive enquanto mercado capitalista se faz necessário mercantilizar todas as relações sociais.

Amboni [19--] pautado nos trabalhos de Marx, segue dizendo que o trabalhador, dentro da lógica capitalista, se torna uma mercadoria à disposição do capitalismo, pois além de criar mercadorias, o trabalhador tem que produzir e reproduzir a si mesmo (sua força de trabalho) enquanto mercadoria, desvalorizando-se porque o que é valorizado são as coisas, ou melhor, o que é produzido, os ovos e as aves.

Dentro de nossa perspectiva de pesquisa, o avicultor dono dos aviários e dos meios físicos de produção de ovos, juntamente com seus trabalhadores assalariados tornam-se mercadorias, insumos à disposição da companhia JBS, pois precisam produzir de acordo com as normas da empresa. Seu tempo livre passa a ser regulado por um tempo de trabalho determinado, visto que a produção de ovos férteis exige um grande comprometimento e dedicação por parte de seus trabalhadores, que trabalham de segunda-feira à segunda-feira.

O trabalho avícola é assistido constantemente pelos olhos do capitalista (JBS) no controle da produção e das relações de trabalho. Durante o trabalho cotidiano dentro dos aviários, os funcionários assalariados são dirigidos pelo avicultor, que além de dedicar sua força de trabalho na atividade avícola tem como função acompanhar o trabalho de seus funcionários. A este respeito Fontes (1997, apud Amboni, [19--], p.07) expressa:

O trabalho, polo gerador de toda riqueza social, encontra-se socializado, isto é, a produção de qualquer bem depende de uma imensa e internacional divisão do trabalho. Criam-se formas de cooperação entre as trabalhadoras nunca antes imaginadas, dirigidas e controladas pelo capital.

Amboni [19--] entende que a mercadoria que é produzida coletivamente, exige, em contrapartida, direção, pois é função do capital dirigir e organizar a produção, subordinando o trabalho ao mesmo tempo em que torna o trabalho cooperado organizacionalmente. A

gerência desenvolvida tanto pelo avicultor proprietários dos aviários, como pela JBS é uma forma de obter controle sobre o processo produtivo, uma vez que a JBS, terá um controle maior ainda, pois o gerenciamento do processo produtivo inclui também o gerenciamento da propriedade como um todo negando desta forma a autonomia do avicultor como com apresentaremos no capítulo III.

O cuidado e gerenciamento que o avicultor investe na avicultura moderna, sendo ele proprietário da propriedade, infraestrutura e equipamentos, são imprescindíveis, pois qualquer fracasso produtivo pode determinar sua ruína. Portanto, ter controle sobre o tempo de serviço dos trabalhadores e o modo de produzir torna-se essencial, uma vez que a existência do avicultor capitalista depende também da capacidade de produção de seus trabalhadores em responder as exigências de produção para o mercado.

Portanto, os trabalhadores assalariados nos aviários vendem sua força de trabalho, habituando-se as tarefas rotineiras do trabalho avícola, mantendo-se sob o domínio do capital. Amboni ([19--], p.10) ainda afirma: “O trabalhador, neste sentido, trabalha sobre o controle do capitalista, pois o resultado de seu trabalho já lhe pertence, assim como lhe pertence a matéria-prima e os instrumentos de trabalho.”

Os trabalhadores da avicultura moderna possuem horas regulares de trabalho, com algumas condições técnicas de produção presentes (comedouros automáticos, bebedouros, ninhos manuais e automáticos, carrinho de ovos, trator tobata, climatizadores, cortinas manuais etc.) artificializando o processo produtivo, permitindo um planejamento e padronização da produção, controle de biossegurança, aumento da relação custo benefício máquinas e diminuição dos trabalhadores. Estas são maneiras da companhia JBS afirmar a perda de autonomia do avicultor mediante sua propriedade. Cabe lembrar que as tecnologias de produção são substituídas por outras mais modernas e eficazes do ponto de vista do capitalismo, muito rapidamente. A cada nova técnica os avicultores são impelidos pela JBS a readequar seus meios de produção.

O objetivo capitalista (JBS e avicultores) desta forma de produzir assume portanto, o domínio das relações sociais do mundo do trabalho impondo aos trabalhadores submissão à sua vontade, que é a maximização do lucro através da mais-valia²⁶. Amboni ([19--], p.11) afirma que o capital nasce como uma relação social, e é consolidada por um tipo de produção

²⁶ BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista, 2001. Conforme o dicionário o termo mais-valia refere-se à produção excedente que toma a forma de lucro, onde a exploração resulta do fato da classe trabalhadora produzir um produto que pode ser vendido por mais do que ela recebe como salário.

e pelo crescimento da divisão do trabalho e com uma subordinação crescente de toda a vida social a um sistema produtivo.

Desta forma, o homem torna-se uma mercadoria, que para viver, necessita vender sua capacidade de trabalho, e como mercadoria necessita estar em condições de trabalho tendo habilidade, rapidez e destreza para manter-se enquanto mercadoria. A força de trabalho torna-se o principal elo de conexão entre o capitalista (avicultor) e seus trabalhadores assalariados, relação estabelecida pela compra e venda da força de trabalho.

Outro conceito pertinente a nossa pesquisa diz respeito à sujeição da renda da terra ao capital. Convém destacar que para Martins (1995, apud Paulino, 2006 p.110) a monopolização do território pelo capital está exatamente na “sujeição da renda da terra”, que é gerada pelo trabalho familiar. Este trabalho familiar está contido nos produtos que os avicultores colocam no mercado e o interesse dos capitalistas é se apropriar desse trabalho através dos produtos, ou seja, se apropriar da renda da terra.

No entanto, com o avicultor de Erebangó, esse processo de sujeição da renda da terra ocorre tanto à montante, como à jusante dos estabelecimentos que trabalham com a avicultura moderna. A riqueza é produzida e apropriada pelos bancos, indústrias produtoras de equipamentos, redes de supermercados e principalmente pela JBS que se apropria das maiores fatias dessa riqueza produzida.

O sistema de integração consiste em uma estratégia utilizada pela companhia JBS para que o avicultor obtenha de forma subordinada à JBS renda de sua terra. Segundo Paulino (2006) a integração é uma forma de intervenção do capital na organização das atividades internas dos estabelecimentos. Sabemos que esta intervenção ocorre quase que diariamente, com a visita rotineira do técnico aos aviários, na tentativa de mostrar este aspecto o avicultor C desabafa:

Ontem o técnico veio aqui fazer a avaliação mensal do lote na ficha ganhei uns cinco não, por causa dos cachorros, de uns passarinhos no aviário, e uns bebedouros mal regulados, e de outras coisas essas avaliações contam depois na bonificação, se continuar assim não sei, cada dia tem uma coisa [...] (AVICULTOR C, 2014).

A respeito da territorialidade da avicultura, Paulino (2006) destaca que está intimamente relacionada à alocação física das empresas, das distâncias entre os aviários, o incubatório em nosso caso, e os abatedouros como forma de viabilizar a atividade. As empresas demarcam limites de atuação como forma de controlar e usar o território. Neste sentido cabe nossa definição de território usado, Erebangó escolhido estrategicamente pela empresa JBS que territorializou-se no município utilizando os contratos de integração como estratégia vantajosa, pois é através dela e de técnicos que a empresa destituiu a autonomia da

família em relação à gestão de sua propriedade, além de apropriar-se do trabalho contido na produção da matéria prima (ovos).

Paulino (2006) afirma em seu trabalho que a dinâmica de monopolização do território pelas empresas avícolas desenharam seus limites de acordo com a dispersão das unidades produtoras que se encontram sob sua influência, estabelecendo limites espaciais de ação levando em conta principalmente os custos representados pelas distâncias entre as unidades produtoras e o restante do circuito espacial de produção.

As unidades produtoras necessitam quase que diariamente de material de coleta, transporte dos ovos rápido e seguro a fim de manter a qualidade garantindo assim sua fecundidade, vias de acesso conservadas pela prefeitura do município para que caminhões e técnicos consigam ter acesso aos aviários, além do avicultor enquadrar-se geograficamente no raio de ação da empresa. Aos olhos da JBS são nesses critérios que os avicultores de Erebangó se enquadram muito bem, segundo o técnico da empresa, e ainda acrescenta:

Hoje o município de Erebangó é o segundo maior criador de matrizes pra frango de corte dentro da empresa JBS no Rio Grande do Sul, ou seja, o segundo maior produtor de ovos do estado, perdendo apenas para Protázio Alves (JBS, RS). Provavelmente depois da expansão ele seja o primeiro produtor de ovos da JBS no Rio Grande do Sul, daremos prioridade para os produtores que já estão integrados, porque já conhecem, já têm o perfil e experiência, então a questão só é ampliar a granja, é bem mais fácil! (TÉCNICO JBS, 2014)

A empresa JBS, através do técnico e do poder municipal, já está trabalhando no município, com o objetivo de expandir a produção de ovos férteis. Para que isso ocorra está abrindo concessão para a construção de mais quarenta aviários, além dos já existentes com prioridade de liberação para os avicultores já integrados. Uma segunda alternativa para a empresa, segundo o técnico, será oferecer a possibilidade de integração para as famílias com perfil econômico pré-definido e que se enquadre dentro da logística e demais exigências da JBS.

CAPÍTULO V

PROJETO DE EXPANSÃO DA AVICULTURA MODERNA EM EREBANGO

Atualmente o município de Erebangó apresenta-se como o segundo maior produtor de ovos incubáveis da companhia JBS no Rio Grande do Sul, ficando atrás apenas do município de Protázio Alves/RS. A este respeito o técnico da JBS apontou durante a entrevista que:

Provavelmente em pouco tempo ele já seja o primeiro, porque vai ter uma expansão agora e essa expansão vai ter como prioridade o município de Erebangó, e sempre tem interessados. Vamos priorizar os produtores que já são integrados, porque eles já conhecem já tem experiência e a questão só vai ser de ampliar a granja, pois já tem toda uma estrutura em volta montada, é bem mais fácil, e um segundo plano naqueles que ainda não estão na atividade se precisar [...] (TÉCNICO JBS, 2014)

Como não poderia ser diferente no início do mês de setembro de 2014 a secretaria de agricultura de Erebangó, juntamente com a EMATER e técnicos da JBS iniciaram reuniões para tratar dos assuntos referentes ao projeto de expansão da avicultura moderna de postura no município. Os avicultores já integrados foram convidados a participar juntamente com mais alguns agricultores em potencial. Estas reuniões apresentam-se como o primeiro passo da territorialização da avicultura moderna nas propriedades que ainda não fazem parte do circuito espacial de produção de ovos.

O objetivo da primeira reunião, segundo secretário da agricultura era: “formalizar o projeto de expansão a todos os integrados” juntamente com as autoridades do município (prefeito, secretário de agricultura e técnico da EMATER) além de apresentar os objetivos da JBS referentes ao aumento da produção de ovos férteis, esclarecendo também a forma como ocorrerá os financiamentos para a construção de novos aviários.

A intenção da JBS é a construção de mais 40 aviários de postura em seu raio de logística no estado do Rio Grande do Sul. Destes 40 novos aviários, 20 seriam no município de Erebangó, elevando assim, drasticamente, a produção de ovos incubáveis. Porém, a forma como ocorrerá o financiamento e o alto custo em investimentos impede muitos agricultores de se tornarem futuros avicultores.

Segundo o técnico da EMATER de Erebangó, a princípio, os financiamentos seriam liberados através do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) juntamente com Sistema de Crédito Cooperativo (SICREDI). A cada agricultor seria disponibilizado um valor determinado para a construção de um ou dois aviários, dependendo

da possibilidade de investimento de cada agricultor. Porém, o agricultor teria que dar como garantia sua propriedade equivalente ao valor financiado para ele, além de não poder residir na terra. Como já apontamos em nossa pesquisa, a avicultura moderna em Erebangó, desde sua territorialização, apresenta-se como uma “alternativa” concentradora e excludente e esses adjetivos afirmam-se novamente quando é colocada aos agricultores a forma de garantias que esse financiamento exige.

A forma como iriam ocorrer os financiamentos não se enquadrou na realidade dos pequenos agricultores que são a maioria no município e residem em sua grande parte nas propriedades. Então a cooperativa Sicredi negou-se à financiar a construção de novos aviários de outra maneira com outras garantias dos agricultores. Desta forma, os técnicos da JBS responsáveis pelo processo de expansão viram que outra providencia deveria ser tomada a respeito deste assunto e outra possibilidade de financiamento foi apresentada aos agricultores interessados em expandir ou iniciar a atividade avícola.

Uma parceria da companhia JBS com o Banco do Brasil possibilitará aos agricultores um recurso determinado e a JBS comprometeu-se de avaliar os agricultores junto ao banco. Esta foi uma estratégia encontrada pela JBS para que todos os agricultores que se enquadrarem no perfil da empresa, ou seja, se esses agricultores terão condições de administrar o matrizeiro, apresentarem garantias equivalentes ao valor financiado, possuem em suas propriedades os recursos naturais necessários a atender a demanda avícola e sua propriedade como água, luz e estradas de acesso e enquadramento na logística da empresa.

Como podemos perceber, uma série de requisitos são exigidos tanto pela empresa JBS, como pelo banco que vai financiar os recursos. Desta forma, muitos agricultores estão sendo impelidos pelo poder público municipal a tentar construir pelo menos um aviário. Para os que já estão trabalhando com a avicultura moderna, o caminho a percorrer parece ser mais fácil. Porém, a maioria dos avicultores do município já possuem dívidas de financiamentos nos bancos o que os impede de obter novos recursos, ou até mesmo muitos deles já tem as propriedades hipotecadas em virtude dos créditos obtidos para a construção dos aviários anteriores.

Destarte, o projeto de expansão em Erebangó tende a não atender os objetivos da empresa JBS, pois os custos são muito elevados (R\$ 500 mil por aviário) e até o momento segundo técnico da EMATER, somente dois avicultores iniciaram obras de expansão. Cada avicultor irá construir somente um aviário. Embora esta seja uma “alternativa” cara e excludente, os objetivos de expansão da produção de ovos continuam em busca de novos

integrados. Segundo o técnico da EMATER, o projeto de expansão da produção de ovos férteis terá dois anos para atingir os objetivos propostos pela JBS no município de Erebango.

INTEGRAÇÕES E ASSISTENCIA TÉCNICA COMO ESTRATÉGIA DA EMPRESA JBS

As 12 famílias que trabalham com a avicultura moderna em Erebango, possuem um “contrato de parceria avícola integrada para a criação de aves de postura na produção de ovos férteis” com a empresa JBS. Este se constitui de 14 páginas, sendo que as duas primeiras trazem informações mais gerais referentes a ambas as partes (integrado e JBS). As próximas duas são referentes às obrigações da empresa JBS e as nove páginas seguintes trazem as obrigações do produtor avícola integrado.

Por último encontra-se uma grande tabela com letras minúsculas com as fórmulas de cálculo dos pagamentos dos ovos e de bonificações, baseados nos índices de conversão consumo de ração e quantidade de ovos produzidos, fertilidade no momento da incubação, fidelidade do avicultor em proceder de acordo com as exigências técnicas no momento do descarregamento, alojamento e retirada das aves dos aviários no momento do abate, índice de produtividade e bonificação mensal baseada na avaliação dos aviários e do estabelecimento.

Alguns itens apresentados na tabela são facilmente identificados e fazem parte do dia-a-dia dos avicultores como, por exemplo, o preço pago pelo ovo incubável, ou ovo descarte é facilmente calculado. Porém quando a tabela apresenta as taxas de conversão em porcentagem à situação de cálculo se complica. Os integrados passam a não dominar essas equações matemáticas, não conseguindo entender com clareza seus resultados produtivos e de avaliação. O modelo de avaliação estatístico feito pela JBS é a partir de critérios baseados em condições artificiais de produção. Paulino (2006) a este respeito adverte:

É o resultado dessas avaliações que define os valores monetários a serem pagos pela produção. Portanto os integrados não têm como calcular o valor de sua produção, em vista da falta de controle ou da dificuldade em apreender os critérios fixados pela empresa integradora (p.119).

Os itens utilizados para determinar os valores pagos aos avicultores demonstram o quão frágil se mostra a atividade avícola frente às condições instáveis como intempéries da natureza, oscilações no preço do ovo, trabalhos de classificação dos ovos, cuidados de manejo com os animais, padrão de arraçoamento e avaliações tanto do estabelecimento quanto dos aviários feita mensalmente pelos técnicos. É através do contrato de integração e da assistência técnica que a empresa JBS controla as atividades desenvolvidas nos aviários e no estabelecimento de forma geral.

Segundo Paulino (2006), o sistema de integração é a estratégia para o aumento da taxa de lucro dos capitalistas, pois eles arbitram nos preços da produção, ou seja, a integração da JBS com os avicultores é uma forma da empresa de ditar os preços dos ovos, e conceder as bonificações de acordo com os requisitos estipulados por ela, além de controlarem a qualidade e a quantidade dos ovos produzidos e intervir significativamente na lógica organizativa dos estabelecimentos.

O trabalho nos aviários, além de utilizar mão de obra familiar, utiliza como já vimos, força de trabalho assalariada. O gerenciamento do estabelecimento é feito exclusivamente pela família uma característica herdada da unidade de produção camponesa, e a família têm sob sua responsabilidade a produção dos ovos, matéria prima de uma parte da produção da JBS, e segundo Paulino (2006) é nesse ponto que a integração se sustenta.

Torna-se necessário lembrar que, quando ocorre o processo de integração entre a JBS e a família que já em grande medida descaracterizou-se gradativamente após o processo de modernização da agricultura esta restrita a exercer somente a avicultura moderna, no máximo combinando a avicultura o cultivo de grãos (soja, milho e trigo). A diversidade que antes fazia parte do estabelecimento fica marginalizada, pois a família passa a dedicar-se exclusivamente a avicultura. Esta se apresenta como uma “alternativa” que não permite outras combinações de atividade (produção de leite, criação de suínos e outras aves, fruticultura, erva-mate), pois requer uma dedicação quase que exclusiva pelos cuidados e dedicação que exige. Esta assertiva é confirmada nas palavras do técnico da empresa:

[...] é a questão do perfil do integrado, se ele vai ter condições não só financeiras, mas de administrar o matrizeiro. É uma coisa mais delicada do que o frango de corte, que tu só vai lá e trata, aqui tem muito detalhe, principalmente na parte documental exige um comprometimento, não é um trabalho que tu diz vou lá agora e não preciso ir depois, exige dedicação total (TÉCNICO JBS, 2014).

As tarefas a serem desempenhas ao longo do dia e durante o ciclo produtivo não são ininterruptas, o que representará ao capitalista o aumento máximo da força de trabalho. Há fases em que o trabalho é intenso como, por exemplo, quando os aviários devem ser lavados, desinfetados para receber um novo lote de aves. Durante a lavagem e desinfecção dos aviários, não há trabalho temporário contratado, e os mesmos funcionários contratados para coleta e classificação dos ovos é que desempenham essas tarefas, como veremos mais adiante.

Neste período de substituição das matrizes, estas são encaixotadas e carregadas por uma empresa de Passo Fundo especializada em carregamento de frangos e transportados pela JBS em direção aos frigoríficos. Neste processo, todo o cuidado deve ser despendido a fim de evitar que ocorram altas taxas de mortalidade, ou que a ração não seja pesada conforme a necessidade alimentar da ave que será convertida posteriormente em ovos. Uma má

alimentação das aves implicará na produção da matéria prima do avicultor. No que diz respeito aos cuidados com o aviário Paulino (2006) ressalva:

Nessas criações o trabalho não se restringe a higienização e manutenção dos barracões, alimentação e demais cuidados cotidianos requeridos tanto pelas aves quanto pelos insetos. A sucessão de eventos sobre os quais não se tem controle, como chuva, frio, calor, etc., bem como a responsabilidade de infestação por microrganismos patogênicos, faz com que o acompanhamento permanente seja fundamental para evitar quebras na produção. (p.118)

Um dos problemas presentes no sistema de integração diz respeito à infraestrutura e tecnologias aplicadas nos aviários. A dificuldade que os avicultores erebanguenses encontram em adaptarem-se às exigências tecnológicas da JBS vem a tona posteriormente, quando a baixa produção ou perdas de bonificações são atreladas pela empresa à inobservância das orientações técnicas como por exemplo, regras de arraçamento, regulação dos bebedouros, controle de temperatura, controle de doenças, tratamento da água, etc. e qualidade das instalações e equipamentos, como podemos ver na fala do avicultor B:

Na verdade, nós integrados, nós estamos nas mãos deles, então se der uma crise eles podem parar de uma hora para outra e que fica na mão é nós que não temos garantia nenhuma, a parte de leis do contrato de integrados tinha que mudar um pouco, teria que ter um pouco mais de responsabilidade da empresa, assim a gente tem que bancar as responsabilidades com os galpões, funcionários, piso, e se não tem a gente perde dinheiro [...]. (AVICULTOR B, 2014)

Se os investimentos iniciais para construção de um aviário já são altíssimos e levam muitas vezes ao endividamento das famílias o que dizer dos pareceres técnicos que “constituem formas dissimuladoras da constante pressão para que os produtores se modernizem” (Paulino 2006, p.119). Segundo a autora, os agricultores tendem a permanecer na atividade uma vez que apesar de todos os percalços, investiram nos aviários que apresentam um caráter específico de produção e que não se prestarão a outro fim, senão o da avicultura moderna. Conforme relato do avicultor D que desistiu da atividade avícola:

A gente comentou outro dia com a família de tentar voltar a trabalhar com as aves, só que é muita mudança que tenho que fazer e não sei se é viável, vou ter que investir bastante, 50.000 o piso, 110.000 os ninhos...passa de 200.000 de gastos, é dinheiro, e o aviário tá ali sem galinha! (AVICULTOR D, 2014)

Os contratos de integração têm prazo indeterminado de validade entre as partes, sendo que este prazo será proporcional a capacidade do avicultor em atender as exigências acordadas pela JBS. Desta forma os avicultores de tudo fazem para se adequar as normas estipuladas no contrato de integração. Primeiro, pelo alto valor investido em infraestrutura e segundo, pela produção e pelas avaliações da JBS que irão determinar os rendimentos obtidos a cada mês. A condução da atividade em desacordo com as normas técnicas e com o contrato

de integração compromete a atividade avícola. Isso poderá inclusive implicar na rescisão contratual, o que acarretará em perda de recurso financeiro ao agricultor como aconteceu com a avicultor D. Após a territorialização da empresa JBS em Erebango, e o aumento das exigências não conseguiu adequar seu aviário de acordo com as normas e observações técnicas e foi desligado da empresa, segundo ele:

Quando a JBS exigiu o piso a gente não tinha como colocar, e daí quando expirou o prazo, comunicaram que se eu não colocasse o piso não iam mais alojar as aves, daí a gente resolveu com a família e achamos por bem parar. Nós íamos ter que financiar, mas pelo alto valor do investimento a família achou de parar, senão íamos arrumar dívidas, por muito tempo. Eu tirei bastante dinheiro da lavoura para o aviário e uma atividade ajudava a outra e como o investimento era alto resolvi parar, hoje meu aviário já tá ultrapassado com os cepos podres.

Paulino (2006) acredita que por mais que o contrato de integração subordine os avicultores o contrato não é somente vantajosa para a empresa. Segundo a autora os contratos de integração faz com que os integrados desfrutem de uma série de benefícios como a inserção de sua produção no mercado, alimentação para as aves, medicamentos, assistência técnica, material de coleta de ovos, etc. que não conseguiriam obter, segundo a autora, quando se inserem diretamente no mercado.

Para ela, é o próprio mercado que faz da integração uma estratégia de reprodução que faz com que o agricultor consiga inserir sua produção no mercado, e ao integrarem-se os avicultores têm destino certo para sua produção. A este respeito se enquadram perfeitamente os avicultores do município, que trazem em suas falas o contentamento por receber da JBS a cada 28 dias, visto que dos avicultores entrevistados apenas um não agrega a avicultura o cultivo de grãos, o que permite que eles se mantenham entre uma safra e outra.

A respeito dos pagamentos o avicultor C declara:

Com a JBS não têm atraso, a cada 28 dias a gente vai ao banco e o dinheiro tá na conta. Mas tenho que trabalhar, eu levanto às cinco horas pra tratar as galinhas, tem que cuidar bem senão elas não colocam ovos, e a produção cai lá embaixo [...]. (AVICULTOR C, 2014)

Ao final de cada ciclo produtivo, o avicultor tem a possibilidade da venda de cama de aviário²⁷, utilizado como adubo orgânico, uma alternativa que ajuda a gerar renda durante o período de desinfecção dos aviários até o alojamento de um novo lote de aves, que pode durar de 40 a 90 dias, conforme a quantidade de aviários de cada produtor, da necessidade de matéria prima (ovos) pela JBS ou de aves para o abate.

Também fica claro que há uma dependência da integradora JBS em relação aos avicultores integrados do município uma vez que se não houver produtores dispostos à

²⁷ Maravalha que serviu de cama durante o período de alojamento, que enriquecida com os dejetos das aves torna-se adubo orgânico.

produzir ovos, a empresa não desenvolverá seu circuito de produção de ovos. Pois a produção configura-se como uma etapa essencial da cadeia produtiva, é através dos ovos produzidos pelos integrados de Erebangó e posteriormente incubados que darão origem a pintinhos de um dia que serão redistribuídos aos aviários de corte a fim de produzir carne de frango de granja.

Cabe destacar que o técnico da JBS que visita os aviários de Erebangó é formado em Administração de Empresas e além de prestar assistência técnica no que diz respeito às questões de manejo, e o cumprimento do contrato de integração, têm a incumbência de fazer com que os avicultores exerçam sua atividade de acordo com as regras e os preceitos da empresa e da legislação sanitária. Paulino (2006, p.129) o aponta como “representante do capitalista”.

O técnico configura-se como um agente da JBS, apresenta-se como os olhos da empresa dentro do estabelecimento, fiscalizando as atividades, orientando e cobrando sistematicamente os cuidados mais adequados a uma produção compatível com as exigências da empresa. A presença constante do técnico no estabelecimento acentua o grau de subordinação dos avicultores camponeses a JBS, e interferindo diretamente na autonomia do avicultor em relação ao seu estabelecimento. São eles as pessoas de confiança da empresa devendo sempre conquistar a confiança dos integrados para que o trabalho possa fluir ao contento da empresa, coloca Paulino (2006).

De acordo com o Contrato de Parceria Avícola Integrado (p.03) em função das normas de biossegurança e sanitárias é obrigação do integrado: “não criar, engordar ou terminar, qualquer tipo de animais, ou ainda permitir a presença de quaisquer outras aves, de toda e qualquer espécie, a um raio mínimo de 100 metros [...]”.

Por mais clara e que seja esta cláusula do contrato de parceria nos cinco estabelecimentos onde fizemos as entrevistas, todos os avicultores possuem animais domésticos em suas casas, o que nos mostra a racionalidade e o modo de vida camponês no que tange a criação de animais. Paulino (2006, p.115) destaca em seu trabalho: “a unidade camponesa tem como marca a diversificação” o único avicultor (AVICULTOR D) que desistiu da atividade avícola salientou não ver a hora de voltar a ter na propriedade, aves e vacas de leite no pasto, segundo ele:

A mulher tá começando a criar galinhas no terreiro novamente, temos umas poedeiras, umas brancas e uns patos, mas ainda é pouca coisa, estamos colocando aos poucos. Essa semana compramos duas vacas de leite, pra ter leite pro gasto e têm uns porquinhos no chiqueiro, mas ainda estão pequenos, têm que criar porque a carne tá cara [...] Como que não vamos ter um cachorro no pátio? Isso não existe. Todos os lotes eu perco pontos, mas fazer o que. A gente mora no interior e quando saímos a noite eles tomam conta da casa, impõe respeito e a gente gosta de ter um animal de estimação. (AVICULTOR D, 2014)

ASPECTOS PRODUTIVOS E DE GESTÃO NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO

Após a limpeza e desinfecção dos aviários e áreas internas, a granja como é chamada pelos técnicos, já está apta a receber um novo lote de aves. Geralmente cada aviário recebe em torno de 7.800 galinhas e 800 galos com 22-23 semanas de idade. Com aproximadamente 25 semanas de idade as aves começam a produzir ovos.

Até que as aves não comecem a produzir ovos, o trabalho nos aviários consiste na alimentação das aves, recebimento de ração, pesagem das aves, regulação dos bebedouros e das cortinas, manutenção de equipamentos e cuidados com limpeza. Quando as aves iniciam gradativamente a produção de ovos o trabalho vai aumentando no mesmo ritmo. Na tentativa de detalhar o processo de produção de ovos, descreveremos as atividades que são desempenhadas ao longo do dia. Algumas das atividades que serão apresentadas não são praticadas diariamente, mas sim conforme a necessidade de cada aviário.

As coletas de ovos são divididas em cinco horários diferentes independentemente dos aviários possuírem ninhos automáticos ou ninhos de madeira. Tais coletas são feitas manualmente, e os ovos são classificados conforme determinação da JBS. Quando os ovos são coletados dos ninhos de madeira, eles são acomodados em bandejas que vão sendo colocadas no trol, uma espécie de carrinho suspenso que corre de ponta a ponta dentro dos aviários para que seja posteriormente levados ao fumigador²⁸ e finalmente a sala de ovos. Na fotografia a seguir podemos observar parcialmente a organização interna de um aviário que possui ninhos de madeira.

Fotografia 03-Vista parcial interna de um aviário com ninhos de madeira.

²⁸ Sala com exaustor e portas de vedação com queimador de paraformol que serve para desinfetar os ovos e qualquer material que entre nos aviários.



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- calha de arraçamento dos galos, B- Ninhos de madeira, C- Cama de aviário.

Os ninhos têm a função de proporcionar um local macio e aconchegante para a postura dos ovos. Cerca de 60% a 70% da postura é realizada pela manhã. Existe a necessidade de realizar a maior parte da coleta dos ovos neste período, para que eles não fiquem acumulados nos ninhos e possam contaminar ou trincar. Durante a coleta, os ovos são colocados em bandejas plásticas ou de papelão com a extremidade mais fina voltada para baixo, pois a parte mais grossa do ovo contém a câmara de ar necessária para que o futuro pintinho respire.

Quando os ninhos são automáticos, os trabalhadores não precisam caminhar durante a coleta dos ovos, pois após ser produzido pela ave o ovo rola em uma esteira que o transporta para uma espécie de mesa onde é coletado e armazenado em bandejas e carrinhos. O ninho automático não permite que ovos entrem em contato com a ave após ser produzido por ela, e nem em contato com a cama, evitando que se contamine ou que sofra trincas. O aproveitamento dos ovos aumenta em grande parte, porém quando um aviário possui ninhos automáticos a mão de obra diminui, sendo que dois trabalhadores apenas conseguem desempenhar as tarefas diárias.

Durante o processo de coleta dos ovos, o trabalhador deve seguir o padrão de classificação e ter todo o cuidado e um olhar apurado nas formas e na limpeza dos ovos, pois esta classificação que determina qual ovo serve para ser incubado, refugo e comércio. Cada classificação dessas é identificada com uma marcação no ovo. Ovos sujos de sangue e excrementos devem ser lavados com água e desinfetante apropriado.

Após a coleta e classificação, todos os ovos são levados à sala de fumigação, com exceção aos ovos comerciais que devem ser acondicionados diretamente na sala de ovos,

como podemos observar na fotografia abaixo, pois a JBS vende estes ovos as indústrias de pastifícios. Após serem fumigados, os ovos são levados a sala de ovos e ficam armazenados em caixas ou em carrinhos (conforme as fotos abaixo), a uma temperatura controlada de 21°C até serem transportados a incubadora em Passo Fundo. Durante o dia, o monitoramento das aves é contínuo, sendo que as aves mortas devem ser retiradas e ao final do dia são depositadas e cobertas com maravalha em local apropriado.

Fotografia 04- Estoque da produção na Sala de Ovos acomodados em caixas.



Fonte: A autora, 2014.

Fotografia 05- Ovos acomodados em Carrinhos



Fonte: A autora, 2014.

O principal inimigo da criação das aves e capaz de exterminá-la é excesso de frio ou de calor. Por isso, o controle de temperatura deve ser monitorado constantemente e para facilitar este trabalho, cada aviário possui um termômetro, que mede a temperatura ambiente. Para que haja um equilíbrio de temperatura, os aviários possuem cortinas laterais, que são

baixadas ou levantadas de acordo com a temperatura. Os ventiladores também se apresentam como uma alternativa para o controle de temperatura.

Porém, além de terem um custo muito elevado, estão sendo exigidos pela JBS nos aviários cobertos por telha de cimento amianto ou alozinco. Outro elemento capaz de ajudar no controle da temperatura é a forração dos aviários. A partir de deste ano, a JBS esta informando os avicultores que devem começar a organizar-se para colocação da forração em seus aviários alegando com isso o aumento na produção de ovos.

A água, recurso natural indispensável na produção de ovos é considerada como o nutriente essencial mais importante. As aves consomem pequenas quantidades de água, porém com muita frequência e por esse motivo deve ser fornecido à vontade. A falta de água aumenta o número de ovos deformados, baixa fertilidade, prejudicando a produção e a eclosão dos ovos. É através dos bebedouros que as aves ingerem água. Estes devem estar devidamente regulados para que a água não saia com muita pressão, evitando assim que molhe a cama e posteriormente contamine os ovos. Os bebedouros devem ser lavados um a um, no mínimo duas vezes por semana, utilizando balde, esponja e água limpa.

Fotografia 06- Bebedouros com regulagem

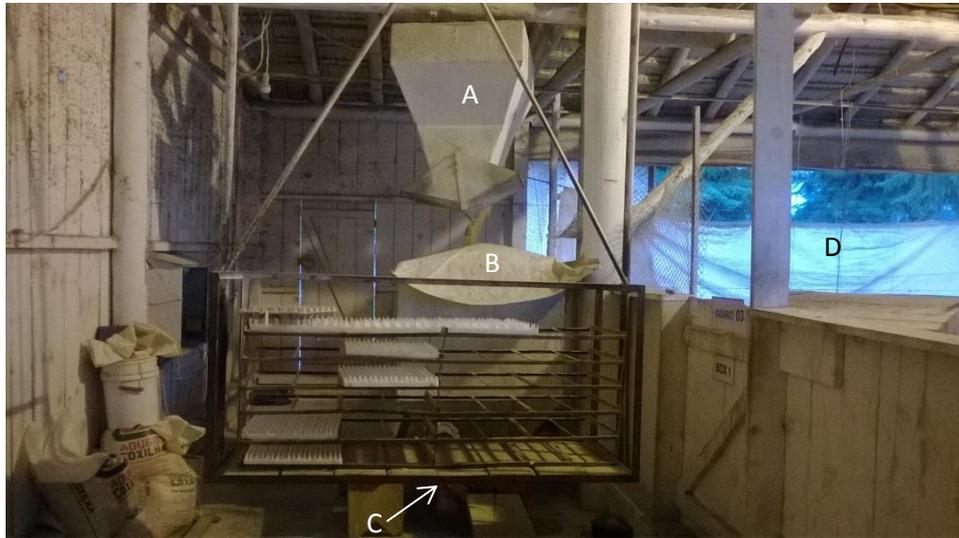


Fonte: A autora, 2014.

A alimentação das aves fêmeas é feita através de comedouros automáticos, seu design que não permitem que os galos se alimentem. A ração é pesada (Fotografia 07) no dia anterior e oferecida posteriormente. O arraçoamento das aves fêmeas deve ser feito no amanhecer do dia, no inverno às seis horas da manhã e no verão às cinco horas da manhã. A ração deve ser fornecida em um giro a não ser que as aves se alimentem muito devagar como nas primeiras

semanas. Portanto cabe ao avicultor analisar cada situação. O arraçoamento conforme a tabela de recomendação técnica manterá a uniformidade do lote e a garantia de uma boa produção de ovos.

Fotografia 07- Vista parcial interna do aviário



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Balança automática, B Caixa de armazenamento de ração, C- Trol para carregamento dos ovos, D- Cortinas, E- Porta de acesso ao próximo aviário.

A alimentação das aves machos é feita manualmente após o giro da ração das aves fêmeas. As calhas de alimentação possuem grade mais larga e choque, este evita que as galinhas se alimentem no comedouro dos galos. A ração deve ser distribuída de maneira uniforme e nivelada. Os avicultores são ensinados pelos técnicos a baixar o comedouro dos galos duas vezes ao dia no início do lote com o objetivo de ensiná-los a se alimentar no lugar correto. Os avicultores afirmam que com o passar dos dias cada ave determina seu lugar no comedouro e passa a se alimentar sempre no mesmo lugar, na mesma ordem.

A pesagem das aves deve ser feita a cada duas semanas. Porém, o técnico pode solicitar pesagens fora da programação do lote. Nas pesagens, o número de aves deve ser de 240 fêmeas e 120 machos e as anotações dos pesos são feitos em tabela padrão. Outro procedimento feito periodicamente é a retirada de sangue das aves para análise de doenças.

A manutenção da cama de aviário é feita com trator tobata e com garfo, mantendo todo o cuidado para que as aves não se assustem ou que ocorram lesões nos animais. Ela deve ser remexida em dias de sol, dia sim dia não, pelo período da tarde. A manutenção da cama evitará ovos sujos, menos trabalho para a limpeza dos ovos e melhor qualidade de vida para as aves evitando lesões nas patas. Após a manutenção da cama o nivelamento deve ser mantido.

Na fotografia a seguir podemos observar o trator tobata utilizado na manutenção da cama dos aviários.

Fotografia 08- Trator Tobata movido a diesel



Fonte: A autora, 2014.

Todo este trabalho diário descrito até o momento ocorre intercalado a outras atividades que devem ser desempenhadas nos aviários durante a semana como: medicação das aves, limpeza das portarias, corte da grama, limpeza do pátio, controle de pássaros e roedores, carregamento dos ovos para o incubatório, recebimento de ração e material de coleta de ovos, manutenção de equipamentos e infraestrutura em geral.

Quando as aves perdem sua capacidade de produção, ou seja, não conseguem mais converter sua alimentação em produção de ovos de acordo com as normas da JBS, elas recebem durante 15 dias uma ração especial. Posteriormente são carregadas por empresa especializada em caixas plásticas com capacidade para oito aves e transportadas pela JBS aos frigoríficos para abate.

O período chamado de “vazio sanitário” é o período em que não há aves alojadas, período destinado à lavagem e desinfecção dos aviários para recebimento de um novo lote de aves. A limpeza e desinfecção são obrigatórias como forma de manter o controle sanitário exigido pelo Ministério da Agricultura. Durante a execução da limpeza e desinfecção são utilizados: trator com caçamba, tanque lava jato, calha para limpeza dos comedouros e máquina para pintura dos aviários com cal, conforme podemos observar nas fotografias abaixo.

Foto 09- Equipamentos utilizados para limpeza e desinfecção dos aviários



Fonte: A autora

Legenda: A- Tanque para desinfecção das calhas, B- Trator, C- Tanque para lavagem dos aviários, D- Máquina criada pelos avicultores para pintura com cal dos aviários.

Vale lembrar que ao final de cada dia de trabalho muitos relatórios e tabelas são preenchidos pelo avicultor como forma de controlar do número de ovos produzidos, e registrar toda e qualquer manutenção que é feita nos aviários diariamente. Este controle compreende uma das formas da JBS observar e acompanhar e gerenciar o que está sendo feito, ou melhor, se as orientações deixadas pelo técnico estão sendo executadas, pois a cada visita do técnico essas anotações são observadas e ao final de cada lote irão servir como parecer para a bonificação financeira ou não do avicultor.

RELAÇÕES DE TRABALHO

Sendo a avicultura uma atividade capitalista voltada para mercados globais, a avicultura moderna de Erebangó se serve de relações de trabalho capitalistas se apropriando-se também de elementos da produção camponesa como a mão-de-obra familiar e ajuda mútua²⁹ para expandir-se.

A mão-de-obra familiar é uma dos elementos da produção camponesa que a avicultura moderna não conseguiu destruir, pelo contrário, a empresa JBS prefere que o gerenciamento e o acompanhamento da atividade avícola sejam feitos e acompanhado pela família do avicultor, por se tratar de uma atividade delicada que exige muito cuidado aos detalhes. Desta

²⁹ Durante o período de desinfecção dos aviários os avicultores costumam se emprestar máquinas e equipamentos.

forma todos os avicultores entrevistados em nossa pesquisa afirmam utilizar a mão-de-obra familiar no trabalho avícola. Porém, o número de trabalhadores da família é menor que o número de trabalhadores contratados.

A necessidade de mão de obra assalariada diz respeito a atividade de coletar e classificar os ovos muitas vezes ao dia. Entretanto, a quantidade de trabalhadores assalariados demonstra também o grau de tecnologia presentes nos aviários. A tecnologia empregada nos aviários que mais dispensa mão-de-obra são os ninhos automáticos. Os aviários que possuem essa tecnologia irão depender em média de apenas dois trabalhadores por aviário, ou seja, um baixo número de empregados, pois os ovos é que vem até os trabalhadores através de uma esteira.

Já os aviários em que os ninhos são de madeira, o trabalho se torna cansativo. Os ninhos de madeira são uma espécie de casinhas com várias divisões distribuídas por todo o aviário. Desta maneira, os trabalhadores têm que caminhar por todo o aviário para coletar os ovos várias vezes ao dia o que demandará um maior número de trabalhadores e um mais longo tempo de trabalho. Nesta situação são necessários três trabalhadores por aviário.

Geralmente a carga horária de trabalho para trabalhadores assalariados são de oito horas diárias. Porém, o trabalho familiar vai além das tarefas diárias. O trabalho de coleta, classificação e outras atividades já descritas não exige um alto grau de escolaridade por parte dos trabalhadores. Apesar disso as tabelas e livros que são preenchidos exigem certo nível de conhecimentos matemáticos e de redação, mas este trabalho sempre é feito pelo avicultor, dono do aviário.

O trabalho assalariado avícola emprega uma fração da população menos abastada moradora da parte urbana do município, com salários que variam de R\$ 650,00 à R\$1200,00 reais. Porém, a maioria destes trabalhadores não possui carteira assinada. Como os aviários ficam nas áreas interioranas do município, os trabalhadores se deslocam muitas vezes de bicicleta ou são transportados de carro pelos avicultores e a maioria acaba por levar almoço no trabalho.

O trabalho nos aviários é visto muitas vezes com preconceito por algumas pessoas da comunidade, pois é uma atividade em que os trabalhadores ficam em contato direto com as aves e com os excrementos delas. Trata-se de um trabalho cansativo e sujo, e muitas vezes a expressão “vai catar ovo” é utilizada com deboche para os trabalhadores.

Segundo entrevista com o técnico, não ocorre o predomínio de trabalho feminino e nem de trabalho masculino, pois as tarefas a serem desempenhadas ao longo dos dias demandam tanto trabalho de um como de outro, como salientou o técnico da JBS:

As tarefas mais pesadas são feitas pelos homens, como virar a cama, pesas galinhas, puxar maravalha etc., enquanto que as mulheres se dedicam mais em manter a limpeza, classificar e lavar os ovos, elas são mais cuidadosas e organizadas que os homens, mantêm os aviários organizados [...] mas isso vai da organização de cada avicultor. (TÉCNICO JBS, 2014)

Durante a entrevista com os avicultores nos foi relatada à quantidade de trabalhadores assalariados de sexo feminino e masculino, como podemos observar no quadro 11 abaixo:

Quadro 11- Mão-de-obra assalariada e familiar

Avicultor	Mão-de-obra familiar	Mão-de-obra assalariada feminina	Mão-de-obra assalariada masculina
A	2	3	3
B	3	0	4
C	3	4	5
Total	8	7	12

Fonte: A autora, 2014.

A mesma mão de obra utilizada durante o alojamento das aves, também é a responsável por trabalhar na limpeza e desinfecção dos aviários no período de vazio sanitário. Porém, neste período os avicultores procuram dar férias no final da desinfecção dos aviários, para que não fiquem com quebra de funcionários no meio do lote. Como a produção de ovos é contínua, o trabalho também exige dedicação sete dias por semana. Desta maneira os funcionários tiram uma folga por semana, e são substituídos por outro trabalhador do mesmo aviário que cobre sua folga.

CAPÍTULO VI

REORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA UNIDADE DE PRODUÇÃO/MONOPOLIZAÇÃO DO TERRITÓRIO EXPRESSO NA PAISAGEM

A avicultura moderna da JBS trouxe modificações significativas nas unidades de produção em que se territorializou afirmando uma especialização produtiva nesses territórios tornando-os dinâmicos através do movimento de produção, informações e pessoas. Mas para que essa dinâmica possa reproduzir-se, são necessárias modificações estruturais nas unidades de produção como ocorreu nos estabelecimentos agropecuários de Erebangó que se reorganizaram para servir as demandas da empresa.

A introdução de um emaranhado de cercas de ilhas de eucalipto ou pinus em torno da área destinada aos aviários são elementos comuns nas propriedades que aderiram à avicultura moderna. Além destes elementos, a ordem e a organização espacial dos aviários e de seus anexos (casa de maravalha, portarias, composteira, silos de ração) duas estradas de acesso, uma entrada restrita com placa de identificação, e outra pública, também obedecem a um ordenamento. Esse padrão de organização é extremamente aparente revelando o poder de uso do território que a empresa JBS possui.

Através dos recursos de mapas mentais e fotografias e das análises feitas em trabalho de campo, teremos a oportunidade de apresentar as modificações que cada unidade de produção fez de modo a atender a avicultura moderna. Cabe dizer que cada avicultor possui um perfil diferenciado. O avicultor A nunca foi agricultor, porém adquiriu sua terra em função da atividade avícola. O avicultor B, sempre foi agricultor, mas nunca residiu no interior e antes de iniciar a atividade avícola dedicava-se ao monocultivo de grãos em sociedade com seus irmãos. Por fim o avicultor C sempre residiu no interior do município se dedicou as atividades agropecuárias. Atualmente sua principal atividade é a avicultura moderna. Vejamos com mais detalhes cada avicultor.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA UNIDADE DE PRODUÇÃO DO AVICULTOR A.

Contador aposentado e possuindo atualmente três aviários, o avicultor A adquiriu sua propriedade com 4,5 hectares na Linha Pilar-Erebangó, no ano de 2000, com o principal objetivo de investir na avicultura moderna, que asseverava um ganho mensal preciso. Segundo entrevista, o avicultor após aposentar-se sentiu que precisava ter alguma ocupação e

decidiu construir dois aviários, investindo nesta atividade recursos reunidos durante seu exercício como contador.

Segundo ele, uma parte dos recursos foram próprios e o restante foi financiado para pagamento em 10 anos. Ao quitar o financiamento o avicultor resolveu construir seu terceiro aviário. Assim ele nos relata: “Primeiro que se não fosse à avicultura eu não teria investido em terra, mas como na época surgiu essa oportunidade e se vislumbrava uma rentabilidade boa, e se tinha facilidade junto à empréstimos bancários, era atrativo e aí que eu iniciei”

O avicultor A relatou que antes da aquisição da propriedade esta era destinada a lavoura. Atualmente encontra-se destina e organizada para atender a produção de ovos sob o olhar atento do avicultor que, como contador, nos relatou que faz controle mensal de gastos, e acrescenta:

No ano retrasado (2012) foi investido em ninho, piso e mais umas reformas foram investidos 450.000 mil num lote com três aviários [...] no lote passado (2013) eu fiz mudanças no sistema de trato, foi uns 30.000mil. Nesse lote (2014) aproximadamente vai para uns 50 a 60 mil de investimentos só em equipamento de lavagem dos aviários. (AVICULTOR A, 2014)

Apesar de acreditar no potencial da avicultura moderna, o avicultor A afirma que enfrentou muitas dificuldades durante a crise da empresa Doux-Frangosul, porém enfrentou a crise financeira com recursos de instituições financeiras e a pouco tempo conseguiu terminar de quitar os financiamentos adquiridos, e segue refletindo a respeito de investir novamente na avicultura. O avicultor afirma que têm tentado acompanhar as exigências da JBS que segundo ele, são maiores do que eram as exigências feitas pela Doux-Frangosul. A este respeito esclarece:

Com a Doux as exigência existiam do próprio ministério da agricultura, e a tendência é sempre ir aumentando em função de várias questões sanitárias do país, e porque o produto final é exportado, então há a exigência dos importadores, é uma coisa padrão que vai ser exigido sempre mais e melhor de nós produtores. A avicultura tecnicamente e em função de produtividade aumentou e os padrões das aves também por causa das tecnologias e da qualidade das aves geneticamente modificadas [...] tudo em função da produtividade. Acredito que a tendência é aumentar a produção por ser uma carne saudável com preço acessível, e o Brasil têm potencial de crescimento pra isso, e minha ideia já é ampliar, fazer um quarto aviário, minha produtividade é excelente, mas a questão física dos aviários ainda precisa ser feita, como forração, piso, climatização e todo ano têm as adequações que precisam ser feitas, [...] por menor que sejam sempre tem que melhorar e o dinheiro vai sumindo. (AVICULTOR A, 2014)

Seus aviários já possuem ninhos automáticos fazendo com que a mão-de-obra assalariada ocupe apenas seis trabalhadores. Além de residir em sua propriedade com seu filho, o avicultor conta com o trabalho de uma segunda família que também reside na unidade de produção e se ocupa da atividade avícola, na manutenção dos pátios e auxilia no

Foto 14- Área cercada dos aviários.



Fonte: A autora, 2014

Foto 15- Erva-mate e árvores frutíferas.



Fonte: A autora, 2014

Legenda: A- Erva-mate, B Árvores frutíferas.

Foto 16- Entrada restrita aos aviários e placa de identificação do produtor.



Fonte: A autora, 2014



Fonte: A autora, 2014.

Foto 17- Casa do avicultor A



Fonte: A autora, 2014.

Foto 18- Galpão e entrada pública



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Galpão, B- Entrada pública

Foto 20- Casa de morador assalariado



Fonte: A autora, 2014.

Foto 19- Área com cultura de cevada



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Eucalipto, B- Cevada.

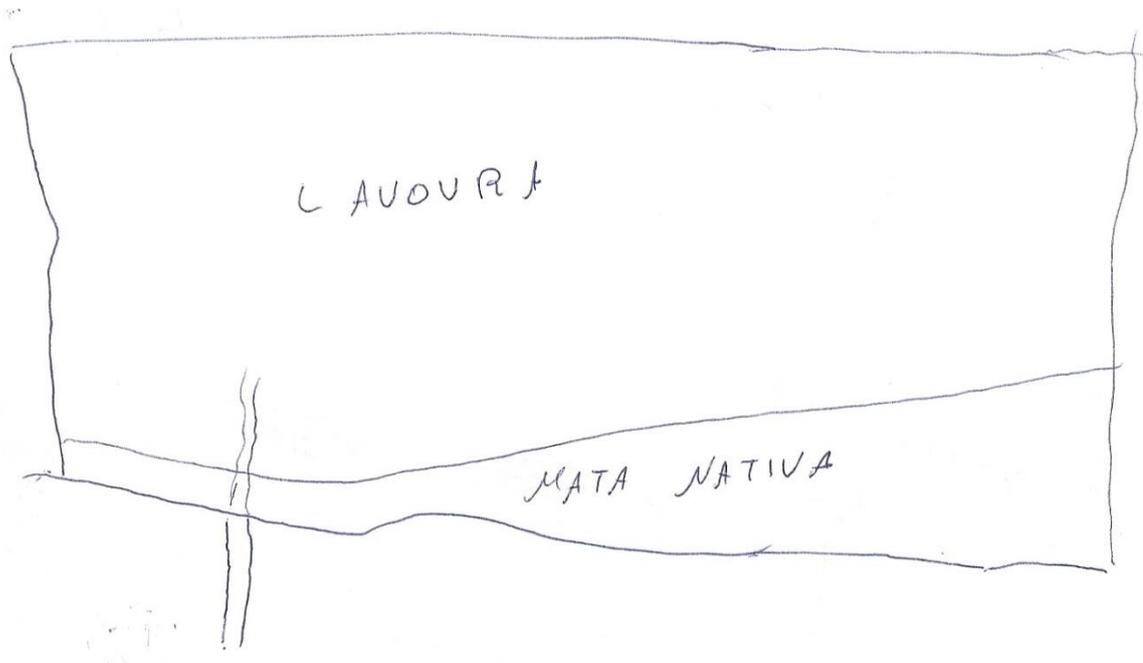
ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA UNIDADE DE PRODUÇÃO DO AVICULTOR B.

Situada na Linha Cinco-Erebango, a unidade de produção do avicultor B possui 7,1 hectares e uma infraestrutura especialmente construída e voltada a tender a produção de ovos. Segundo o avicultor B esta área foi destinada a avicultura após ser desmembrada de uma área bem maior por motivos de herança e posteriormente a avicultura era utilizada para plantio de soja, milho, trigo e cevada além de agregar 2,1 hectares de mata nativa.

Além da avicultura moderna, o agricultor possui 90 hectares de terras arrendadas que agregam o cultivo de soja, milho e trigo, renda esta que amparou o avicultor durante a crise da Doux-Frangosul. O avicultor relata nunca ter morado na área onde foram construídos os aviários. Reside no perímetro urbano do município, tratando-se assim de um agricultor absenteísta.

Atualmente o avicultor possui três aviários que construiu no ano de 2008, logo que a empresa JBS assumiu os integrados do município. Porém antes deste ano o avicultor possuía dois aviários em sociedade com seus irmãos e acabou por vender sua parte e construir aviários novos em outra área. Na imagem 06 abaixo um mapa mental da área do avicultor B antes da avicultura moderna.

Imagem 06- Mapa mental da propriedade do avicultor B antes da territorialização da avicultura moderna



Fonte: Avicultor B, 2014

A introdução da avicultura moderna na propriedade do avicultor B mudou de forma intensa a paisagem daquele espaço que foi organizado para produção de ovos. Nesta nova paisagem podemos observar a introdução de cercas que protegem a área restrita e os aviários ilhados em plantações de eucalipto. Segundo o avicultor a mata nativa continua fazendo parte da paisagem para proteger um pequeno rio que se encontra perto da propriedade. Durante o período de vazio sanitário a água deste rio é utilizada para lavagem e desinfecção dos aviários. A seguir podemos observar a propriedade através do mapa mental fornecido pelo avicultor B e algumas fotografias da propriedade.

Como a avicultura moderna em Erebangó vive em constante dinâmica e os acontecimentos ocorrem mais rápido que o tempo da pesquisa a propriedade do avicultor B já está recebendo novas adaptações para a expansão da produção de ovos. Algumas cercas foram removidas para a ampliação dos aviários que já existiam além de estar sendo feita a terraplanagem em uma área bem próxima aos aviários e a retirada dos eucaliptos para expansão do espaço. Segundo o entrevistado seu objetivo é investir na atividade avícola e expandir sua produção:

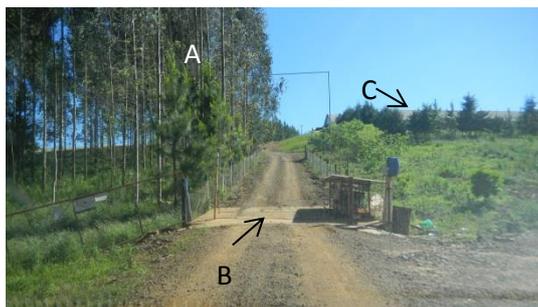
Meus aviários ainda não estão no padrão tecnológico que a empresa exige, ainda falta controle de temperatura automático e forro, porém acredito que esta é uma atividade de futuro senão a empresa não ia exigir tanta coisa e ajudar nós a financiar mais aviário. E com a JBS não tem atraso chegou o dia de receber o dinheiro tá no banco. [...] este lote gastei 30 mil em piso, vamos ver pra frente agora (AVICULTOR B, 2014).

Imagem 07- Mapa mental da propriedade do avicultor B após a introdução da avicultura moderna.



Fonte: Avicultor B, 2014

Foto 21- Entrada restrita



Fonte: A autora, 2014.

Foto 22- Mata nativa



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Eucaliptos, B- Arco de desinfecção,
C- Aviários ilhados com pinus

Foto 23- Rio entre mata nativa



Fonte: A autora, 2014.

Foto 24- Antiga área de eucalipto



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: antiga área de eucalipto onde será construído mais um aviário.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA UNIDADE DE PRODUÇÃO DO AVICULTOR C.

Situada na Linha Pilar- Erebangó a propriedade do avicultor C há 15 anos participa de parte do circuito espacial de produção de ovos. Nascido e criado no interior do município, o avicultor C sempre morou na área rural. Atualmente dedica-se de modo integral a avicultura moderna possuindo três aviários com expectativa de ampliação da produção.

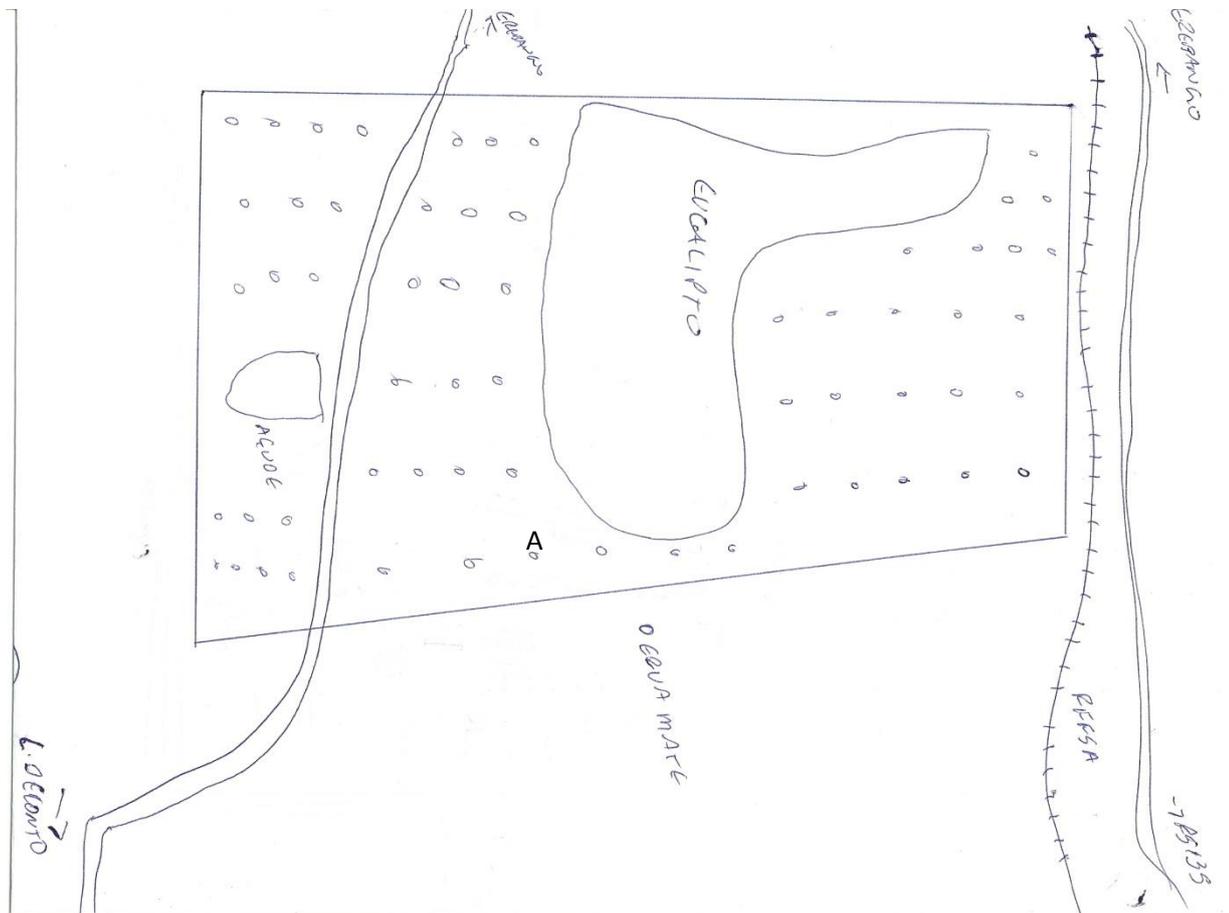
A área destinada a avicultura possui 12,2 hectares e está organizada em sua grande parte para atender a avicultura moderna. Entretanto, pelo fato do avicultor residir na propriedade, muitos elementos da territorialidade camponesa podem ser observados em torno da área destinada aos aviários como veremos mais a seguir. Porém o avicultor C relata que:

Antes da construção dos aviários eu trabalhava na lavoura, criava porcos, gado de corte e leite, mas era em outro lugar. Depois construí os aviários nessa área e acabei vindo morar aqui. Essa terra antes dos aviários tinha erva-mate e uma parte de eucalipto. Depois o preço da erva foi lá embaixo e eu mandei arrancar tudo, hoje não tem mais nada. (AVICULTOR C, 2014)

A maior parte da renda do avicultor C, desde 1999, é proveniente apenas da avicultura moderna. Porém, no momento da crise da empresa Doux-Frangosul, o avicultor C ocupava o cargo de Secretário de Agricultura declarou que passou por grandes dificuldades financeiras e afirma que: “Tinha que buscar dinheiro nos bancos a juros altos pra pagar os empregados e as despesas dos aviários. Neste período, eu ainda estava pagando o financiamento, não foi fácil, achei que ia quebrar, tô até hoje pagando dinheiro emprestado daquela época [...]”

Na imagem 08 podemos observar a propriedade do avicultor C antes da avicultura moderna: uma área com potencial de produção e transporte de erva-mate, mas que por conta das estratégias do agronegócio acabou sendo padronizada pela produção de ovos. Hoje preserva apenas uma pequena área de eucalipto.

Imagem 08- Mapa mental da propriedade do Avicultor C antes da territorialização da avicultura moderna.

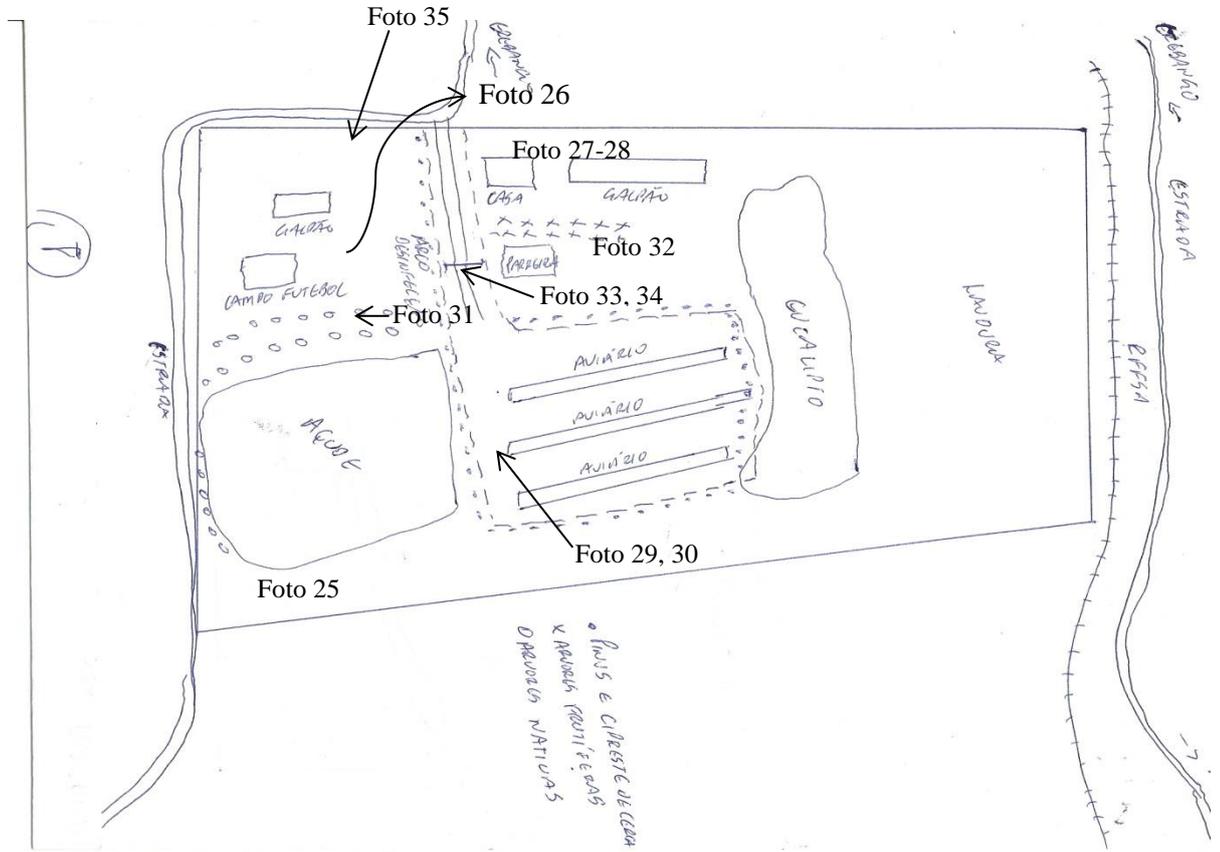


Fonte: Avicultor C, 2014

Legenda: A- Erva-mate

A introdução de novos elementos a propriedade faz parte da manutenção da vida familiar e da racionalidade do avicultor, que antes da avicultura moderna dedicava-se a várias atividades agropecuárias. Atualmente, a propriedade é dividida entre a avicultura moderna e o cultivo de feijão, hortaliças, frutas, peixes com uma pequena área de lavoura, como podemos observar através do próximo mapa mental que será exposto.

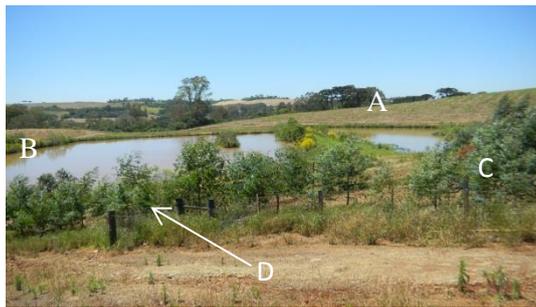
Imagem 09- Mapa mental da propriedade do avicultor C após a territorialização da avicultura moderna.



Fonte: Avicultor C, 2014

Foto 25- Vista parcial da área com açude

Foto 26- Caixas de água com desinfetante



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Lavoura de soja, B Açudes
C- Pinus e eucalipto, D- Cercas

Fonte: A autora, 2014.

Legenda: Parte da estrutura do arco de desinfecção

Foto 27- Casa do avicultor C



Fonte: A autora, 2014.

Foto 28- Galpão e oficina



Fonte: A autora, 2014

Legenda: Lugar onde os funcionários almoçam

Fotos 29- Aviários



Fonte: A autora , 2014.

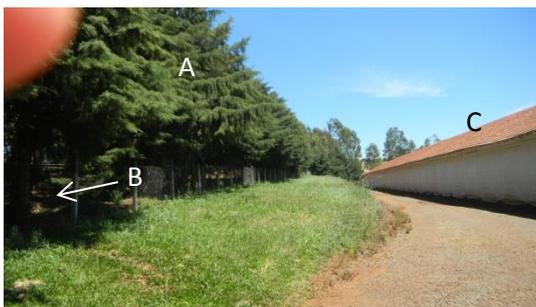
Foto 30- Silos de ração



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Silo ração aves fêmeas;
B- Silo de ração das aves machos;
C- Cercas
D- Plataforma de carregamento dos ovos

Foto 31- Vista lateral dos aviários



Fonte: A Autora, 2014

Legenda: A-Pinus, B- Cerca, C- aviário

Foto 32- Árvores frutíferas



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: Laranja, pêssego, ameixa, limão, figo.

Foto 33- Cultivo de feijão



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- pinus, B- árvores frutíferas, C- Feijão

Foto 34- Horta



Fonte: A autora, 2014.

Foto 35- Entrada restrita



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: A- Placa de identificação da JBS

AVICULTOR D E O ABANDONO DA ATIVIDADE AVÍCOLA

Como anteriormente destacado em nosso trabalho, a crise da Dour-Frangosul, em 2006, fez com que os avicultores encontrassem extremas dificuldades de produção e de manutenção de seus aviários, de acordo com as exigências feitas pela empresa durante o período da crise. Desta maneira, muitos avicultores foram obrigados pela circunstância que se colocava, à buscar recursos junto as instituições financeiras à altos juros e adquirir empréstimos junto à terceiros, contraindo, desta forma, dívidas que hoje ameaçam suas propriedade ou até mesmo o impedem de se adequar ao projeto de expansão da empresa JBS.

Como forma de demonstrar o quanto a atividade da avicultura moderna pode ser ameaçadora e imprevisível frente às intensas exigências feitas pela JBS e os investimentos necessários para manter a produção e o padrão tecnológico, será apresentada a situação do avicultor D. Devemos salientar que este caso não é um caso isolado em Erebangó, segundo o

técnico da EMATER, um segundo avicultor diante de todas as dificuldades já relatadas acabou por desistir da atividade avícola.

Nascido e criado no meio rural do município de Erebangó em uma localidade chamada Campo Erechim, o avicultor D relata que o local onde mora pertencia a seus pais e como forma de dar continuidade as tradições familiares, há 40 anos, reside naquele espaço e produz algumas culturas herdadas de família. Sua propriedade possui 80 hectares, e os cultivos de soja, milho, canola e trigo são predominantes durante o ano. Porém o agricultor admite:

Hoje a gente produz pouca coisa de lavoura permanente só pro gasto, temos duas vacas de leite, galinha poedeira e frango de granja. No tempo da Cotrigo plantava pepino pra conserva em quantidade e tinha pêssego a vontade pra vender pra cooperativa fazer compota e doce. Depois que a Cotrigo faliu, terminei com tudo, pois vai vender pra quem? (AVICULTOR D, 2014)

Sua família é composta de cinco pessoas, todas trabalham na propriedade e a renda da família é totalmente proveniente da agricultura. O uso de tratores, colheitadeiras e caminhão no trabalho agrícola faz parte da rotina diária da família que, no ano de 1999, optou por dar início à atividade avícola moderna e construiu um aviário. Segundo relato do avicultor, no ano da construção do aviário, uma parte dos recursos para a construção foi adquirida em instituição financeira e a contrapartida por parte da família foi retirada do cultivo de grãos. Segundo ele:

Uma parte eu financiei, o resto foi dinheiro da lavoura, fiz dívidas para pagar em seis anos, dali um tempo quando estava quase pago, veio a crise da Doux e não deu pra mais pra manter. Quando pensei que ia começar a sobrar dinheiro, começou a faltar, e a mulher enlouqueceu, tinha que tirar dinheiro da roça pra bancar o aviário. (AVICULTOR D, 2014)

O avicultor relata que todos os anos tinha que desviar recursos obtidos da lavoura para a manutenção do aviário e pagamento dos três funcionários que trabalhavam no aviário, pois a mão de obra familiar não dava conta do trabalho avícola, combinado junto ao trabalho na lavoura. A crise da companhia Doux-Frangosul, os atrasos nos pagamentos dos avicultores, aliados as intensas cobranças para colocação de piso no aviário, o avicultor já sem recursos, foi obrigado pela empresa a desistir da atividade. A este respeito o avicultor D relata que:

Tivemos toda dificuldade em relação há os investimentos, a gente investiu nisso ali pra ter um retorno e na verdade eu tinha que manter os aviários e os funcionários com o dinheiro da lavoura, porque daí a gente não recebia e não tinha como não pagar quem trabalhava aqui [...] foi uma época muito complicada, e os funcionários não tinham culpa que a gente não recebia. Uma época começaram a matar o serviço no aviário para pressionar o pagamentos, mas até chegar a conversa na empresa vai longe [...]. (AVICULTOR D, 2014)

A respeito das exigências da empresa Doux-Frangosul em relação a colocação do piso no aviário o avicultor D acrescenta:

Já havia tempo que a gente queria parar e com a crise e as mudanças chegou um ponto, no momento que exigiram o piso aí nos obrigamos a parar com a atividade, porque não tinha o que fazer, ou a gente investia ou parava. Quando exigiram que colocasse o piso a gente não tinha como colocar, e daí quando expirou o prazo, comunicaram que se eu não colocasse o piso não iam mais alojar as aves, daí a gente resolveu com a família e achamos por bem parar. Nós íamos ter que financiar, mas pelo alto valor do investimento a família achou de parar, senão íamos arrumar dívidas, por muito tempo. (AVICULTOR D, 2014)

No ano de 2008, quando a empresa JBS alugou as instalações da Doux-Frangosul e assumiu suas dívidas e seus integrados pagando aos avicultores as quantias atrasadas, o avicultor D, tentou resistir às exigências e alojou as aves por mais dois anos, porém diz ele:

O que mais mudou foram os pagamentos. Quando a JBS colocou em dia os pagamentos eles começaram a exigir mais e eu não dei a volta. Era difícil calcular o investimento que eu ia ter que fazer porque cada pouco tinha que fazer mudanças, eles exigiam isso, aquilo, então não sabia dizer por que a gente nunca anotou. (AVICULTOR D, 2014)

Em 2011, já com as tentativas fracassadas de adequar a infraestrutura de acordo com as exigências da JBS o avicultor D resolveu em consonância com a sua família, interromper a atividade avícola. Porém, a estrutura do aviário continua em pé. Conseqüentemente, este ano o avicultor foi procurado pelo técnico da JBS para que refletisse na possibilidade de voltar a produzir ovos para a JBS. Para tanto, no intuito de orçar o investimento que teria que ser feito, o técnico da JBS fez uma avaliação do aviário e relatou ao avicultor, que a infraestrutura de seu aviário já está defasada, e a para comprovar este fato o avicultor D coloca que:

O técnico já me procurou pra voltar a criar galinha, um dos problemas é a mão de obra e as exigências. A gente comentou outro dia com a família de tentar voltar a trabalhar com as aves, só que é muita mudança que tenho que fazer e não sei se é viável, vou ter que investir bastante, 50.000 o piso, 110.000 os ninhos...passa de 200.000 de gastos, é dinheiro! (AVICULTOR D, 2014)

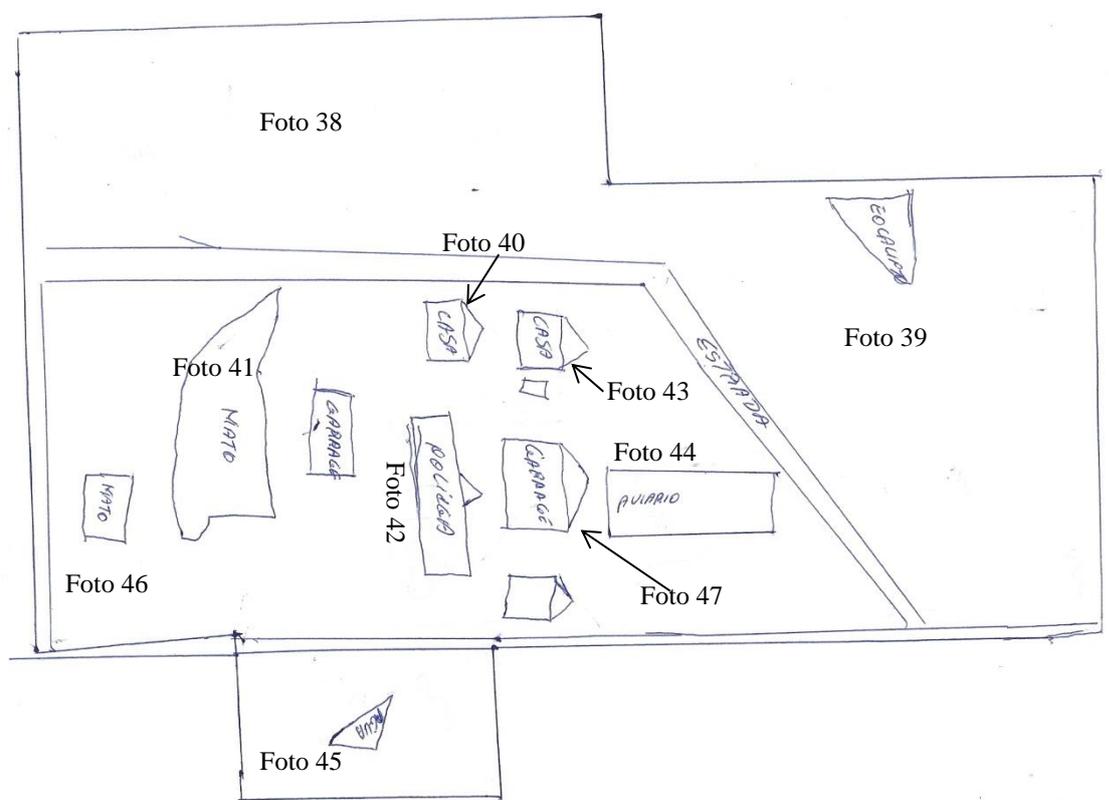
Portanto, as dificuldades do avicultor em atender as exigências tecnológicas de ambas as companhias o levou a enfrentar muitas dificuldades até que por fim a alternativa encontrada para minimizar a escassez de recursos foi à desistência da atividade avícola. Nem mesmo recebendo os pagamentos em atraso o agricultor conseguiu adequar-se as exigências da empresa JBS, nem mesmo a capacidade modernizadora da companhia JBS não conseguiu fazer com que o agricultor mobilizasse seus recursos da lavoura em favor dos objetivos da empresa.

maiores alterações foram a respeito da diversidade animal e de culturas que eram produzidas para o consumo da família. Porém, os galpões, pocilgas e estrebaria permaneceram sem animais durante o período dedicado a avicultura. Segundo o avicultor D entrevistado:

Com trabalho no aviário e na roça não dava tempo para cuidar e alimentar os animais todos os dias e a gente foi se desfazendo deles, uns vendemos, outros levei para um cunhado e outros foram abatidos para carne. A JBS complica demais, tive que mudar de lugar até o galpão das lenhas que ficava perto do aviário aquela vez. A horta virou um mato, e a mulher gosta de fazer o serviço da casa tinha que ficar direto no aviário. Ela no aviário cuidando os empregados e eu na roça. Tenho dois filhos e eles estão estudando e não querem ficar no interior e só eu a mulher e a minha mãe não damos conta do serviço. Até pegamos um rapaz pra trabalhar outro dia, mas ele logo foi embora. (AVICULTOR D, 2014)

A área do mapa mental onde aparecem culturas de milho, trigo, soja com mata nativa e pasto, segundo o agricultor, eram áreas em que essas culturas eram feitas em forma de rotação, sem plantio direto. Neste período, o espaço da mata nativa ainda fazia parte da paisagem da propriedade. Atualmente nesta mesma área de capoeira foi quase que totalmente removida como podemos observar na imagem 11 e o plantio direto de monoculturas como a canola, soja e trigo são a principal fonte de renda da família. Como seguem a seguir fotografias da propriedade.

Imagem 11- Mapa mental da propriedade do avicultor D após a territorialização da avicultura.



Fonte: Avicultor D, 2014

Foto 38- Cultura de milho



Fonte: A autora, 2014.

Foto 39- Área para plantio e gado leiteiro



Fonte: A autora, 2014.

Foto 40- Casa do avicultor D e horta



Fonte: A autora, 2014.

Foto 41- Garagem de máquinas



Fonte: A autora, 2014.

Foto 42- Estrebaria e pocilga



Fonte: A autora, 2014.

43- Casa de lenha



Fonte: A autora, 2014.

Foto 44- Aviário



Fonte: A autora, 2014.

Foto 45- Reserva de água - nascente



Fonte: A autora, 2014.

Foto 46- Mata Nativa



Fonte: A autora, 2014.

Foto 47- Garagem de máquinas



Fonte: A autora, 2014.

Segundo o ex-integrado D, durante o período em que a família se dedicou a avicultura moderna, muitas atividades que a família desenvolvia na unidade de produção foram deixadas de lado, principalmente no que diz respeito à criação de animais. Durante este período, o ex-avicultor mantinha trabalhando no aviário dois funcionários, sua esposa e sua filha. O avicultor com seu filho ficavam responsáveis pelo trabalho na lavoura, então sua esposa ficava encarregada de gerenciar o aviário.

Desta maneira, a família foi se desfazendo dos animais que tinham na propriedade (aves de muitas espécies, cavalo, ovelhas, coelhos e algumas vacas de leite). Porém a infraestrutura responsável por abrigar estes animais permaneceu como se observa na imagem 11. Como já relatado, durante a crise da Doux-Frangosul, a família enfrentou muitas dificuldades financeiras o que os levou a renunciar a atividade avícola e buscar outros métodos de produção. A este respeito Shanin (2008, p.25) considera que:

[...] a resposta do campesinato às situações de crise nas quais eles são submetidos é sobretudo complexa e eles não ficam esperando que alguém traga a solução. As soluções encontradas para o problema de como permanecer camponês e assegurar a subsistência da família costumam ser muito flexíveis, inventivas e criativas.

Mesmo se dedicando a monocultura de grãos a família do ex-avicultor nunca deixou de lado seu modo de vida camponês. No período que se dedicou a avicultura moderna o modo como era de pensar a respeito da diversidade da propriedade sempre esteve presente. Segundo a esposa do ex-avicultor:

Quando nos tínhamos que lidar com as galinhas, larguei mão de tudo, não dava tempo. Meu esposo passava o dia fora com meu filho, e eu tinha que me virar com os empregados. Daí começou a crise e a gente desviava dinheiro da lavoura para o aviário era trabalhar para o diabo dar risada. Eu só pensava nos meus bichos, pois tive que me livrar de todos eles, e os poucos terneiros que ficaram o veterinário vivia

complicando, daí nos vendemos e fiquei sem nada. Quando desistimos das galinhas comecei tudo de novo, fui comprando as criações e construímos a casinha dos coelhos [...] tinha saudade de lidar com eles e a carne e o leite já estavam fazendo falta, não é fácil comprar tudo no mercado [...] e tô tentando fazer os gansos chocarem os ovos, mas não tá fácil.

Percebe-se que há uma complexidade no modo de vida desta família que mesmo desenvolvendo atividades ligadas ao agronegócio, nunca deixaram desejar a diversidade que a agricultura camponesa cultiva e de manter estes elementos na unidade de produção. Shanin (2008) nos diz:

A economia familiar têm seus próprios modelos, suas próprias estruturas e seu próprio significado primordial que não desaparece. [...] os membros da família e o modelo familiar básico de bem-estar econômico estão envolvidos de forma particular num sistema de uso do trabalho que não é trabalho assalariado, mas trabalho familiar. Daí sua capacidade de resolver problemas que outros tipos de economia não resolveriam de uma maneira tão eficaz e pouco dispendiosa. (p.27)

Quando a família em comunhão resolveu que por questões financeiras não conseguiria mais ceder as pressões exercidas pela JBS para a readequação dos equipamentos e manutenção da infraestrutura resolvem que iriam renunciar a atividade avícola. Assim durante visita a propriedade, percebe-se que houve uma refuncionalização do aviário e dos equipamentos que antes eram utilizados como podemos perceber nas fotografias a seguir.

Na fotografia 48, as aves da propriedade do ex-avicultor são criadas com os ninhos de madeira e os bebedouros que restaram do aviário. Hoje, o aviário foi refuncionalizado, e está sendo utilizado para armazenagem de feno, como podemos observar na foto 49 a seguir.

Foto 48- Criação de aves caipiras



Fonte: A autora, 2014.

Foto 49- Aviário desativado



Fonte: A autora, 2014.

Legenda: O aviário desativado atualmente é utilizado para armazenar feno.

A família afirma que a utilização do aviário como estoque de alimento para os animais foi uma forma encontrada de não perder a estrutura e direcioná-la para outro uso. Alguns ninhos de madeira em melhores condições estão sendo utilizados para acomodar as aves de várias espécies que a unidade de produção têm. Os comedouros automáticos, balança e a maior parte dos bebedouros foi vendida.

Após a desistência da atividade avícola, a unidade de produção foi reorganizada, e a inserção de vários animais como ovelhas, cavalos, vacas de leite, bezerros, aves de várias espécies e coelhos foram reintroduzidos na propriedade tornando-a diversificada. A família também se dedica ao cultivo de horta além de produzir para consumo próprio mandioca, batata-doce, tomate e cebola. O leite é destinado a produção de queijo e seus derivados. A família têm como planejamento futuro a criação de uma agroindústria de pães. Segundo a esposa do avicultor D: “Eu com aviário não lido mais, já fiz vários cursos de bolachas, pães e massas e pensava em abrir uma agroindústria de pães, mas isso pro ano que vem [...]”

Para compreendermos as alterações na paisagem dos territórios da avicultura moderna pesquisados, é necessário partir dos elementos que a realidade material oferece para investigação. Para tanto torna-se necessário, primeiro, considerarmos o conceito de paisagem. Conforme Santos (1988, p.21) a paisagem é: “Tudo aquilo que nós vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos odores, sons e etc.”

As modificações perceptíveis e visíveis nas unidades de produção apresentadas demonstram que a paisagem se transformou para atender uma nova forma de produzir a avicultura moderna do mesmo modo que anteriormente se transformou com a chegada da Revolução Verde. A avicultura moderna apresenta-se como uma nova etapa da modernização da agricultura nestes estabelecimentos. Neste sentido Santos (1988) afirma:

O trabalho manual foi sendo relegado a segundo plano, e a maquinaria foi sendo cada vez mais usada até chegar a automação. A produção do espaço é resultado da ação do homem agindo sobre seu espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a produção de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas. (p.22)

A territorialização da avicultura moderna exigiu que as unidades de produção reorganizassem sua paisagem de forma a atender as exigências de um mercado consumidor internacional, e através do uso do território buscamos observar e compreender as modificações e dinâmicas que permeiam as unidades de produção de ovos de Erebangó. Compreendemos que as unidades de produção de ovos regrados através dos contratos de integração, organização social do trabalho e atreladas a uma tecnologia dinâmica apresentam-se como uma extensão da companhia JBS.

Como uma extensão da companhia as unidades de produção de ovos atendem a um modelo de disposição de sua infraestrutura, como poderemos observar nas fotografias 50-51 a seguir. A disposição dos aviários segue um padrão que a princípio é determinados por

elementos naturais como direção dos ventos, sol e a água, pois as aves exigem a presença permanente de claridade natural durante o dia, ventos leves e água em abundância. As condições de sol e ventos são determinadas pela declividade ou não do terreno. Para tanto, as áreas destinadas à construção dos aviários devem ser planas ou niveladas através de terraplanagem.

Foto 50- Aviário do avicultor A



Fonte: A autora, 2014.

Foto 51- Aviários do avicultor C



Fonte: A autora, 2014.

A aparência e características de ambas as unidades de produção são muito semelhantes. A disposição dos aviários com suas cores azul e branca são as características mais marcantes, além da existência de árvores como pinus e eucalipto que formam uma espécie de ilha ao redor de toda a área destinada à avicultura. As cercas de tela ou arame farpado presentes nas áreas de produção avícola representam a afirmação da empresa JBS no uso e na administração do território.

Outro elemento que demarca o uso do território pela JBS e torna-se componente em comum destas unidades de produção são as placas de identificação da companhia com o *slogan* da JBS e o nome do produtor aliada a entrada restrita, uma estrada de acesso aos aviários onde é permitida somente a entrada de caminhões de transporte de ovos, técnico veterinário, material de coleta e caminhões de transporte das aves. Destarte, as unidades de produção de ovos precisam providenciar duas estradas de acesso uma para os aviários e a outra para o restante da propriedade.

Por consequência compreendemos que as unidades de produção atreladas a avicultura moderna estão sofrendo um processo de “padronização da paisagem”. As propriedades com a entrada da avicultura moderna abrem mão de outras formas de produzir, algumas são mais resistentes, mas, a paisagem não deixa dúvidas de que a monopolização do território pelo capital se introduziu ali.

O que nossa visão e nossos sentidos detectam é que a diversidade das cores, sons, cheiros e formas se reduzem e abrem espaço para o branco e azul dos aviários misturado ao verde do pinus e eucalipto. O cacarejar das aves se torna alto e uníssono, anulando facilmente os demais sons que fazem parte daquela unidade de produção. O cheiro das aves, esterco e formol com o tempo se torna habitual e com o passar do dos dias nem é percebida, e as formas tornam-se cópias fiéis umas das outras caindo na mesmice.

Esta “paisagem padronizada” afirma a uniformização do que se produz e da forma de produzir em que se utilizam as mesmas tecnologias os mesmos produtos onde o circuito de espacial de produção percorrido será o mesmo até chegar ao invariável mercado consumidor. As dificuldades financeiras enfrentadas e as doenças nas aves serão as mesmas. O modo de vida de quem desta atividade sobrevive, será o mesmo. Enfim tudo acaba por padronizar-se com exceção das técnicas e tecnologias que sofrem um processo de transformação constante. Por isso mesmo, Santos (1988, p.24) assevera: “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca na história do trabalho, das técnicas.”

Visto a companhia JBS estar sempre em busca de territórios com o objetivo de ampliar sua produção sem que necessite comprar terras para produzir, trata-se de um processo de monopolização do território pelo capital que é expresso na paisagem. Ocorre uma reorganização do território e das relações econômicas que são pautadas através dos contratos de integração.

Um novo uso do território fica expresso na paisagem. O avicultor, por sua vez, passa a subordinar sua unidade de produção e o trabalho de sua família e de seus funcionários à empresa JBS que controla a forma de produção e as relações sociais que se estabelecem dentro das unidades de produção e passa a exercer a função de proprietária da terra, marca que fica expressa pela placa de identificação da companhia na entrada restrita das unidades de produção.

A monopolização do território pelo capital é a forma em que o capital cria condições para as propriedades produzirem matéria prima para as empresas capitalistas através dos contratos de integração, acesso de crédito à longo prazo, parceria de empresas e poder público, projeto de expansão da produção e aval da empresa junto as instituições financeiras como forma de facilitar o acesso ao crédito para agricultores interessados em expandir sua produção de ovos o que acaba por sujeitar a renda da terra do avicultor ao capital. Desta

maneira a cada introdução ou reintrodução de elementos ligados a avicultura a paisagem se altera, mas a monotonia da paisagem tende a se perpetuar.

EXPANSÃO DA AVICULTURA MODERNA SOB O SIGNO DA ALTERNATIVA

A avicultura moderna apresentou-se aos agricultores do município como “alternativa” aparentemente atraente, mediante as dificuldades que envolvem a monocultura, e a falta de políticas públicas municipais voltadas a apoiar o cultivo de erva-mate, fruticultura, produção de leite, etc. Esta atividade territorializou-se no município sob o endividamento de algumas famílias que optaram por desenvolver essa atividade.

Essa foi a alternativa escolhida por um grupo seletivo de 14 famílias de pequenas propriedades, sendo que hoje somente 12 continuam trabalhando na avicultura moderna. Esta “alternativa” de produção não foi atraente para os grandes produtores, pois teriam que se ocupar e se preocupar com uma atividade que requer alto investimento financeiro, esforço e dedicação, sendo que o monocultivo de grãos exige esforço somente em determinadas épocas do ano e este trabalho é facilitado com o uso de insumos agrícolas.

Portanto nos atrevemos a dizer que a avicultura moderna é uma atividade que demanda o pequeno agricultor, com qualidades da agricultura familiar importantes para o desenvolvimento da atividade avícola, como residir no local onde estão os aviários e despender um cuidado constante com o processo produtivo, e que busca apoio muitas vezes no poder municipal para que possa desenvolver outras culturas, mas sem apoio acaba por permitir a monopolização de sua propriedade pelas facilidades que o capital possibilita como acesso a altos recursos e aval da empresa junto a instituições financeiras e longos prazos de pagamento.

Essa “alternativa” através dos contratos de integração subordina a produção de ovos à dinâmica de uma parte do circuito espacial de produção da JBS, além de obterem controle total do fornecimento de matéria prima a preços, prazos, quantidades e qualidade sob sua inteira subordinação. Dentro desta dinâmica, o avicultor recebe toda a responsabilidade sob o processo de produção dos ovos, adequação dos aviários dentro dos padrões de produção internacional além de seu trabalho e de seus funcionários serem totalmente controlados pela JBS que extrairá toda a lucratividade possível.

Com o objetivo de manter a “alternativa” produtiva os avicultores são impelidos constantemente pela empresa a atender os métodos e técnicas produtivas impostas e se veem obrigados a buscar pesados investimentos, e se readequar constantemente as exigências do mercado. A perda de autonomia mediante a organização e a gestão da propriedade também é parte constituinte desta “alternativa” e uma das estratégias da monopolização do território pelo capital, pois as unidades de produção se tornam uma extensão da JBS, então a empresa se apropria do estabelecimento, lá projeta relações de poder sem ter que investir seu capital na compra de terras.

A integração com a empresa JBS fez com que os agricultores e as propriedades entrem em um processo de subordinação a empresa JBS e percam sua autonomia com relação e gestão e a organização de suas propriedades. Os avicultores submetem seu trabalho e seus meios de produção a serviço do capital. De acordo com as entrevistas grande parte do retorno financeiro dos avicultores é investido nas constantes exigências feitas pela empresa. Isso faz com que os recursos retornem ao sistema de produção sob forma de inovações tecnológicas ou manutenção das instalações.

Esta “alternativa” exige uma maior intensidade de trabalho. Por se tratar de produção de ovos, para as aves não existe final de semana, férias ou feriados deste modo o avicultor é impelido a trabalhar semana após semana tornando-se a avicultura um trabalho exaustivo.

Em vista de todos esses apontamentos torna-se imprescindível exprimir que a avicultura moderna sob o signo da “alternativa” é uma atividade que se processou de forma seletiva e excludente, afirmação que pode ser amparada na integração de apenas 12 famílias do município que continuam trabalhando na atividade mesmo diante da intensa pressão por parte da JBS na introdução de equipamentos modernos e tecnologia avançada na produção de ovos.

A complexificação das atividades avícolas tornou o mercado mais incerto e dinâmico. A cada dia surgem novas tecnologias, técnicas que na maioria das vezes estão longe do alcance dos avicultores. Qualquer negação dos agricultores em atender a nova dinâmica tecnológica de produção poderá implicar um rompimento instantâneo com a JBS. Assim sendo, aderir à avicultura moderna como atividade única e principal fonte de renda das famílias é um ato de alto risco financeiro e compromete as potencialidades das propriedades.

No capítulo I foram apresentados algumas alternativas que apresentam grande potencial de produção que dialogam com o patrimônio cultural/produtivo camponês como: transformação artesanal de alimentos, cultivo de erva-mate industrializada e in-natura,

produção de leite e seus derivados, fruticultura, etc. que compreendem formas alternativas de trabalho e sobrevivência. A diversificação produtiva diminui os riscos de se ter apenas uma atividade como principal fonte de renda. Porém para o poder público torna-se muito mais fácil gestar políticas voltadas ao agronegócio, que se resumirá a poucas intervenções (manutenção de estradas, disponibilização de técnicos).

Como a produção de ovos tem elevada capacidade de escoamento no mercado, os retornos financeiros através dos impostos são certos. Por outro lado incentivando a diversificação, o poder público municipal teria que se desdobrar para propiciar razoáveis condições de produção, logística, assistência técnica e comercialização. Atualmente, no município de Erebangó a prefeitura juntamente com a EMATER não possui programas voltados a atender diferentes alternativas de produção e de renda.

Apenas é disponibilizado aos agricultores, assistência técnica da EMATER e cursos voltados a panificação, produção de conservas, queijos e geleias, para consumo familiar. Porém, o técnico da EMATER explica que não há uma demanda por estes produtos de forma a introduzi-los no mercado consumidor, com exceção do leite e da erva-mate. Este último é amparado pela empresa de beneficiamento e comercialização de erva-mate que existe no município há muitos anos, comprando através de atravessadores a erva-mate produzida nos estabelecimentos agropecuários. Porém, o espaço erebanguense se encontra monopolizado tanto pela monocultura de grãos como pela avicultura moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 1999, a avicultura moderna de postura como “alternativa” está transformando gradativamente as unidades de produção em que se territorializou. A dinâmica de modernização da atividade tem se manifestado de forma expressiva nas unidades de produção que buscam adequar-se as exigências da companhia JBS, e desta forma, muitos dos avicultores integrados adquiriram dividas a longo prazo, ficando impedidos de adquirir novos recursos para a manutenção da atividade e ficando sujeitos ao rompimento dos contratos de parceria.

Os contratos de parceria constituem-se como instrumentos de acordo entre a JBS e os avicultores de Erebangó para obtenção de matéria prima (ovos). Mas além disso, torna-se instrumento de intervenção da empresa na propriedade que é firmada pela presença constante do técnico na unidade de produção que de forma sutil tornam-se os olhos da empresa dentro da propriedade apontando as formas de gerencia da propriedade e dos aviários ao mesmo tempo em que representa um dos meios pelos quais sua territorialização se processa. Desta maneira, o avicultor perde gradativamente a autonomia em relação à gestão de sua propriedade.

Neste sentido, as unidades de produção subordinam-se a um processo de dominação através de técnicas e tecnologias e pela produção de grãos (milho, soja e trigo) e pela avicultura moderna, alternativas atreladas ao agronegócio que submete e transforma a territorialialidade camponesa conforme os interesses de reprodução ampliada do capital. E para que esse processo se efetive, é necessário à implantação de infraestruturas, um dinamismo econômico e da sociedade além de formas de organização do trabalho orientadas e treinadas a produzir conforme as exigências do mercado externo.

O conceito geográfico de “território usado” nos auxilia na compreensão da dinâmica territorial da JBS dentro destas unidades de produção, visto que essas unidades se tronam uma extensão da JBS, por participarem de uma parte do circuito espacial de produção de ovos férteis. Este uso do território se faz por meio da introdução de infraestruturas, circulação de mercadorias, informações, ordens, capital e movimento de homens. Desta maneira os usos do território das unidades de produção foram sendo modificados conforme cada momento

histórico. Em um primeiro momento com a produção de grãos (soja, milho, trigo) e posteriormente pela avicultura moderna.

Destarte ocorre um novo uso do território nas unidades de produção onde a avicultura moderna se territorializou com a produção pautada no uso da técnica e da tecnologia para artificialização da produção de ovos voltadas a atender um mercado internacional. No município de Erebango encaminha-se para uma especialização na produção de ovos incubáveis, destinados a produzir frango de corte para exportação.

Esta forma de produção tem feito com que os agricultores tenham se constituído como capitalistas desde os pontos de vista da produção e das relações de trabalho, transformando a agricultura familiar, no que se refere as suas características de produção/integração. Porém, a tendência é a concentração da produção por alguns produtores, que têm ampliado ou ampliarão a escala de produção, o que demandará mais contingentes de trabalhadores assalariados. Por outro lado alguns produtores poderão desistir da atividade se não se enquadrarem no perfil exigido pela empresa, ou seja, a avicultura moderna é uma atividade excludente e concentradora.

Ocorre também uma mercantilização das relações sociais uma vez que há a inserção de trabalhadores assalariados juntamente com o trabalho familiar. Estes se tornam mercadorias a disposição do capitalismo e da empresa JBS, pois precisam produzir matéria prima de acordo com as normas e os olhares da empresa. A contratação de trabalho assalariado irá variar de acordo com a tecnologia implantada em cada unidade de produção, podendo chegar a um trabalhador por aviários se estes forem adaptados com tecnologia de ponta, por exemplo, para a coleta dos ovos.

Um novo uso do território fica expresso na paisagem. O avicultor, por sua vez, passa a subordinar sua unidade de produção e o trabalho de sua família e de seus funcionários à empresa JBS que controla a forma de produção e as relações sociais que se estabelecem dentro das unidades de produção e passa a exercer a função de proprietária da terra.

A monopolização do território pelo capital é a forma encontrada pelo capital de cria condições para as propriedades produzirem matéria prima para as empresas capitalistas através dos contratos de integração, acesso de crédito à longo prazo, parceria de empresas e poder público, projeto de expansão da produção e aval da empresa junto as instituições financeiras como forma de facilitar o acesso ao crédito para agricultores interessados em expandir sua produção de ovos o que acaba por sujeitar a renda da terra do avicultor ao capital.

Este processo de monopolização do território pelo capital segue em busca de novos territórios para ampliar sua dinâmica de produção. A territorialização da empresa JBS em Erebango segue sempre em busca de oportunidades locacionais e logísticas, objetivando integrar um maior número de famílias, valendo-se das oportunidades de negócio que já existem. Atualmente, através do projeto de expansão da produção de ovos, objetivam aumentar a quantidade de aviários para as famílias que já são integradas, para expandir sua territorialidade, a fim de otimizar os investimentos com transporte das aves, ovos e ração e assistência técnica diminuindo assim as despesas da empresa.

A avicultura moderna apresenta-se como uma alternativa excludente para a agricultura familiar do município por possuir um número muito pequeno de famílias integrada, atividade que se configura como uma forma agrícola tipicamente capitalista que requer alta eficiência produtiva monopolizando de forma intensa os estabelecimentos e a racionalidade das famílias, destituindo as potencialidades socioeconômicas da agricultura camponesa.

A agricultura familiar que outrora, se fez presente na formação territorial do município, atualmente foi substituída por relações capitalistas de produção, uma vez que a integração das famílias a JBS impõe que parte do trabalho nos aviários seja exercida por mão de obra da família pelos cuidados que esta atividade exige, pois os equipamentos utilizados estão longe de substituir os cuidados que o trabalho humano pode oferecer. Portanto há uma linha tênue entre a racionalidade familiar de produção e a racionalidade que a empresa impõe no modo de produzir que ainda estão longe de serem desveladas e nosso trabalho nasce como os primeiros passos para entender melhor a dinâmica da avicultura moderna de produção de ovos férteis.

A monopolização do território pelo capital está exatamente na “sujeição da renda da terra”, que é gerada pelo trabalho familiar. Este trabalho familiar está contido nos produtos que os avicultores colocam no mercado e o interesse dos capitalistas é se apropriar desse trabalho através dos produtos, ou seja, se apropriar da renda da terra.

A maior parte da riqueza que é produzida pelos avicultores é apropriada pelos bancos, indústrias produtoras de equipamentos, redes de supermercados e principalmente pela JBS que se apropria das maiores fatias dessa riqueza produzida exigindo a cada novo lote de aves que os avicultores façam manutenção de suas infraestruturas, substituam equipamentos e introduzam equipamentos novos, além de submeterem os avicultores este ano de 2014 ao projeto de ampliação da produção de ovos. O não cumprimento das exigências infraestruturais

e tecnológicas determinados pela empresa pode levar ao rompimento do contrato de parceria avícola como ocorreu com o avicultor D.

A implantação dos aviários e objetos técnicos sobre o território constitui-se uma dimensão importante de análise da territorialização da avicultura moderna, pois através da paisagem percebemos as modificações e dinâmicas que estão sendo submetidas as unidades de produção que estão caminhando para uma “padronização da paisagem” afirmando a massificação do que se produz da forma de produção em que se utiliza as mesmas tecnologias os mesmos produtos onde o circuito de espacial de produção percorrido será o mesmo até chegar ao invariável mercado consumidor

Há que se ressaltar porém, que os trabalhos a respeito da avicultura moderna de postura são escassos e muitas vezes nos faltam categorias de análise para explicar os fenômenos, porém nosso esforço consiste em um primeiro momento na compreensão dos fatos uma vez que a avicultura moderna de postura é uma atividade praticamente nova no circuito espacial de produção.

A dinâmica técnica e tecnológica que envolve esta atividade são assustadoras, uma vez que neste exato momento em que me encontro escrevendo estas considerações, o técnico está sentado na sala com meu namorado falando a respeito do surgimento de um novo equipamento que embala os ovos e os leva até a sala onde são estocados, sem que ocorra o contato manual com qualquer pessoa.

Nossas palavras diante da dinâmica avícola estão longe de serem conclusivas pelos motivos já citados. Porém, configuram o início de uma longa caminhada na tentativa de compreender como se processa a territorialização da avicultura moderna e os reflexos disso no espaço local, e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

AMBONI, Vanderlei. **O nascimento do capital como relação e processo social: a subsunção do trabalho ao capital.** [S.L.:s.n.]

Anuário Brasileiro de aves e suínos 2012. Editora Gazeta. In: http://www.grupogaz.com.br/editora/anuarios/lista_categoria/cat:21

Aviários: Dour Frangosul deve cerca de R\$ 1 milhão para produtores da região. A folha regional. Getúlio Vargas, 12 março de 2011. Disponível em:<www.getulio.com.br>. Acesso em: 25 jul. 2014.

BALZA, Guilherme. Campeã em doações, Friboi virou gigante de carne com R\$ 10 bilhões do BNDES. Disponível em: < <http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/08/10/campea-em-doacoes-friboi-virou-gigante-da-carne-com-r-10-bi-do-bndes.htm>>. Acesso em 11 set. 2014.

BELUSSO, Diane. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no oeste do Paraná.** Presidente Prudente, 2010.

_____. **As agroindústrias Catarinenses: O caso Sadia.** UFSP, 1996.

BURGARELLI, Rodrigo; BRAMATTI Daniel. **Três empresas bancam 39% da campanha.** Jornal o Estadão. Disponível em:< <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,tres-empresas-bancam-39-da-campanha,1555032>>. Acesso em: 11 set. 2014.

CHAVES, Fábio. JBS- Friboi contrata Tony Ramos em campanha de publicidade milionária. Disponível em:< <http://vista-se.com.br/jbs-friboi-contrata-tony-ramos-em-campanha-de-publicidade-milionaria/>>. Acesso em 11 set.2014.

CHAVES, Fábio. R\$ 25 milhões teria sido o cachê de Roberto Carlos para fazer a propaganda da Friboi. Disponível em:< <http://vista-se.com.br/r-25-milhoes-teria-sido-o-cache-de-roberto-carlos-para-fazer-a-propaganda-da-friboi/>>. Acesso em 10 set. 2014.

CHELOTTI, Marcelo Cervo; CASTANHO, Roberto Barboza. **Territórios da lavoura de arroz e de soja no Rio Grande do Sul: Especificidades na produção do espaço agrário regional.** Sociedade & Natureza, Uberlândia, jun.2006.

COOB: Nossa História. Disponível em:< <http://www.cobb-vantress.com/languages/portuguese/about-cobb/our-history>>. Acesso em 29 set. 2014

EDUARDO, Márcio Freitas; LINDO, Paula Vanessa de Faria. **Agroecologia e cartografia: O mapa mental como instrumento de representação do território camponês.** Erechim: UFFS,

FILHO, Eraldo da Silva Ramos. **A ofensiva do capital no campo brasileiro e a resistência do campesinato.** Revista Nera, junho, 1995.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Feedados. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br>>. Acesso em 06 jun.2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jun.2014.

JBS avança no ranking das 100 empresas de melhor reputação corporativa no Brasil. Disponível em:< http://www.jbs.com.br/pt-br/centro_midia/press_releases/jbs-avanca-no-ranking-das-100-empresas-de-melhor-reputacao-corporativa> Acesso em 10 set. 2014.

JBS cria programa de TV para se aproximar dos pecuaristas. Disponível em:< <http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/jbs-cria-programa-de-tv-para-se-aproximar-dos-pecuaristas>> Acesso em: 1º set.2014.

JBS. História. Disponível em:< <http://www.jbs.com.br/pt-br/historia>>. Aceso em: 07 set. 2014.

JBS. Negócios. Disponível em:< <http://www.jbs.com.br/pt-br/negocio/jbs-carnes>> Acesso em: 10 set. 2014.

LOPES, Fernando. JBS avança no segmento de biodiesel no país e já exporta. Agronegócios. Disponível em:< http://www.jbs.com.br/sites/jbs.com.br/files/jbs_avanca_no_segmento_de_biodiesel_no_pais_e_ja_exporta.pdf>. Acesso em: 11 set.2014.

MATOS, Patrícia Francisca; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. Geo UERJ. Ano 13, nº 22, v.2, 2º semestre de 2011.

MISUZAKI, Márcia Yukari. **Monopolização do território e reestruturação produtiva na avicultura em Mato Grosso do Sul**. Tese (Programa de Pós Graduação em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma geografia dos camponeses**. São Paulo: UNESP, 2006. Cap.3, p.104-144.

PEREIRA, João Junior Bonfim Joia; FRANCIOLI, Fatima Aparecida de Souza. **Materialismo Histórico-dialético: contribuições para a teoria histórica cultural e a pedagogia histórico crítica**. Londrina, 2011.

RAMIRES, Júlio Cesar de Lima & PESSOA, Vera Lúcia Salazar (org.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009.

RECONDO, Felipe; GALLUCCI, Mariângela. Maior doador de Dilma deve para o BNDES. Jornal Estadão. Disponível em:< <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,maior-doador-de-dilma-deve-para-o-bndes,647650>> Acesso em: 11 set. 2014.

RIO, Pedro Soares do. Frigoríficos recebem R\$ 13 bi. Do BNDES, mas enfrentam problemas. Jornal a Folha de São Paulo. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/148356-frigorificos-recebem-r-13-bi-do-bndes-mas-enfrentam-problemas.shtml>> Acesso em: 11 set.2014.

SHANIN, Teodor. **Lições camponesas**. In. PAULINO E. T; FABRINI J. E. (Org) **Campesinato e territórios em disputa**: São Paulo, Editora Expressão Popular, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011. Cap. 1,6.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec: São Paulo, 1988.

SOUZA, Marcelo L. de. **Sobre o espaço: Território Autonomia e Desenvolvimento** In CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SPINDOLA, Carlos José. **Trajetórias do progresso técnico na cadeia produtiva de carne de frango no Brasil**. Geosul, Florianópolis, v. 27, n. 53, p 89-113, jan./jun. 2012.

ANEXO A- ROTEIRO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM AVICULTORES INTEGRADOS

1. Informações gerais atuais

- Localidade
- Área da propriedade
- Área colhida (milho, soja, trigo, outros)
- Área destinada aos aviários
- Quantas pessoas da família moram na propriedade?
- Quantas pessoas ocupadas com a avicultura moderna ou ocupam outra função?
- Há quantos anos possui a propriedade?
- A renda é apenas do estabelecimento ? (assalariados, aposentados, etc)
- Possui máquinas e equipamentos agrícolas?

2. Trajetória Familiar

- Histórico e evolução da família;
- A qual atividade se dedicava antes da avicultura;

3. Mudanças anteriores e posteriores a JBS

- O que mudou da Dour para JBS?
- Como foi à crise da Dour?
- De que forma a propriedade se manteve durante o período de crise?
- Desenhar um mapa mental da propriedade antes e depois da avicultura;

4. Avicultura

- Como era a avicultura antiga, quais foram as mudanças que ocorreram para a avicultura moderna?
- Por que a escolha dessa atividade?
- Como funciona a integração com a empresa?
- Dados sobre investimentos na avicultura?
- Faz controle de gastos?
- Como enxerga a avicultura hoje, suas potencialidades e limites

ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O TÉCNICO DA JBS

- Formação;
- Trabalha há quanto tempo na JBS?
- O que mudou no âmbito da assistência técnica após o arrendamento da Doux pela JBS?
- Como era e como é o sistema de integração?
- Como Erebango participa da divisão territorial do trabalho?
- Como funciona o sistema produtivo de ovos?
- Como enxerga a avicultura em geral e em Erebango?
- Fale sobre o projeto de ampliação da produção em Erebango.

